

A sepia-toned portrait of Carl Jung, an older man with a mustache and round glasses, wearing a dark suit and a bow tie. The portrait is the background for the entire cover.

A SABEDORIA DE
Carl Jung

EDWARD HOFFMAN
ORGANIZADOR



PALAS ATHENA



Edward Hoffman
organizador

A SABEDORIA DE

Carl Jung

Tradução:
Cecília Prada



Título original: *The Wisdom of Carl Jung*
Copyright © 2003, Philosophical Library, Inc.
Selection copyright © 2003, Edward Hoffman
Copyright foto capa © Bettmann/Corbis/Stock Photos

Projeto editorial *Emilio Moufarrige*
Revisão técnica *Humberto Mariotti*
Revisão de provas *Adir de Lima*
Diagramação *Maria do Carmo de Oliveira*
Capa *Eder Cardoso da Silva*
Impressão e acabamento *Gráfica Palas Athena*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Internacional (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

A sabedoria de Carl Jung / Edward Hoffman, organizador ; tradução Cecília Prada. -- São Paulo : Palas Athena, 2005.

Título original : *The Wisdom of Carl Jung*

Bibliografia.

280 págs. 16 x 23 cm

ISBN 85-7242-056-8

1. Jung, Carl Gustav, 1875-1961 2. Jung, Carl Gustav, 1875-1961 -Psicologia I. Hoffman, Edward.

05-5483

DD- 150.1954

Índices para catálogo sistemático:

1. Jung, Carl Gustav : Obras psicanalíticas : Crítica 150.1954

Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei 9610 de 19 de fevereiro de 1998.

É proibida a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios,
sem a autorização prévia, por escrito, da Editora.

Direitos adquiridos para a língua portuguesa por

EDITORA PALAS ATHENA

Rua Serra de Paracaina, 240 - Cambuci

01522-020 - São Paulo - SP - Brasil

fone: (11) 3209.6288 - fax: (11) 3277.8137

www.palasathena.org editora@palasathena.org

2005

A *K. Dean Stanton*, amigo e colega

Introdução à tradução brasileira de “A sabedoria de Carl Jung”

Carl Jung nunca teve a oportunidade de visitar o Brasil. No entanto, tenho a certeza de que, se fosse vivo hoje, gostaria de ver a ênfase que os brasileiros dão à criatividade, ao amor e à espiritualidade como aspectos vitais de nosso mundo interior. Porque essa perspectiva valiosa é exatamente o que Jung tentou desenvolver internacionalmente no seu próprio influente sistema psicológico. O interesse maciço e crescente na obra e na vida de Jung testemunha nitidamente seu sucesso nessa direção.

Embora Jung tenha passado quase a sua vida inteira na Suíça, onde nascera, pela sua imaginação e por seus estudos vagou por todo o globo e pela história humana. Nada do que pertence à nossa psique – com suas profundezas vastas e recônditas – esteve realmente afastado do seu interesse. Estudando religiões antigas e mitologia, sonhos e simbolismo artístico, romance moderno e sexualidade, distúrbios emocionais e conflitos – e até mesmo ocultismo, fenômenos psíquicos e tradições místicas como a cabala – Jung foi um visionário que nunca ficou satisfeito com as visões convencionais. Na sua procura pela sabedoria, lançou um olhar muito além dos confins estritos da moderna civilização européia e de suas ramificações norteamericanas.

Décadas antes de a procura do potencial humano tornar-se popular em uma ampla escala internacional, Jung foi um explorador e um pioneiro ativo. Acreditava, muito mais do que o seu mentor Sigmund Freud e outros contemporâneos, que a mente humana contém vastos mistérios que transcendem nossas noções ordinárias de tempo e de espaço. Na verdade, com conceitos fascinantes como o de *sincronicidade*, Jung insistiu que o nosso mundo interior transcende até mesmo os limites da causalidade. Como tentei mostrar nesta antologia, ele considerava as nossas mais elevadas capacidades não apenas como basicamente desconhecidas – mas talvez também virtualmente ilimitadas.

Há várias décadas Jung escreveu, numa de suas intuições: “Estou convencido de que a investigação da psique é a ciência do futuro. A psicologia é a mais jovem das ciências e está somente no início do seu desenvolvimento. É, porém, a ciência da qual mais necessitamos”.

Tais sentimentos são bastante importantes para o Brasil – um país jovem e dinâmico, cujas energias criadoras são muito necessitadas no mundo de hoje, mas devem ainda ser completamente expressas. Tendo prazerosamente feito palestras e trabalhado no Brasil nos últimos anos, não tenho dúvida de que a sua visão humanística desempenhará um papel cada vez mais vital na nova psicologia que hoje está emergindo em escala global. Esta é uma abordagem que enfatiza muito mais as nossas qualidades emocionais saudáveis do que as patológicas – e especialmente a nossa capacidade de viver integralmente e com alegria.

Espero que a tradução para o português de A SABEDORIA DE CARL JUNG leve esse avanço a

todos os que estão preocupados com o verdadeiro potencial da humanidade para amar, sonhar e criar.

Edward Hoffman

Sumário

Prefácio

Agradecimentos

PARTE 1: A vida de Carl Jung

PARTE 2: Escritos selecionados

A visão de Jung sobre seu próprio trabalho

Entendendo a psique humana

Infância, filhos e pais

Individuação: tornando-se o seu próprio e verdadeiro self

O pessoal é também global

Criatividade, gênio e inovação

Amor, sexo e intimidade

A arte da psicoterapia

Religião, mito e filosofia

Nossa alma divina: a fonte do misticismo e do paranormal

Educação, mudança social e desenvolvimento do mundo

Conselhos para uma vida de sucesso

Lista de fontes

Referências

Índice remissivo

Agradecimentos

Embora este livro tenha germinado em sua forma conceitual durante vários anos, o editor sênior Bob Shuman, da Kensington Publishing, deu o seu entusiástico “vá em frente” à minha agente literária, Alice Martell, para que ela pudesse fazê-lo acontecer.

Ao longo dos anos, participei de muitas discussões estimulantes com Dr. Gerald Epstein, Jack Fei, Marcos Florence, Dr. Steven Joseph, Dr. Ariel Maidenbaum, Dr. Ted Mann, Dr. Samuel Menahem, Paul Palnik, Dr. Russ Reeves, K. Dean Stanton, a falecida Alyce Tresenfeld e Dr^a. Marcella Bakur Weiner sobre os tópicos psicológicos centrais desta antologia. Tais diálogos têm sido para mim uma fonte de contínua inspiração. Meus colegas internacionais, Professor Xu Jinsheng, do Instituto de Ciências Sociais em Pequim, e os professores Naoki Nomura, Shoji Muramoto e Yoshikazu Ueda, no Japão, realçaram meu apreço em relação às questões transculturais na ciência social. Como assistentes de pesquisa, Harvey Gitlin, Linda Joyce e Mia Song têm sido ativas e eficientes. No *front* doméstico, quero agradecer à minha família por seu apoio constante ao meu trabalho terapêutico e à minha atividade como autor.

PARTE I

A vida de Carl Jung

Carl Jung é visto como um dos maiores pensadores psicológicos dos tempos modernos. Ao lado de Sigmund Freud e do médico vienense Alfred Adler, o suíço Jung é considerado um dos três fundadores da teoria da personalidade e da psicoterapia. O surpreendente é que, enquanto o sistema de psicanálise de Freud caiu em descrédito e a abordagem de Adler (chamada psicologia individual) foi absorvida pela área de orientação infantil e aconselhamento familiar, tendo seu trabalho sido praticamente esquecido, Jung tornou-se mais influente do que nunca, desde sua morte em 1961. Não só na América do Norte e na Europa, mas no mundo todo e cada vez mais, as idéias de Jung sobre nosso mundo interior exercem hoje um impacto sem precedentes.

Por exemplo, o Indicador Tipológico Myers-Briggs (derivado da teoria junguiana) é o instrumento de avaliação da personalidade mais utilizado no mundo. Do mesmo modo, as fascinantes idéias de Jung sobre crescimento interior e totalidade, envelhecimento e experiências místicas como a sincronicidade influenciaram áreas profissionais que abrangem o aconselhamento, a educação, a psicologia, a psicoterapia e a teologia, e também toda nossa cultura nos dias de hoje.

Enquanto Freud e seus seguidores temiam tudo o que se desviava do racionalismo ocidental, Jung via a espiritualidade e a imaginação como forças vitais e criativas. Toda a sua vida dedicada à exploração de antigos sistemas de conhecimento – como o taoísmo e o *I Ching*, a ioga e a meditação hinduísta, a Cabala e o gnosticismo – ampliaram imensamente a ciência da psique humana.

Tal como ocorreu com outros grandes visionários, Carl Jung foi incompreendido e difamado durante grande parte de sua longa carreira. Suas pesquisas sobre mitologia, alquimia e religião comparada freqüentemente tornaram seu nome um tabu nos círculos psicológicos mais conservadores. Um caso típico era Jung ser descartado como “místico” por defender idéias radicais e não-ortodoxas sobre a mente humana. Mas Jung nunca deixou de assinalar que a ciência quase sempre rotulava como “místico” ou “supersticioso” aquilo que não conseguia compreender. Já nos anos finais de sua vida, Jung alertou repetidas vezes que foi o nosso fracasso deliberado em reconhecer, e muito menos confrontar, nosso lado escuro, o lado da sombra, que produziu duas guerras mundiais e bem poderia resultar em um Armagedon nuclear. No entanto, ele tinha esperança de que a importância de suas descobertas sobre nosso vasto inconsciente interior fosse reconhecida e observada antes de ocorrer outra calamidade.

Originalmente treinado pelo próprio Freud para herdar o trono psicanalítico, Jung logo rejeitou a coroa freudiana e seu estreito reino. Pois o jovem psiquiatra suíço já tinha vislumbrado as terras bem mais amplas e deslumbrantes que ficavam além das fronteiras da psicanálise. Após seu doloroso rompimento com Freud, Jung realizou a profunda jornada para dentro de si mesmo e, com isso, marcou seu próprio caminho – bem separado da psicoterapia convencional e dos acadêmicos – pelo resto de sua vida. Em dezenas de publicações distribuídas ao longo de sessenta anos, ele desenvolveu uma abordagem complexa e de múltiplas camadas ao nosso mundo interior. Muitas vezes Jung via sua vida como um mito; nos últimos anos, ele realmente parece ter personificado o personagem mitológico do Velho Sábio atemporal.

Nos quarentas anos seguintes à morte de Jung (com 86 anos de idade), sua estatura vem crescendo solidamente. Seus escritos ainda constituem um corpo de textos formidável (os *Collected Works*, “Obras Completas”, alcançam 21 volumes elaborados), corpo esse que certamente não é fácil de ser apreendido em sua totalidade. Mas as idéias de Jung influenciam cada vez mais a corrente dominante da psicologia e a cultura como um todo, por meio dos ensaios e ensinamentos de seus muitos alunos e colegas.

Os *insights* de Carl Jung ainda são vitais e estão bem vivos – desde suas descobertas iniciais sobre os complexos mentais e os comportamentos até suas ousadas especulações posteriores sobre nossa relação transcendente com o tempo, o espaço e a causalidade. Suas idéias atravessam vários campos do conhecimento aparentemente incongruentes. Nesta época de renascimento espiritual no mundo todo, talvez sem precedentes, é possível que o maior legado de Jung seja suas pacientes escavações de nossas capacidades ocultas, bem como de suas conexões imemoriais.

ASCENDENTE E JUVENTUDE

Carl Gustav Jung nasceu em uma família culta e intelectual, de ascendência suíço-alemã. Seu avô paterno (de quem o grande pensador herdou o nome) era um famoso professor de medicina na Universidade da Basiléia, na Suíça. Filho de um médico bem conhecido (embora corressem rumores de que era filho ilegítimo de Goethe), o velho Carl Gustav Jung (1794-1864) era também poeta e livre-pensador em política. Era amado como benfeitor da cidade onde lecionou durante muitas décadas. Entre outros projetos, fundou um hospital para crianças emocionalmente perturbadas. Em seus três casamentos (duas vezes viúvo), teve treze filhos – o caçula era Paul Jung, pai de Carl.

Já o avô materno, Samuel Preiswerk, era ministro da Igreja suíça e também poeta e estudioso da língua hebraica. Um ponto interessante é que ele acreditava piamente nos fenômenos espiritualistas e na realidade das forças invisíveis. Mas os dois avôs morreram antes do nascimento de Carl e, portanto, sua influência sobre ele foi apenas indireta.

Paul Jung (1842-1896) levou uma vida bastante comum. Fez estudos religiosos, casou-se com Emilie Preiswerk e trabalhou como vigário em Kesswil, a aldeia suíça onde Carl nasceu em 1875. Na sua juventude, Paul era visto como uma promessa na área de línguas orientais e completou uma tese sobre a versão árabe do Cântico dos Cânticos. Mas, segundo Carl, seu pai nunca desenvolveu as faculdades mentais e continuou a ser um vigário rural até a morte. Num olhar retrospectivo, seu filho via-o como uma figura fraca e quase patética – sempre atormentado pelo casamento infeliz e por constantes dúvidas religiosas. “Seus dias de glória terminaram com os exames finais (na escola)”, observou Carl Jung décadas mais tarde. “Dali em diante, meu pai esqueceu seu talento lingüístico.”¹

Em seu relato autobiográfico *Memórias, Sonhos e Reflexões*, Jung descreve sua mãe como uma mistura desconcertante de superficialidade e profundidade. À superfície, ela parecia ser “uma mulher gorda, cordial, extremamente hospitaleira e dona de um grande senso de humor.”² Mas, por baixo desse exterior, Jung sentia ocasionalmente a presença de uma pessoa altamente astuta

e inteligente. Ele sempre se mostrou reticente em lembrar os constantes conflitos conjugais dos pais; por isso, pouco sabemos sobre seu relacionamento, exceto que brigavam com frequência e se separaram pelo menos uma vez.

A infância de Carl foi bastante solitária. Durante nove anos foi filho único, antes de nascer sua irmã, Johanna Gertrud. Criatura bem mais simples e menos intelectualizada do que Carl, ela admirou profundamente o irmão famoso e passou a vida à sombra dele. Vemos, das reminiscências do próprio Carl e daqueles que o conheceram em criança, que ele era um tanto introvertido e propenso a muita introspecção sobre assuntos espirituais. Isso não causa surpresa diante da atmosfera intensamente sectária da família – além do pai, nada menos que oito tios eram vigários. Interiormente, ele se rebelava contra muitos dos dogmas autoritários aceitos pelos adultos que o cercavam.

Aos onze anos de idade, o olhar de Carl ampliou-se, repentinamente, quando ele ingressou no Ginásio da Basileia. Ali, o filho do pobre pregador local encontrou meninos bem vestidos que irradiavam o ar casual da riqueza e da sofisticação. Com calças puídas e sapatos furados, ele inevitavelmente se tornou alvo de muitas brincadeiras. Mas seu tamanho físico, em si, desencorajava grande parte das provocações. No entanto, durante quase um ano, Carl sofreu crises de desmaios e outros problemas nervosos que o mantiveram longe da escola. Parece claro, de suas lembranças posteriores, que a doença era principalmente psicossomática e talvez mesmo uma forma de fobia à escola.

Em termos escolares, o jovem Carl Jung mostrava talento para escrever e era um leitor onívoro. Mas no todo foi um aluno médio ou fraco, com dificuldades especiais em matemática e gramática. Durante sua adolescência, muitos professores viam o filho do vigário como mentalmente deficiente; mas aos poucos, com a idade, seus estudos melhoraram.

Seus pais, claro, preocupavam-se com as perspectivas de carreira do filho, à medida que se aproximava sua formatura. Eles não poderiam sustentá-lo por longos anos. Carl sentia-se atraído para as aventuras da ciência empírica e também para os mistérios da religião comparada. De início, pensou em se tornar arqueólogo e leu muita filosofia e pensamento clássico. Ficou aliviado quando o pai lhe aconselhou, “Seja o que bem entender, menos um teólogo.”³ Depois de muito refletir, Carl decidiu-se pela medicina, por suas vantagens práticas. Na primavera de 1895, após se formar no Ginásio, matriculou-se na Escola de Medicina da Universidade da Basileia. Tinha então dezenove anos, completando vinte no final do primeiro semestre – a idade usual dos estudantes na época.

Os cinco anos que Carl Jung passou na Escola de Medicina foram um período de maturação. Muito de sua timidez de adolescente desapareceu, enquanto emergia uma personalidade nova e confiante. Ele também deve ter sentido o orgulho especial de estudar na Universidade em que seu avô tanto se distinguiu como membro do corpo docente. Mas em 1896 o pai de Carl morreu de câncer. A família enfrentava agora dificuldades econômicas e parecia duvidoso que Carl pudesse continuar o caríssimo curso de medicina. Com a ajuda de parentes, ele e sua família conseguiram sobreviver financeiramente. Carl também trabalhou para uma tia, vendendo antiguidades, e provou ser um excelente rapaz de negócios. Ele era agora uma figura fisicamente impressionante, com mais de 1,85 metro de altura, com uma voz profunda e ressonante e maneiras imponentes.

Como universitário, Carl floresceu intelectualmente. Além dos estudos regulares, ele

costumava fazer palestras sobre ciência, psicologia e religião para grupos de estudantes e, depois de acesa campanha, foi eleito presidente da associação estudantil. Nesse estágio germinante de sua carreira, Carl Jung já tinha crenças controversas e antagonizava alguns de seus pares com polêmicas veementes contra a visão materialista na ciência.

Durante esses anos, seu interesse floresceu naquilo que William James chamou de lado “romântico” ou “noturno” da psique humana – abrangendo reinos intrigantes como estados de transe e mediúnicos, hipnose e alucinações, parapsicologia. Ele consumiu avidamente muitas obras sobre fenômenos espiritualistas e místicos. Já naquela idade, estava convencido de que possuímos capacidades internas que raramente utilizamos na vida cotidiana.

Enquanto estudava medicina, Carl experimentou diversos acontecimentos incomuns que aumentaram ainda mais seu interesse pelo paranormal. Certo dia, quando estudava em casa, uma sólida mesa de nogueira estalou como um tiro de pistola e quebrou-se ao meio. Não havia ninguém por perto. Duas semanas mais tarde, Carl voltou das aulas e encontrou a casa em polvorosa. Sem qualquer aviso, outro “disparo” ensurdecedor havia soado pela casa, dessa vez partindo da direção de um pesado armário de cozinha. Dentro desse armário, Carl descobriu que a lâmina de aço de uma faca de cozinha tinha se quebrado em três pedaços; no dia seguinte, levou a faca quebrada a um couteleiro e ficou sabendo, espantado, que a lâmina não tinha defeitos de fabricação e só poderia ter sido quebrada deliberadamente e com grande esforço. Ninguém na casa parecia ter causado o dano. Carl considerou o incidente incrível e profundamente simbólico do pouco que conhecemos realmente sobre o Universo. Guardou cuidadosamente os pedaços da faca pelo resto da vida.

Logo depois desses acontecimentos exóticos, Carl decidiu freqüentar uma série de *séances* dadas por uma sua prima adolescente. Durante dois anos, observou regularmente aquelas “sessões” – não diferentes das que William James testemunhava em Boston, noutro continente – e manteve um registro detalhado de cada *séance*. Embora achasse que a maioria das “visões” e discursos da prima pudesse remontar a experiências da vida dela ou até mesmo não passar de truques, ele tinha certeza de que havia um elemento genuíno de conhecimento paranormal naqueles transes. Aproximadamente três anos mais tarde, o caso formaria a base da tese de doutoramento de Carl e sua primeira publicação: *On The Psychology and Pathology of So-Called Occult Phenomena* (Sobre a psicologia e patologia dos chamados fenômenos ocultos).

Nessa época se aproximava a formatura na Escola de Medicina e Carl ainda não tinha escolhido um campo de especialização. Os professores mais chegados o encorajaram a se especializar em clínica geral e lhe garantiram uma vaga de assistente em Munique. Mas próximo dos exaustivos exames finais, ele passou os olhos por um livro-texto de psiquiatria de Krafft-Ebing e descobriu de súbito, como um raio, que seu futuro estava naquela disciplina nascente. Carl passou facilmente nos exames. Porém, para raiva e choque dos professores e amigos, decidiu seguir a carreira de psiquiatria – talvez o campo da medicina de menos prestígio na época.

Em dezembro de 1900, Carl Jung chegou ao Hospital Psiquiátrico Burgholzi, não muito longe da cidade de Zurique. Apesar de suas freqüentes viagens ao exterior nos anos seguintes, aquele local pitoresco permaneceria para sempre o lar do visionário suíço. Jung, um jovem de 25 anos cheio de energia, estava ansioso para começar em seu primeiro cargo profissional. Foi assistente de Eugen Bleuer, o influente, mas severo, diretor do Burgholzi.

As instalações eram das mais modernas e progressistas dentre os hospitais psiquiátricos do mundo. A equipe orgulhava-se de ter reputação internacional. Mas os conhecimentos psiquiátricos ainda eram quase inexistentes na virada do século, e o tratamento também era infrutífero. “Do ponto de vista clínico que prevalecia na época, não importava a personalidade humana do paciente, sua individualidade” ⁴, observava Jung décadas mais tarde. Numa atmosfera quase monástica, os médicos residentes viviam ao lado de seus pacientes, eram proibidos de consumir bebidas alcoólicas e deles se esperava que estivessem de volta ao alojamento quando os portões do hospital se fechavam, às dez da noite.

Desde o início de seu trabalho com portadores de sérias doenças mentais, Jung ficou espantado com o pouco que seus colegas sabiam da mente humana. Ele leu praticamente todos os livros sobre o assunto que pôde encontrar, incluindo os escritos um tanto desacreditados de Sigmund Freud – ainda considerado um excêntrico pela maioria dos médicos. No inverno de 1902/1903, Jung fez um esforço adicional para ampliar seus conhecimentos, passando alguns meses em Paris para estudar com Pierre Janet, eminente pesquisador da psiquiatria. Pouco tempo depois de sua volta, Jung instalou no Burgholzi um laboratório para experiências sobre a natureza da doença mental. Em 1905, foi promovido a psiquiatra-sênior da Universidade de Zurique.

Entre as primeiras inovações profissionais de Jung estava o uso do teste de associação de palavras, como meio de sondar os pensamentos e sentimentos inconscientes das pessoas. Nesse procedimento, uma série de palavras de estímulo é lida em voz alta, uma de cada vez. Pede-se à pessoa para responder com a primeira palavra que lhe vier à mente; cada resposta é cronometrada. Esse teste já existia há algumas décadas, mas fora utilizado somente para examinar as linhas conscientes de pensamento. A inovação de Jung consistiu em empregar o teste para investigar anormalidades na reação; com isso, disponibilizou o teste como ferramenta para explorar as raízes dos distúrbios emocionais.

Desse modo, por meio das associações verbais específicas de um indivíduo e seu tempo de resposta, as fantasias ou os conflitos emocionais até então ocultos puderam ser revelados e sondados. Por exemplo, respostas agressivas e tempos longos de reação às palavras “mãe”, “esposa” e “seios” indicariam que o paciente tinha hostilidades inconscientes contra as mulheres. Jung desenvolveu então o termo *complexo*, para descrever esse tipo de conjunto de associações ocultas e emocionalmente carregadas.

Jung achou o teste particularmente útil para tornar mais acessíveis os estados internos de seus pacientes esquizofrênicos, que eram tipicamente retraídos e anti-sociais. No tempo relativamente curto que levava para fazer o teste, Jung conseguia descobrir, pelo menos em parte, o que estava perturbando os pacientes. Com base nessa pesquisa, ele intuiu que dentro da loucura das frases bizarras dos pacientes havia um cerne de sentimento bastante compreensível – mas, para decodificá-lo, era necessário interpretar essas verbalizações.

Uma paciente, por exemplo, gritava repetidamente que estava “condenada como Sócrates”.

Na verdade, argumentou Jung, ela estava declarando que se sentia condenada pela família, assim como Sócrates foi julgado e condenado à morte pelo governo. O jovem psiquiatra, portanto, instigou seus colegas a prestarem muita atenção ao significado – geralmente velado – daquilo que cada paciente dizia. É claro que essa idéia tornou-se um pilar terapêutico. Em 1907, foi publicado seu primeiro grande trabalho, focalizando essas preocupações do início da carreira: *The Psychology of Dementia Praecox* (termo hoje substituído por *esquizofrenia*).

Durante aqueles anos, Carl Jung também estava romanticamente ativo. Depois da viagem a Paris, em 1903, casou-se com Emma Rauschenbach, de uma rica família de industriais suíços-alemães. Emma havia recusado a proposta de casamento de Carl, mas cedeu diante da corte insistente. Três filhos nasceram nos cinco anos seguintes (e dois outros mais tarde), mas foi somente em 1909 que eles deixaram o pequeno apartamento no Hospital Psiquiátrico Burgholzi e se mudaram para a casa própria, recém-construída, às margens do lago Zurich. Nessa época, Carl tinha começado a alcançar reconhecimento internacional e conseguiu abrir um consultório particular, atendendo em tempo integral, paralelamente aos deveres de ensino. Ele também tinha se tornado uma figura-chave no crescente movimento psicanalítico de Freud. Fotos do jovem casal durante esse período mostram uma mulher atraente, embora não bonita, vários anos mais jovem que seu marido alto e robusto.

JUNG E FREUD

A questão do relacionamento de Jung com Freud continua envolta em controvérsias. Embora mais de 95 anos tenham se passado desde que o caminho desses dois gigantes intelectuais se cruzou pela primeira vez, a amizade profunda que os uniu e a ruptura subsequente ainda geram um fluxo constante de análise erudita. Nas duas escolas, freudiana e junguiana, defensores de um e outro ainda trocam insultos, boatos e acusações a respeito do envolvimento deles. O próprio Jung, ao longo da vida, chegou a reminiscências maduras e refletidas sobre a grandeza e as limitações de Freud. Contudo, durante muitas décadas, Jung carregou consigo uma evidente amargura ligada àquele relacionamento fracassado.

Já em 1900, Carl Jung conheceu o trabalho de Freud por meio de seu primeiro livro importante, *A Interpretação dos Sonhos*, publicado naquele ano. Mas parece que o livro causou pouca impressão em Jung na época. Vários anos mais tarde, ele descobriu subitamente nos relatos de casos de Freud uma semelhança surpreendente com os achados obtidos pelo teste de associação de palavras e outras ferramentas de investigação – acima de tudo, percebeu que cada um de nós tem uma mente inconsciente que afasta da nossa percepção consciente os assuntos emocionais.

No início de 1906, Jung enviou, hesitante, seu *Diagnostic Association Studies* (*Estudos sobre o diagnóstico por associação de idéias*) a Freud – que era definitivamente *persona non grata* no mundo acadêmico. O jovem psiquiatra suíço (quase 20 anos mais jovem que Freud) tinha dolorosa consciência de que seu envolvimento com aquele heterodoxo médico vienense poderia ser prejudicial profissionalmente; mas, de todo modo, ele iniciou a troca de correspondência. Freud respondeu imediatamente, enviando por correio vários de seus artigos. Ele estava ansioso, ou mesmo desesperado, por obter maior reconhecimento e principalmente

alguns aliados. Por isso, com os artigos ele enviou uma nota declarando que “Estou confiante que você estará muitas vezes em posição de me apoiar.”⁵ A intuição de Jung logo mostrou estar correta. Não se passou muito tempo e sua defesa corajosa do trabalho de Freud começou a lhe criar inimigos e, na verdade, a bloquear seu progresso acadêmico.

Desde o começo, o relacionamento deles foi uma mistura poderosa de atração intelectual e emocional. Em poucos meses, sua correspondência assumiu caráter vivo e até mesmo íntimo. Eles se viam como pioneiros na exploração da mente humana. No início de 1907, eles se encontraram pela primeira vez, na casa de Freud em Viena, e passaram 13 horas mergulhados em conversa. Havia, sem dúvida, um forte magnetismo pai/filho naquela amizade. Logo Freud referia-se ao colega suíço como “meu herdeiro científico”; é provável que Jung estivesse há muito tempo buscando o mentor espiritual que seu pai não conseguiu ser. Décadas mais tarde, ele recordou:

Freud foi o primeiro homem de real importância que encontrei na minha experiência até aquela época; ninguém mais se comparava a ele (...) achei-o extremamente inteligente, perspicaz e extraordinário.⁶

Ao longo dos anos, sua troca de correspondência refletia a crescente fascinação mútua. Na primavera de 1908, Jung organizou o Primeiro Congresso Internacional de Psicanálise, em Salzburgo. Chegou a insistir em chamá-lo de “Conferência sobre Psicologia Freudiana”. Por sua vez, Freud desprezou os protestos de seu leal contingente vienense e indicou Jung como editor do novo boletim informativo do grupo. Freud agora considerava a correspondência como elemento vital para seu próprio trabalho e chegava a enviar telegramas quando o jovem colega demorava a responder.

Em março de 1909, eles se encontraram novamente na casa de Freud. Nessa época, as diferenças entre eles (que acabariam se mostrando insuperáveis) começavam a se tornar evidentes para ambos. Discutiram sobre a importância de nosso impulso sexual – e também sobre a realidade dos fenômenos paranormais. Consternado, Jung percebeu que Freud mantinha uma visão cética e materialista. E então, de súbito, durante a discussão, soaram ruídos da estante de livros de Freud – sugerindo a Jung *poltergeists* e prova do que ele dizia. Naquela mesma noite, Freud prometeu fazer de seu *protégé* “o sucessor e príncipe herdeiro”⁷ do trono psicanalítico.

Naquele verão, o Professor Calvin Hall, da Universidade Clark (em Worcester, Massachusetts), convidou os dois pesquisadores para fazer uma palestra no vigésimo aniversário da escola. Jung e Freud viajaram juntos e analisaram os sonhos um do outro. A viagem foi significativa para Jung. Ele conheceu William James e passou horas discutindo filosofia, misticismo e parapsicologia. É fascinante especular o que esses dois gênios não teriam feito juntos se James não tivesse morrido menos de um ano mais tarde. Ambos compartilhavam uma visão excitante do nosso potencial interior – uma visão bem mais ampla que o olhar estreito de Freud: a sexualidade e sua repressão determinam toda a nossa natureza. Um fato interessante é que Théodore Flournoy, velho amigo de James, logo acenderia o interesse duradouro de Jung por aquele lado da nossa psique que se expressa nos sonhos, visões, transe e na mitologia.

Voltando para a Europa, Jung estava decidido a realizar um estudo intenso do simbolismo e

da espiritualidade. “Senti que tinha recebido um vislumbre de uma terra nova e desconhecida”, escreveu, “da qual enxames de novas idéias voam ao meu encontro.”⁸ Jung percebeu que Freud tinha limitações como homem – e mais importante – também como pensador. No entanto, a ruptura entre eles ocorreu gradualmente, ao longo dos quatro anos seguintes.

Na primavera de 1910, Freud entronizou Jung como primeiro presidente da Associação Psicanalítica Internacional. “Meu caro Jung”, ele lembra da insistência de Freud, “prometa-me que você nunca abandonará a teoria sexual. Esse é o ponto mais essencial de todos. Veja, precisamos fazer dela um dogma, um baluarte indestrutível.” Quando o espantado pensador suíço lhe perguntou, “Um baluarte contra o quê?”, Freud respondeu, “Contra as marés negras da lama – do ocultismo.”⁹ Parece que Freud se referia ao crescente interesse de Jung pelo misticismo e pela mitologia. Vencendo as vigorosas objeções de seus discípulos vienenses, Freud insistiu febrilmente que Jung, na sua condição de gentio, era a melhor esperança que eles tinham para difundir o evangelho psicanalítico ao mundo não-judaico.

Durante os anos seguintes, Jung corajosamente continuou a explorar as antigas religiões orientais, o gnosticismo e o pensamento esotérico ocidental. Seus estudos se intensificaram. E então ele leu o fascinante relato de caso de Théodore Flournoy sobre as fantasias de uma mulher esquizofrênica. Essas fantasias mostravam uma espantosa semelhança com os temas mitológicos que Jung tinha analisado na religião – e o convenceram de que nós temos a capacidade natural de criar mitos a partir da nossa experiência interior. Ele argumentou que tais mitos podem ser benéficos, revigorando nossa vida mundana com um senso de significado e propósito. A busca da humanidade pelo divino, enfatizou, produziu muitos *insights* valiosos ao mundo e também ao campo da psicologia moderna. Já era tempo que a jovem ciência reconhecesse esse fato.

Em 1911, o iconoclasta suíço publicou a primeira parte de seu novo livro, mais tarde traduzido para o inglês como *Symbols of Transformation* (*Símbolos de transformação*). Em 1912, surgiu a segunda parte, mais importante. Ela atingiu o campo freudiano como uma bomba. Jung contestava as idéias mais entesouradas de seu mentor e até mesmo sugeria que nossos desejos sexuais poderiam, em última análise, refletir anseios espirituais e transcendentais. Numa série de palestras na Universidade Fordham, Jung também negou a universalidade do Complexo de Édipo – outro elemento-chave da psicanálise.

Freud ficou ofendido. Seu “filho” favorito tinha claramente ultrapassado o ponto sem volta. Freud ridicularizou pessoalmente o livro de Jung, e o mesmo fizeram seus seguidores; descartaram-no como um insensato supersticioso. Em carta a um colega, Freud chicoteou: “Jung é doido (...) e eu gostaria de vê-lo destruir-se a si mesmo”.¹⁰ Os dois homens encontraram-se pela última vez no outono de 1913; sua débil tentativa de reconciliação foi inevitavelmente um fracasso. Como se sentisse exatamente o que Freud desejava, Jung demitiu-se do cargo de editor do boletim psicanalítico e poucos meses depois abandonou a presidência da Associação Internacional.

JORNADAS INTERIORES

Ser excomungado do grupo freudiano deixou Jung bastante abalado durante vários anos.

Expulso do contexto profissional que o nutria desde seus trinta e poucos anos, Jung viu-se sozinho em Zurique, sem qualquer contato com as pessoas ligadas, mesmo que remotamente, a Freud. Muitos de seus pacientes, bem como seus colegas, o abandonaram. No entanto, a confusão e o desespero ocasional impeliram Jung a realizar seu trabalho mais criativo e estimulante. Décadas mais tarde, ele foi capaz de lançar um olhar a essa fase de sua vida e observar:

Os anos em que persegui minhas imagens interiores foram os mais importantes da minha vida – neles se decidiram todas as coisas essenciais.

Tudo começou naquela época; os detalhes posteriores foram apenas complementos e esclarecimentos do material que jorrou do meu inconsciente e às vezes me submergiu. Essa foi a *prima materia* para o trabalho de toda uma vida.¹¹

De certo modo, Jung experimentava aquilo que hoje chamamos de “crise da meia-idade”. Com 38 anos de idade, ele mostrava exteriormente todos os sinais do sucesso – um médico afluente, com mulher e uma ninhada de filhos, até mesmo um belo casarão à beira do lago. Interiormente, porém, nada disso era o que parecia ser. Jung estava incerto quanto à sua orientação profissional, tinha embarcado em pelo menos um caso extraconjugal (com a paciente Toni Wolfe, que se tornou sua colaboradora pela vida toda) e achava intolerável a companhia barulhenta dos filhos.

Já que Jung teve a coragem de enfrentar essa contradição – e confrontar suas vozes interiores –, ele conseguiu dominá-las. Em sua própria visão, sem essa dolorosa auto-análise que durou de três a seis anos, ele nunca teria sido capaz de encontrar e desenvolver suas maiores descobertas. Hoje em dia, quando tantas pessoas apelam para as drogas ou o álcool ao menor sinal de dúvida sobre si mesmas, a resoluta jornada interior de Jung – aquilo que ele chamou de “meu confronto com o inconsciente” – oferece uma lição dramática.

Entre os esforços iniciais de Carl Jung para alcançar o autoconhecimento incluía-se prestar atenção especial aos próprios sonhos. Vivos, enigmáticos, às vezes assustadores, seus sonhos revelavam-lhe principalmente a medida de sua desorientação interior. No outono de 1913, ele também teve o primeiro de uma série de sonhos e “visões” em que via a Europa engolfada em uma onda de cadáveres ensangüentados. Na época, ele interpretou essas imagens como referências ao seu próprio e terrível estado de depressão – que sentia próximo da insanidade. Anos mais tarde, ele também veria esses sonhos como parcialmente proféticos, pois a Primeira Guerra Mundial irrompeu de súbito nove meses depois.

Ao mesmo tempo, Jung começou a passar em revista, sistematicamente, toda a sua vida, desde a primeira infância até o momento presente. Tão completamente quanto possível, tentou descobrir as causas de seu profundo tumulto emocional. Duas vezes ele se submeteu a esse processo laborioso, mas emergiu desapontado a cada vez, sem ter alcançado qualquer *insight* mais profundo. Só lhe restou concluir: “Já que não conheço nada de nada, devo fazer simplesmente o que me ocorrer. Assim, submeto-me conscientemente (...) aos impulsos do inconsciente.”¹²

Por causa disso, Jung abandonou seu posto de professor na Universidade de Zurique e dedicou-se à sua paixão de infância: construir castelos e torres de faz-de-conta. Apesar de sentir-se meio constrangido – afinal de contas, ele era um médico maduro e não um garotinho –, ele passava horas toda semana construindo à beira do lago uma cidade de brinquedo feita de

pedras. Jung achou o projeto estranhamente calmante – tanto, na verdade, que mais tarde usou a escultura como forma de terapia com os pacientes. Naquela época, pareceu bastante radical a idéia de que nós, adultos, podemos crescer mentalmente com esses jogos. Mas Jung confiava em suas intuições.

Durante esse período, o iconoclasta suíço também começou a manter um diário ou registro de suas expedições interiores. Sem saber se a loucura permanente seria seu destino – como o de muitos colegas –, sentia que um registro escrito seria um indicador, para os outros, do que ele tinha testemunhado em seu perigoso caminho interior. Anotou suas fantasias em um diário que chamou de Livro Negro, complementando-as com pinturas e desenhos. No Livro Vermelho Jung registrou fantasias semelhantes, em escrita medieval. Também aqui ele imaginou uma nova e poderosa ferramenta para o autoconhecimento e a criatividade. Claro que muitas pessoas mantiveram um diário antes de Jung, mas ele foi o primeiro psicólogo moderno a aproveitar esse método como um instrumento terapêutico. Em anos recentes, seu aluno, o doutor Ira Progoff, expandiu substancialmente o uso desse instrumento por meio de seus próprios escritos e convincentes *workshops*.

O “confronto” de Jung “com o inconsciente” às vezes produzia estranhas torrentes e palavras e sentenças que se assemelhavam à escrita automática. A linguagem tinha uma forma afetada, que ele pessoalmente achava desagradável. Lá pelo fim de suas dolorosas viagens interiores, ele espontaneamente registrou um admirável poema em prosa intitulado *Septem Sermones ad Mortuouos* (“Sete Sermões aos Mortos”). Como se registrasse a lúgubre mensagem cabalística de espíritos há muito idos, o poema proclamava: “Retornamos de Jerusalém, onde não encontramos o que buscávamos.”¹³ Nos anos vindouros, Jung dedicaria séria atenção ao gnosticismo e ao misticismo judaico.

Ao abrir as portas ao seu inconsciente, Carl Jung se encontrou às vezes rodeado de figuras de fantasia. Em alguns aspectos, esteve realmente bem perto da insanidade ao “ouvir” ou “ver” personagens lendários pedindo para se comunicar com ele. De início, apareceram-lhe duas figuras específicas: uma jovem e um velho. Essas figuras identificaram-se como Salomé e Elias. Este último acabou se transformando em Fílemon, o velho sábio que é morto por Fausto na obra de Goethe. Parece que Fílemon era tão real para Jung como os companheiros imaginários de brincadeiras para algumas crianças pequenas, e instruía o psiquiatra suíço sobre os reinos misteriosos que ficam além do nosso ego consciente. Muitas das lições de Fílemon eram tão incomuns e instigantes para Jung que este logo se convenceu de que elas tinham origem em uma fonte que transcendia sua própria personalidade. Se estranhos tivessem visitado sua casa, ficariam espantados ao ver o famoso médico passeando no jardim e mantendo conversas animadas e intensas com seu fictício tutor espiritual.

Foi ao embarcar nessa extraordinária viagem interior que Jung criou uma de suas técnicas mais abrangentes e importantes: a técnica da *imaginação ativa*. Pois ele, com seu forte senso de identidade, não se contentava de deixar essas figuras de fantasia flutuarem passivamente por ele. Em vez disso, decidiu segurá-las ativamente – assim como o Jacó bíblico teria lutado com o anjo durante a noite toda.

Por exemplo, Jung vivenciou uma fantasia na qual explorava um vale remoto, habitado por um povo primitivo. Ali encontrou alguns hieróglifos gravados na pedra, mas não conseguiu decifrar a escrita. Como as letras também eram ilegíveis, ele começou a escavá-las

cuidadosamente com uma talhadeira e um martelo. Quando um curandeiro, ali perto, gritou de repente que uma lasca de pedra tinha penetrado em seu olho, Jung o agarrou e se recusou a retirar o fragmento até que o xamã decifrasse a escrita. Quando o xamã relutantemente obedeceu – e Jung então compreendeu a mensagem de seu próprio inconsciente –, a cena toda desapareceu abruptamente. Anos mais tarde, o brilhante inovador explicou:

Uma fantasia é mais ou menos uma invenção de nós mesmos e permanece na superfície das coisas pessoais e das expectativas conscientes. Mas Imaginação Ativa, como o termo indica, significa que as imagens possuem vida própria e que os acontecimentos simbólicos se desenvolvem de acordo com sua própria lógica. (...) Você começa se concentrando em uma imagem mental (e) ela passa a se mover, ela se enriquece com detalhes, move-se e se desenvolve.¹⁴

Hoje em dia, essa poderosa ferramenta terapêutica vem ganhando papel crescente em muitos campos da psicologia e da medicina. Conhecido por outros nomes (como “imaginação guiada”, “visualização criativa” ou “terapia do sonho em vigília”), esse método de envolver e elaborar ativamente nossas fantasias tem se mostrado um tratamento eficaz para as doenças cardíacas, a pressão alta e mesmo outras doenças como o câncer. A premissa-chave dessa abordagem corresponde ao ousado *insight* de Jung de que não precisamos temer nosso inconsciente, porque a fantasia e a imaginação têm muitos poderes benéficos.

Outra das inovações de Carl Jung nessa época foi a descoberta de que a arte possui imenso potencial de cura. Já nos primeiros dias desse período, Jung descobriu que o fato de desenhar suas fantasias e imagens interiores dava a elas uma espécie de objetividade fora de sua psique, e assim reduziu parte de sua ansiedade. Enquanto comandava um campo britânico de prisioneiros de guerra na Suíça, em 1917-1918, Jung percebeu que toda manhã se sentia impelido a fazer um novo desenho circular em seu bloco. A figura que ele desenhava repetidamente era uma *mandala* (palavra sânscrita que significa “círculo”), e ela parecia corresponder de algum modo ao seu estado interior. Ela também irradiava uma influência forte e calmante. Pelo resto da vida, Jung veria a *mandala* como um símbolo espontâneo – presente em todas as culturas e em todos os períodos históricos – de nossas potencialidades para a integridade e a paz. A essa capacidade ele deu o nome de *Self* [o Si-mesmo].

Como fundador da arte-terapia, o iconoclasta suíço encorajou seus pacientes a desenhar essas figuras. Também enfatizou que o aparecimento delas em nossos sonhos e fantasias está anunciando uma nova criatividade e uma nova direção. O fato é que, ao término da Primeira Guerra Mundial, Jung havia claramente dominado suas vozes interiores e saído vitorioso do “confronto com o inconsciente”. Ele agora possuía uma visão clara e inabalável da psique humana e suas impressionantes dimensões.

A SUBIDA PARA A FAMA

Apesar da ênfase dada por Carl Jung às suas lutas internas durante aqueles anos, dificilmente poderíamos dizer que ele foi um recluso ocioso. À medida que viajava para o mais fundo de si mesmo, crescia solidamente sua aptidão como terapeuta. E também crescia seu consultório particular. Em seus esforços para curar a si mesmo, ele se sentia cada vez mais restringido pelas limitações da abordagem freudiana à psicoterapia. Talvez estivesse também

ansioso para romper todos os laços com o movimento psicanalítico que o rejeitara. De todo modo, o psiquiatra suíço introduziu várias revisões na estrutura da psicoterapia moderna.

Jung dispensava o divã, tão apreciado por seu mentor, e sentava em uma cadeira para poder fitar diretamente os pacientes. Às vezes chegava a tratar os pacientes a bordo de seu barco, enquanto cruzavam as águas serenas do lago Zurich. Jung dava mais ênfase aos problemas atuais dos pacientes do que às suas memórias de infância. É significativo o fato de Jung defender a idéia de que terapeuta e paciente podem se relacionar proveitosamente fora do consultório. Na época, inovadores terapêuticos como Alfred Adler defendiam esse ponto de vista. Hoje, porém, tal envolvimento foi banido em termos terapêuticos e éticos, devido aos problemas que surgem quando terapeutas e pacientes afrouxam as fronteiras profissionais existentes entre si.

Assim, em 1916, Carl Jung fundou um Clube Psicológico em Zurique para as pessoas interessadas em sua psicologia nascente. Nessa atividade teve a grande assistência de sua expaciente Edith McCormick, filha de John D. Rockefeller. Generosamente, ela doou uma fortuna considerável à jovem organização – para cobrir as despesas operacionais e também para a compra de uma casa a ser usada para palestras, reuniões e leituras especiais. O prédio original ainda é utilizado pelo Clube Psicológico e pelo Instituto C. G. Jung (criado várias décadas mais tarde). Entre 1917 e 1920, a fama crescente de Jung como terapeuta atraiu muitos novos e ilustres pacientes – incluindo a filha de James Joyce e sir Montagu Norman, presidente do Banco de Londres. Jung havia claramente vencido o ostracismo imposto pelo círculo freudiano.

Nos anos correspondentes à sua dolorosa crise da meiaidade, Carl Jung também publicou uma variedade de artigos e fez palestras ocasionais para colegas interessados. Ele percebeu gradualmente que estava desenvolvendo uma abordagem inteiramente nova à mente humana – uma orientação, com perspectiva espiritual, bem mais abrangente que a de Freud. O pensador suíço cunhou muitos termos para explicar suas idéias arrojadas; mas, na essência, todas elas tinham por base sua convicção – estranha à psicanálise – de que, por baixo do nosso inconsciente pessoal, existe um reino de profundidade inacreditável e quase insondável, compartilhado por toda a humanidade.

A essa região ele deu o nome de *inconsciente coletivo* e a comparou ao reino instintivo que influencia o comportamento dos animais inferiores. Numa descrição vívida, parecida com a visão de William James, Jung mais tarde afirmou:

O mais fundo que podemos alcançar em nossa exploração do inconsciente é a camada onde o homem deixa de ser um indivíduo inconfundível e onde sua mente se expande e funde-se à mente da humanidade (...) na qual somos todos iguais. Assim como os corpos têm semelhança anatômica, com dois olhos, duas orelhas, um coração, etc., com meras diferenças individuais, assim também as mentes têm semelhança básica.¹⁵

Dentro dessa imensa câmara de tesouros existem padrões específicos que nos fazem perceber e agir de certas maneiras atemporais – padrões a que Jung deu o nome de *arquétipos*.

A figura de Fílemon, por exemplo, representa a parte sábia da nossa psique e geralmente nos aparece como um Velho Sábio. Salomé significa o lado feminino, ou *anima*, dos homens, observou Jung; as mulheres percebem uma figura masculina em seus sonhos ou fantasias, refletindo seu *animus* ou componente “masculino”. Do mesmo modo, nossos impulsos violentos

e animalescos assomam nos sonhos e mitos como a Sombra; nossos sentimentos nobres e esforçados aparecem sob a forma de um jovem Herói; e assim por diante.

Com base em suas amplas leituras de mitologia e religião comparada, Jung insistia que, desde tempos imemoriais, a tarefa de cada um de nós tem sido a de mesclar essas partes diversas da nossa natureza em um único Self, poderoso e unido. A esse processo, que via como tarefa de toda uma vida, Jung deu o nome de *individuação*. E, ensinou ele, as grandes religiões do mundo sempre souberam intuitivamente dessa verdade e a expressaram por meio de mitos e visões. É por isso que ele nos estimulava a explorar as tradições espirituais do passado, para melhor compreender nossa própria natureza interior. “Nesse nível coletivo”, observou ele, “deixamos de ser indivíduos separados, somos um só.”¹⁶

Em 1921, Jung publicou seu trabalho mais importante até então. *Tipos psicológicos* é uma impressionante obra de erudição, com mais de 700 páginas e centenas de referências a filósofos e teólogos, tanto do Oriente como do Ocidente, abarcando os séculos. Uma porção significativa do livro derivou das idéias de William James sobre as duas abordagens ao conhecimento: a da “mente rígida” e a da “mente flexível”. Isso porque Jung afirmava que nossa disposição interior influencia grandemente nossa maneira de encarar os fatos e os valores. “Originalmente, a obra surgiu de minha necessidade de definir como minha visão diferia da de Freud ou de Adler”,¹⁷ escreveu ele. “É o tipo psicológico de uma pessoa que desde o início determina e limita as opiniões dessa pessoa.”¹⁸

Nesse livro erudito, o psiquiatra suíço identificou o *introvertido* e o *extrovertido* como os dois estilos, fundamentalmente diferentes, de nos relacionarmos com o mundo à nossa volta. Ele via o *introvertido* como aquele que, para orientação, depende basicamente da realidade interior; o *extrovertido* desconfia inerentemente da realidade interior e, em vez disso, depende de certezas físicas. Mais tarde Jung distinguia quatro estilos mentais adicionais dentro de cada uma das duas categorias maiores: *pensamento*, *sensação*, *sentimento* e *intuição* – assim descrevendo oito “tipos psicológicos”.

Devido ao seu prático formato de categorização dos tipos, o livro rapidamente arrebanhou para Jung um número crescente de seguidores. Sua teoria parecia explicar por que pessoas igualmente dotadas de grande inteligência experimentavam uma tremenda dificuldade em fazer amizade ou mesmo em trabalhar juntas sem atritos. É claro que a raça humana não pode ser facilmente classificada em oito tipos de indivíduos; por isso, e com razão, *Tipos psicológicos* foi criticado desde seu lançamento. Mas a intenção de Jung era organizar de algum modo a imensa quantidade de observações clínicas. Mais tarde, defendendo seu sistema, Jung argumentou: “Por exemplo, se você precisa explicar a mulher para o marido ou o marido para a mulher, é muito útil ter esses critérios objetivos; caso contrário, a coisa toda fica no ‘ele disse, ela disse’.”¹⁹

O BUSCADOR NO ESTRANGEIRO

Durante as décadas de 1920 e 30, Carl Jung realizou várias viagens a civilizações fora do nosso mundo urbano ocidental. Em particular, suas investigações sobre as antigas religiões

orientais estimularam-no a vivenciar ativamente maneiras diferentes de ver o Cosmo. Ele também esperava encontrar novas provas para sua crença na existência de arquétipos atemporais, sob a superfície de nossa mente consciente cotidiana. As viagens de Jung, embora relativamente breves, proporcionaram-lhe um legado para toda a vida e intensificaram seus estudos. Conseqüentemente, tiveram grande influência em dar forma ao percurso da moderna psicologia humanística.

A primeira viagem exótica de Jung foi à África do Norte, em 1920. Acompanhado de vários amigos, viajou pela Argélia e pela Tunísia. “A África é inacreditável”, escreveu ele, excitado, à mulher em Zurique. “Infelizmente, não posso lhe escrever de maneira coerente, pois há coisas demais.”²⁰ Alguns dias mais tarde, ele acrescentou: “Não sei o que a África está realmente me dizendo, mas ela fala.”²¹

Já que Jung não falava árabe, quase não conseguiu se comunicar com as pessoas que encontrou. Teve de se contentar em observar seus gestos não-verbais e suas expressões faciais. Parecendo um gigante para os pequenos árabes, ele passava horas sentado nos cafés e logo percebeu que “aquilo que os europeus vêem como calma e apatia orientais, eu vejo como uma máscara; por trás dela sinto uma inquietude, um grau de agitação que não consigo explicar.”²²

Um dos principais *insights* do pensador suíço foi a percepção do vigor com que nossos dias são governados pelo relógio. Nascido num país famoso por seus relógios, de súbito Jung viu essa máquina onipresente por meio dos olhos de uma cultura totalmente diferente. Ele começou a refletir, pela primeira vez, sobre a natureza do tempo subjetivo, ou tempo “interior”. É interessante notar que ele também vivenciou o estranho fenômeno de perceber que o tempo nem sempre flui em ritmo constante. “Quanto mais penetrávamos no Saara”, recordou Jung, “tanto mais o tempo desacelerava para mim; o tempo até ameaçava andar para trás.”²³ Às vezes, ele se sentia transportado a outra época da história humana – alguma época com uma intensidade emocional que está ausente na nossa sociedade tecnológica.

O mistério do tempo continuou a fascinar Jung. No verão seguinte à viagem pela África, leu o *I Ching* (O Livro das Mutações), sentindo que aquele antigo livro chinês de divinação baseava-se em uma concepção radicalmente não-ocidental do tempo. Dia após dia, o iconocolasta suíço fez experiências com o *I Ching*. E logo teve certeza de que o livro oferecia uma tremenda fonte de sabedoria tanto para os ocidentais como para os orientais. Descobriu a premissa-chave do livro: nossas vidas – espelhando o Universo – estão repletas de ciclos incontáveis. Quanto mais capazes formos de discernir esses padrões, tanto maior será nosso senso de direção e felicidade.

Em 1923, ainda pesquisando a filosofia chinesa, Jung conheceu Richard Wilhelm, um renomado sinólogo de origem alemã. Originalmente um missionário cristão na China, Wilhelm traduziu o *I Ching* para o alemão na década de 1920, despertando o interesse de Jung pelo misticismo oriental. Os dois homens tornaram-se amigos íntimos e compartilharam muitas conversas excitantes sobre a importância das antigas disciplinas orientais para o Ocidente de hoje. Jung e Wilhelm devem ter tido um temperamento semelhante, pois sua correspondência brilhava com a exuberância de ambos diante do fascínio do Oriente. Eles tinham certeza de que o Ocidente havia perdido contato com as visões imemoriais dos mistérios do Universo.

Por volta de 1925, Jung estava ansioso por mais aventura. Ele lamentava em especial sua

incapacidade de falar a língua local, na viagem anterior à África do Norte. E assim, com vários companheiros, viajou aos Estados Unidos para estudar os antigos povoados dos índios Pueblo, no Novo México. Depois de repetidas visitas a cidades como Nova York e Chicago, agora estava ansioso para ver de perto os habitantes originais de nosso continente e seu modo de vida.

Carl Jung passou bastante tempo com um chefe Pueblo poeticamente chamado Ochwiay Bianco (Mountain Lake, “Lago da Montanha”), que também era de meia-idade. Mountain Lake estava disposto a compartilhar suas impressões sobre os europeus que haviam conquistado seu povo. Mas relutava em falar das idéias espirituais de sua tribo. Jung relatou uma animada troca de idéias:

“Veja”, disse Ochwiay Bianco, “como os brancos parecem cruéis. Seus lábios são finos, o nariz é afilado, a face é vincada e distorcida por rugas. Seus olhos têm uma expressão fixa. (...) Eles, os brancos, sempre querem alguma coisa; estão sempre ansiosos e inquietos. Nós não sabemos o que eles querem. Nós não o entendemos. Nós achamos que eles são loucos.”

Perguntei-lhe por que achava que os brancos são todos loucos.

“Eles dizem que pensam com a cabeça”, respondeu-me.

“Mas é claro! Com que você pensa?”, perguntei, cheio de surpresa.

“Nós pensamos aqui”, disse ele, indicando seu coração.²⁴

Os dois homens costumavam passar horas sentados sob o sol escaldante do deserto. Como o Don Juan de Carlos Castaneda, Mountain Lake geralmente se comunicava mais pelos silêncios do que pelas palavras. Pela primeira vez, Jung viu aquilo que chamou de “o verdadeiro homem branco” e sua história sangrenta. Assim como a maioria de seus colegas europeus, Jung tinha automaticamente assumido que sua cultura era superior a todas as outras, em seus valores e práticas. E de repente percebia que seus compatriotas tentaram esmagar sistematicamente os ensinamentos religiosos e éticos do povo de Mountain Lake. Mais do que nunca, Jung convenceu-se de que a civilização ocidental dominante – particularmente quando representada pela Igreja e pelo Estado – era no mundo uma força destrutiva e moralmente insensível.

Mountain Lake acabou revelando a Jung algumas das idéias ocultas dos Pueblos. Aquela tribo indígena acreditava que Deus lhe confiara a tarefa de realizar certos rituais da Natureza, para beneficiar toda a humanidade. “Se nós deixássemos de praticar nossa religião”, declarou o chefe, “em dez anos o Sol não mais se ergueria. E então seria noite para sempre.”²⁵

Jung talvez tenha errado em interpretar literalmente essa frase, mas ele ficou comovido pela dignidade simples com que os índios levavam a vida. Sua serenidade e senso de propósito cósmico contrastavam agudamente, no entender de Jung, com o frenesi que ele observava na nossa sociedade. Até sua morte, o psiquiatra suíço recordaria afetuosamente os dias tranquilos que passou no “topo do mundo” com os Pueblo.

Mais tarde, naquele mesmo memorável ano de 1925, Jung viajou para o leste da África com vários companheiros. Do Quênia e de Uganda, subiram o Nilo até o Sudão e o Egito. Jung ficou fascinado com a tribo Elgonyi, mas não conseguiu ganhar a confiança de seus líderes para poder conhecer algo sobre suas crenças espirituais. Seu interesse especial era ouvir seus sonhos e compará-los com os nossos sonhos ocidentais. Mas os Elgonyi se recusaram a cooperar. Não resta dúvida de que aquele europeu alto representava para eles a mesma presença que Jung via em toda parte – o governo colonial britânico, opressor e arrogante. [...]

Na realidade Jung notou, com grande pesar, que sob esse domínio os Elgoniy perdiam rapidamente toda a sua identidade cultural.

No Sudão, o psiquiatra suíço participou de uma dança extática de natureza ritual. Interessante é que Jung encontrou nela uma exuberância tal que o assustou, a ponto de temer que uma explosão orgiástica estivesse iminente. Intimou o chefe para que parasse imediatamente a dança. Talvez essa experiência perturbadora fosse simbólica em um outro nível, pois, após a volta de Jung à Suíça, ele começou a procurar mais intensamente o conhecimento espiritual e psicológico nas raízes de nossa própria civilização.

A última viagem exótica de Carl Jung aconteceu mais de doze anos depois, em 1938. O Governo britânico convidou-o na qualidade de orador visitante para o vigésimo quinto aniversário da fundação da Universidade de Calcutá. Nessa época, Jung já havia praticado ioga pelo menos ocasionalmente, desde a sua “confrontação com o inconsciente”, ocorrida durante a Primeira Guerra Mundial.

Jung considerou sua viagem à Índia como a primeira experiência direta com uma cultura estrangeira, altamente literária. Nessa aventura, conseguiu encontrar e conversar longamente com vários gurus indianos. Sentia-se particularmente intrigado pelo que eles poderiam dizer sobre o nosso potencial interior e sobre nossa natureza mais elevada.

Nas discussões bastante acaloradas que manteve com esses “homens santos”, Jung aprendeu que eles se interessavam muito pouco pelo que comumente chamamos de desordens. O seu objetivo, ao invés, era “o mesmo do misticismo ocidental, o deslocamento do centro de gravidade do ego para o *self*, do homem para Deus”.²⁶ Jung concluiu que eles haviam realmente desenvolvido e aperfeiçoado várias técnicas de pacificar o ego consciente e despertar os poderes intuitivos da psique. Afirmava que sob muitos aspectos os gurus indianos possuíam uma intuição mais genuína do funcionamento de nosso mundo interior do que os seus colegas europeus e norte-americanos.

Acompanhado por um monge local, ele também visitou um templo famoso em Konarak (Orissa). As suas paredes estavam cobertas de cima a baixo com “esculturas refinadamente obscenas” que mostravam casais nus enlaçados em múltiplas posições amorosas. O monge assegurou ao embaixado psiquiatra suíço que aquele espetáculo de luxúria na verdade tinha uma orientação espiritual – pois, sem experimentar primeiro as delícias do amor sexual, não podemos ultrapassá-las e atingir os êxtases transcendentais, explicou.

A impressão final de Jung sobre a Índia foi de que, apesar de sua aparência exótica, essa antiga cultura tinha um conhecimento muito rico para nos transmitir sobre a psique. No seu provocador ensaio, *Os homens santos da Índia*, de 1944, insistiu que a nossa sociedade ofegante e extrovertida infelizmente não possuía vários traços fundamentais apresentados pelas antiqüíssimas disciplinas espirituais orientais. “A sabedoria e o misticismo do Oriente”, declarou, “têm, portanto, muito a nos dizer, mesmo quando falam em sua própria e inimitável linguagem. Elas servem para nos lembrar de que nós, na nossa cultura, possuímos algo similar que já esquecemos, e para dirigir a nossa atenção para o destino do homem interior.”²⁷

Segundo relatos de seus amigos, Jung era um homem visivelmente diferente ao voltar de suas viagens ao Novo México e à África Oriental, em 1926. Com 50 anos, parecia ter realmente sofrido uma transformação interior. As suas fotografias mais antigas mostram um homem grande, de lábios comprimidos e com olhos pequenos e intensos – a figura de um oficial prussiano. Depois de 1926, ele aparece mais à vontade, terno, amadurecido, de fácil convívio. Nas suas viagens exóticas descobrira paralelos evidentes entre os mitos antigos da humanidade e a aparência dos povos contemporâneos não-ocidentais. Decididamente encontrara provas para sua tese de que todos nós estamos unidos dentro de um vasto domínio coletivo.

E no entanto, Jung não descobrira realmente o seu próprio caminho espiritual. Os anos que passara estudando o gnosticismo, haviam-no conduzido a um beco sem saída, pois não conseguia relacionar o pensamento primitivo esotérico cristão com os problemas do século XX. E nem podia encontrar um uso tangível para as tradições orientais; as suas afirmações sobre o indivíduo e a sociedade pareciam exóticas demais para que pudessem ser adotadas por europeus ou norte-americanos.

Então, em 1928, Richard Wilhelm convidou Jung para colaborar com ele na publicação de *O segredo da flor de ouro*, uma obra chinesa de alquimia. O projeto focalizou a atenção do pensador suíço, mais uma vez, no Taoísmo e no *I Ching*, bem como na idéia oriental de uma energia que flui através dos *chacras* (“rodas” vibratórias) no corpo humano. Pela primeira vez, também, Jung sentia-se pronto para discutir publicamente a importância da *mandala* como um símbolo-chave de nosso mais alto *self* – já que encontrara numerosas referências a ela naquele antigo texto. Mas talvez o mais importante para ele próprio foi que essa colaboração despertou a sua curiosidade em relação à alquimia ocidental.

Algo atraiu Jung para o tema dos arcanos. Logo mais ele já teria lido todos os livros sobre alquimia disponíveis. Como a sua curiosidade ainda o aguilhoava, começou então a comprar volumes raros, por meio de um antiquário. Pouco tempo depois, Jung já começara a reunir uma das maiores coleções da Europa sobre esse tema tão estranho.

No início, o psiquiatra suíço não sabia exatamente o que procurava. O material era vasto e espantoso, especialmente quando estava escrito em grego e em latim. Porém, os volumes “intrigavam persistentemente” Jung e assim ele começou devagar, mas metodicamente, a penetrar na sua complexidade. Como um oficial do serviço de inteligência decifrando um código, Jung esforçava-se para copiar frases recorrentes, cruzando referências, até que um determinado padrão aparecesse.

Em meados da década de 1930, começou a partilhar as suas excitantes descobertas com discípulos e colegas; ou seja, que a alquimia, longe de ser simplesmente um esforço supersticioso de transformar elementos básicos em ouro, era na realidade um sistema esotérico de conhecimento psicológico e espiritual. Naturalmente descobrira textos de alquimistas que somente procuravam ficar ricos. Mas também descobrira provas que sugeriam que os maiores alquimistas, como Paracelso (1493-1541), haviam estado profundamente preocupados com a nossa transformação interior. Por exemplo, eles ensinavam aos seus discípulos que deviam ser honestos, devotos e harmoniosos interiormente antes de tentarem transmutações no mundo físico. Os alquimistas também ofereciam meios para se atingir um estado mental de clareza e equilíbrio.

Além disso, Jung encontrou dentro daqueles raros volumes de pensamento medieval um

simbolismo vívido, surpreendentemente similar às imagens que apareciam nos sonhos e fantasias dos seus pacientes. Uma vez mais chegava assim à prova dramática da natureza atemporal de nossa recôndita profundidade.

A partir de 1936 – e continuando pelo resto de sua vida –, o iconoclasta suíço produziu uma série regular de conferências e artigos sobre a importância da alquimia no campo da moderna psicologia. Insistia que o estudo do seu sistema reconhecidamente exótico nos daria a possibilidade de entrar em uma casa do tesouro da sabedoria sobre a psique humana – particularmente sobre como atingir a inteireza ou a *individuação* integrando os nossos lados “feminino” e “masculino”.

Em 1944, Jung publicou a sua maior obra sobre esse assunto, apropriadamente intitulada *Psicologia e Alquimia*, que ligava os alquimistas ao lado esotérico do cristianismo. Mesmo antes de o livro aparecer ele já mergulhara na pesquisa para sua planejada obra-prima, *Mysterium Coniunctionis* (este último era um termo alquimista que designava “a união dos opostos”). Obra essa completada mais ou menos uma década mais tarde e que tratava extensivamente da busca dos alquimistas pela unidade interior e pela sagrada Fonte. Resumindo anos de estudos intensivos, Jung afirmou em *Mysterium*:

“Hoje vemos como os alquimistas efetivamente prepararam o terreno para a psicologia do inconsciente, principalmente nos legando, com todo o tesouro de seus símbolos, um material ilustrativo do mais alto valor. Podemos ver atualmente que todos os procedimentos alquímicos para unir os opostos podiam igualmente representar o processo de individuação de um único indivíduo.”²⁸

Nessa mesma época em que Carl Jung se debruçava tranqüilamente sobre os seus textos de alquimia, eventos tempestuosos e perturbadores ocorriam na Alemanha. Não há dúvida que a história da primitiva ambivalência de Jung em relação ao nazismo permanece como o aspecto mais ignóbil de uma carreira que em tudo o mais foi longa e ilustre. Antes de tudo, deve ser afirmado enfaticamente que Jung não era um anti-semita. As acusações ocasionais que ainda persistem foram efetivamente refutadas pelos seus numerosos alunos e colegas judeus, alguns dos quais, como Erich Neumann, eram sionistas e firmes em sua identidade judaica.

Essencialmente, foi isto o que aconteceu: quando Hitler assumiu o poder em 1933, o mais importante jornal de psicoterapia, *Zentralblatt*, deixou de existir. O seu editor, Ernst Kretschmer, presidente da Sociedade Geral Alemã para a Psicoterapia, demitiu-se das duas posições que ocupava, em protesto – já que o afastamento dos judeus da medicina foi um dos primeiros objetivos nazistas. Mais tarde, no mesmo ano, Jung concordou em preencher essas duas vagas; postos que ocupou até 1939. Logo após o início da Segunda Guerra Mundial, os nazistas colocaram o seu nome na lista negra e o teriam matado, caso decidissem invadir a Suíça. Na realidade, Jung teve de se esconder durante um certo tempo, quando a invasão alemã parecia iminente.

A posição do psiquiatra suíço durante esse período pode ser descrita como ingenuamente neutra. Ele recusou-se terminantemente a demitir os judeus da Sociedade Internacional para a Psicoterapia e nunca pediu qualquer forma de perseguição contra o povo judeu. No entanto, permitiu que a filial alemã da Sociedade se “arianizasse”. Publicamente diferenciou a “psicologia judaica” da alemã; no entanto, também elogiou publicamente o Talmud e colaborou com colegas judeus na redação de projetos. No final dos anos 30 Jung estava ajudando

ativamente os judeus a fugirem do que considerava uma psicose de massa dos alemães.

ALÉM DO TEMPO E DO ESPAÇO

Desde a sua juventude Carl Jung fora profundamente absorvido pela questão da imortalidade humana. Como estudante de medicina lera avidamente materiais de mediunidade, misticismo e parapsicologia. Quando, mais tarde, visitou William James, esses assuntos foram sempre priorizados nas suas vívidas discussões. E se o foco de sua carreira como um psiquiatra de prática intensa inevitavelmente o levava a preocupações mais mundanas, nunca abandonou os seus primeiros interesses no tópico da vida após a morte. Assim, em 1944, quando teve um contato próximo com a morte – e experimentou uma série de visões transcendentais – o evento somente acentuou a sua fascinação por essa questão tão provocadora.

Quando quebrou o tornozelo em uma queda no gelo, Jung sofreu uma embolia que o levou a um ataque cardíaco. Ele tinha então 69 anos. Durante três semanas permaneceu em semicoma, entre a vida e a morte. Depois de se recuperar, disse que tivera várias visões notáveis que haviam contribuído para formular a sua visão da natureza oculta de nossa psique.

Na primeira visão, Carl Jung encontrou-se flutuando no espaço e capaz de ver a terra como um belo globo azul. Depois, subitamente, um meteorito passou perto dele e o fez entrar no que parecia ser um templo onde um guru hindu estava sentado, esperando por ele. Subitamente, o pensador suíço viu toda a sua vida passar, com absoluta nitidez e objetividade. “Foi como se então eu carregasse comigo tudo o que experimentara ou fizera, tudo o que acontecera ao meu redor.”²⁹ Estava prestes a cruzar o umbral de um aposento iluminado onde encontraria “todas essas pessoas às quais me dedico na realidade”.³⁰ Mas uma espécie de mensageiro real que parecia com o seu médico apareceu e disse a Jung que ele deveria voltar a Terra. Imediatamente toda a cena desapareceu e ele tomou consciência do ambiente hospitalar em que estava.

O que é extraordinário nesta história não é somente o fato de ela concordar em detalhes com os populares relatos de “experiências próximas da morte” (vide, por exemplo, *Vida após a vida*, de Raymond Moody, *Vida na morte*, de Kenneth Ring, *A experiência da proximidade da morte*, de Michael Sabom), mas o da reação subsequente de Jung igualar-se às de outras pessoas. Durante várias semanas, depois disso, ele esteve deprimido e enraivecido pelo fato de ter sido forçado a voltar a este vale de dor, abandonando as maravilhas que apenas vislumbrara. Filosoficamente, ficou convicto dali por diante de que a vida terrena é meramente “um segmento da existência que se processa em um universo tridimensional parecido com uma caixa preparada especialmente para ela”.³¹

Ou seja, muito embora Jung não tenha desenvolvido nenhuma teoria sistemática do que acontece com a psique humana após a morte física, ele gradativamente adotou as noções cabalísticas da jornada imortal da alma. Acreditava que cada alma renasce neste plano até ter cumprido as tarefas específicas que lhe foram atribuídas. Então, a alma vai para regiões mais elevadas e mais fascinantes. Achava também que a morte devia ser considerada uma espécie de casamento entre a alma recentemente liberada e a comunidade celestial que a esperava.

Citando os ensinamentos místicos judaicos em seus escritos posteriores (conheceu

pessoalmente Gershom Scholem, o mais importante erudito da Cabala), Jung enfatizou que conhecemos tão pouco sobre os mistérios da vida terrena que é fútil especular tanto sobre assuntos muito mais incompreensíveis. É melhor viver uma vida humana o mais produtiva possível e deixar que o mundo do futuro nos encontre no tempo apropriado, salientou. Em *Memórias, Sonhos e Reflexões*, Jung apresenta plenamente seu pensamento sobre esse intrigante tema. Mas talvez tenha sido mais claro em uma carta escrita vários meses após a sua experiência pessoal. Declarou que “o que acontece na morte é tão indescritivelmente glorioso que a nossa imaginação e os nossos sentimentos não são suficientes para dar mesmo uma idéia aproximativa disso”.³²

A sua excitante idéia de que as nossas vidas podem ultrapassar também a causalidade relaciona-se com a sua insistência na nossa habilidade de transcender tempo e espaço. Baseando-se no seu trabalho clínico com pacientes durante várias décadas, Jung descobriu que estranhas coincidências parecem se acumular durante períodos de significância emocional – como quando estamos confrontados com decisões importantes que precisamos tomar. Por exemplo, uma mulher pode não estar certa de querer ou não se mudar para outro local, até descobrir que o seu carteiro deixara uma carta errada na sua caixa de correio – uma carta originária justamente daquela cidade. Ou um homem solitário poderia sonhar que se apaixonara por uma bela estrangeira – somente para mais tarde descobrir-se sentado perto de uma mulher atraente e aparentemente interessada nele. Todos nós já nos confrontamos com esse tipo de coincidência, mas Jung suspeitava que ele pode refletir algum princípio desconhecido do Universo. Já em 1929, inventara o termo *sincronicidade* para descrever essa espécie de fenômeno.

Durante os anos 1930 e no início dos anos 1940, Jung refletiu profundamente sobre esse conceito. As suas cartas revelam a sua gradativa tomada de consciência de que o misticismo oriental entendera esse fenômeno há muitos séculos e ligara-o à inexprimível totalidade do Tao (traduzido de modo vago como o divino “Caminho”). Tendo descoberto que o *I Ching* oferecia excelentes conselhos de uma perspectiva *sincrônica*, incorporou o seu uso na psicoterapia, com os seus pacientes. Ele também aconselhava-os a prestar atenção especial às coincidências de suas vidas, pois gradualmente chegou a acreditar que tudo no Cosmo está intimamente inter-relacionado.

O interessante é que Carl Jung tinha consciência das implicações filosóficas da física moderna no que se refere a este assunto. Na verdade, ele foi dos primeiros pensadores ocidentais a defrontar-se com as maiores questões levantadas pela relatividade e pela mecânica quântica. Encontrou-se com Albert Einstein em Zurique em várias ocasiões, quando ambos eram jovens; foi então que Jung começou a ficar excitado com a possível importância da nova física no estudo de nosso universo interior. Mais tarde, na década de 30, tornou-se íntimo de Wolfgang Pauli, um dos mais importantes fundadores da teoria do *quantum*. Antecipando brilhantemente o interesse que atualmente foi despertado por esse campo, em 1938 Jung dizia:

“Eu não ficaria surpreso se um dia víssemos um acordo de longo alcance entre as formulações básicas da psicologia e da física. Estou convencido de que se as duas ciências procurarem seus objetivos com a maior consistência e diretamente na profundidade última do homem, elas deverão atingir uma fórmula comum.”³³

Na introdução à edição de Wilhelm-Baynes do *I Ching*, em 1949, e principalmente no seu

ensaio mais longo intitulado *Sincronicidade: um princípio conector não-causal*, de 1952, Jung enfatizou que a nova física proclamava uma revolução em nosso entendimento da natureza do tempo, do espaço e da causalidade. Advertiu de que livros divinatórios, como o *Livro das mudanças*, podem parecer absurdos, mas que eventualmente a ciência ocidental, bem como o misticismo oriental, podem abranger tais fenômenos com muita facilidade. “A totalidade irracional da vida ensinou-me a nunca descartar seja o que for”, disse, “mesmo quando isso vai contra todas as nossas teorias (que na melhor das hipóteses, têm uma curta duração)”.³⁴

Com esses escritos provocadores, Jung essencialmente argumentou que alguma porção de nosso ser íntimo transcende totalmente as leis físicas. Ele estava absolutamente certo da realidade dos fenômenos psíquicos, uma vez que presenciara um número demasiado de eventos inexplicáveis para que permanecesse cético. Realmente, em uma carta a J. B. Rhine, o fundador da psicologia experimental, Jung confiava que ele próprio tivera experiências que aprendera a conservar escondidas; de outra maneira, explicava, poderia ter sido confinado em algum hospício. Insistia em afirmar que telepatia, pré-cognição, clarividência, *déjà vu* e coincidências extraordinárias – todos esses fenômenos – são sinais de que alguma força desconhecida ocasionalmente intervém no nosso mundo.

O pensador suíço reconhecia que tinha somente conjecturas básicas a fornecer quanto à natureza dessa força. E confessava que era incapaz de imaginar como seria um universo mais elevado – não baseado no espaço, no tempo ou na causalidade. Mas considerava sistemas antigos, como o *I Ching* e a astrologia, pelo menos parcialmente sintonizados com esse poder desconhecido. Nos seus últimos anos, fez um apelo aos cientistas para que explorassem sistematicamente toda essa questão. Achava que somente assim respostas reais poderiam advir.

O VELHO SÁBIO

Sob muitos aspectos, as últimas décadas da vida de Carl Jung foram o seu período mais rico e encantador. Rodeado pela família, pelos amigos íntimos e pelos discípulos leais, continuou a tratar regularmente seus pacientes e a publicar livros. Algumas décadas antes, ele dizia que a civilização moderna esquecera o verdadeiro propósito do envelhecimento.

“Onde está a sabedoria do nosso povo? Onde estão os seus segredos preciosos e as suas visões? Na maior parte, nossos velhos tentam competir com os jovens”³⁵, dissera Jung quando era uma pessoa de meia-idade. Agora, em meados dos seus setenta e oitenta anos, tinha coragem para seguir os seus próprios ensinamentos.

Quando a Segunda Guerra Mundial finalmente terminou, o idoso Jung viu-se subitamente confrontado com um grau sem precedentes de interesse em seu trabalho. A retomada das relações normais entre as nações trouxe-lhe uma volumosa correspondência e uma similar e interminável procissão de visitantes e futuros estudantes. Em 1946, um segundo ataque cardíaco convenceu-o de que não podia mais funcionar como uma universidade constituída por um único homem. Relutantemente concordou em estabelecer um instituto formal de treinamento e de pesquisa. Apesar de suas objeções, seus discípulos chamaram-no de Instituto C. G. Jung e recrutaram Jung como seu primeiro presidente, em 1948. Dois anos mais tarde, quando teve de

se aposentar devido à má saúde, sua mulher Emma assumiu suas funções.

Os próximos poucos anos testemunharam um dos períodos mais criativos e férteis de Jung, quando devotou um tempo cada vez maior à escrita. Apesar de sua idade avançada o seu intelecto inquieto vagava pelos mais diversos campos, como religião, mitologia comparada, ciência política e física quântica. Também fazia conferências periodicamente no seu Instituto e em qualquer outro lugar, embora a sua saúde precária o impedisse de fazer longas viagens.

Além de completar uma variedade de artigos sobre a natureza da nossa psique, Jung também publicou vários trabalhos importantes, nessa época. Entre eles, *Aion*, *Resposta a Job*, e *Sincronicidade: um princípio conector não-causal*. Em 1955 e 1956 essa série culminou nos dois volumes do *Mysterium Coniunctionis*, que considerava sua obra definitiva. Por meio desses escritos, freqüentemente difíceis de se entender, o psiquiatra suíço abordava questões religiosas a partir de seu exclusivo ponto de vista. Não deixando nunca de rejeitar a etiqueta de “místico”, repetidamente insistia que tal crítica somente revelava a ignorância dos que o atacavam. “Se me chamam de ocultista por estar seriamente investigando *fantasias filosóficas, religiosas, mitológicas e folclóricas* em indivíduos modernos e em textos antigos”, retrucava satiricamente, “então devem também diagnosticar Freud como *um perverso sexual*, uma vez que ele está fazendo o mesmo com as fantasias sexuais, e um criminologista com tendências psicológicas também deverá ser considerado como um presidiário reincidente.”³⁶

Durante a década de 1950, Jung também focalizou sua atenção na tensa situação do mundo. Em um livro profundo, *The Undiscovered Self* (“O eu oculto”) explorou o colapso dos valores ocidentais tradicionais e o simultâneo apelo do marxismo para as nações orientais e não-desenvolvidas industrialmente. Jung via os Estados Unidos e a Rússia interligados em uma luta ideológica que poderia levar muitas décadas para terminar. Embora desconfiasse enormemente do sistema soviético, criticava com intensidade quase similar aquilo em que se transformara o sistema de vida norte-americano: uma obsessiva e crescente compulsão para o consumo de bens materiais – com um consolo de bem-estar social para os pobres.

A civilização moderna não encontrara nada capaz de substituir os antigos ideais religiosos; o Holocausto nazista era para Jung uma prova do niilismo de nossos tempos. No entanto, ele tinha esperança de que as verdadeiras aspirações espirituais da humanidade levassem a uma autêntica “nova era”. Em um ensaio sobre os episódios globais relativos aos UFOs, sugeriu que talvez estivéssemos todos olhando novamente para os céus, esperando a salvação.

Em sua própria vida, as mortes de Toni Wolff em 1953 e de sua esposa Emma em 1955 o abalaram profundamente. Parecia estar mais consciente de sua saúde periclitante e tornou-se um tanto mais acessível à mídia. Nos seus últimos anos, concedeu várias entrevistas à imprensa, ou radiofônicas e filmadas. Embora achasse, de uma forma muito pessoal, que o nível das perguntas que lhe faziam era desapontador e até mesmo ridículo. Respondendo a um convite formulado pela revista *Esquire* para que previsse “os acontecimentos mais dramáticos da próxima década”, replicou asperamente: “Como sou um cientista, prefiro não ser um profeta, se isso puder ser evitado. Não estou apto a adivinhar fatos do futuro”.³⁷

Felizmente acabou por concordar em publicar sua autobiografia e assistido pela sua secretária pessoal, Aniela Jaffé, publicou *Memórias, Sonhos e Reflexões*.

Um ano antes de sua morte Jung ainda se entusiasmou por um novo projeto, uma antologia

popular que seria intitulada *O homem e seus símbolos*. Começou a preparar rapidamente um capítulo que reuniria todo o trabalho de sua vida sobre este vasto tema. E durante toda a sua velhice o pensador suíço tratou de conservar em dia a sua volumosa correspondência.

De todas as partes do mundo pessoas de todas as idades escreviam para ele. Solicitavam respostas sobre misticismo e religião, eventos mundiais e psicologia, e até sobre seus próprios problemas pessoais. Os seus correspondentes compreendiam de famosos teólogos e terapeutas aos que obviamente eram desequilibrados. Mas Jung respondia pacientemente a cada um deles. Suas cartas freqüentemente revelam um temperamento brincalhão e irônico, difícil de ser encontrado em seus livros, maciçamente eruditos. Podia também ser muito poético. Ao embaixador suíço na Áustria escreveu: “O trabalho da vida de um homem é como um navio que ele construiu e equipou, lançou pela rampa e confiou ao mar... O que resta é o que (ele) foi”.³⁸

Carl Gustav Jung morreu tranqüilamente em 1961, após uma prolongada enfermidade. Tinha quase 86 anos. No dia de sua morte, vários fatos *sincrônicos* aparentemente ocorreram. O mais importante deles foi que a sua árvore favorita foi atingida por um raio, no jardim. A cortiça foi descascada, mas a árvore não foi destruída. Sem dúvida Jung, que considerava as árvores como símbolos atemporais da vida, teria ficado contente com essa coincidência.

NOTAS

- ¹ JUNG, Carl G. *Memories, Dreams, Reflections*. Gravado e editado por Aniela Jaffé. Traduzido para o inglês por Richard e Clara Winston. Nova York: Random House, 1963, pág. 91.
- ² Ibid., pág. 48.
- ³ Ibid., pág. 75.
- ⁴ Ibid., pág. 114.
- ⁵ *The Freud/Jung Letters: The Correspondence Between Sigmund Freud and C. G. Jung*. Editado por William McGuire. Traduzido para o inglês por Ralph Manheim e R. F. Hull. Princeton: Princeton University Press, 1974, pág. 3.
- ⁶ *Memories*, pág. 149.
- ⁷ Ibid., pág. 361.
- ⁸ Ibid., pág. 8.
- ⁹ Jung, *Memories*, pág. 150.
- ¹⁰ Gay, Peter. *Freud: A Life for Our Time*. Nova York: Norton, pág. 235.
- ¹¹ *Memories*, pág. 199.
- ¹² Ibid., pág. 173.
- ¹³ Ibid., pág. 191.
- ¹⁴ Jung, *Analytical Psychology*, pág. 192.
- ¹⁵ Ibid., pág. 46.
- ¹⁶ Op. Cit.
- ¹⁷ Jung, *Memories*, pág. 207.
- ¹⁸ Op. Cit.
- ¹⁹ Jung, *Analytical Psychology*, pág. 19.
- ²⁰ Jung, *Memories*, pág. 371.
- ²¹ Ibid., pág. 372.
- ²² Ibid., pág. 239.
- ²³ Ibid., pág. 240.
- ²⁴ Ibid., págs. 247-248.
- ²⁵ Ibid., pág. 252.
- ²⁶ Jung, *Letters*, vol. 2, pág. 217. // Jung, C. G. “The Holy Men of India”, *Collected Works*. Princeton: Princeton University Press, 1958, vol. 11, pág. 581.
- ²⁷ Ibid., págs. 585-86.
- ²⁸ Jung, C. G. “Mysterium Coniunctionis”, *Collected Works*, 1970, pág. 21.
- ²⁹ Jung, *Memories*, pág. 291.
- ³⁰ Op. Cit.
- ³¹ Jung, *Memories*, pág. 264.
- ³² Jung, *Letters*, vol. 1, pág. 343.
- ³³ Ibid., pág. 246.
- ³⁴ Jung, C. G. “Foreword to the I Ching”, *Collected Works*, vol. 11, pág. xxiv.
- ³⁵ Jung, “The Stages of Life”, *Collected Works*, vol. 8, pág. 110.
- ³⁶ Jung, *Letters*, vol. 2, pág. 187.

³⁷ Ibid., pág. 513.

³⁸ Ibid., pág. 577.

PARTE II

Escritos Seleccionados

A VISÃO DE JUNG SOBRE SEU PRÓPRIO TRABALHO

Posso somente esperar e desejar que ninguém se torne um “junguiano”. Não represento nenhuma doutrina, mas descrevo fatos e coloco certos pontos de vista que considero dignos de discussão. Critico a psicologia freudiana por um certo espírito de intolerância e fanatismo sectário e rígido. Não proclamo nenhuma doutrina pronta e abomino “adesões cegas”. Deixo cada um livre para lidar com os fatos da sua própria maneira, já que eu próprio clamo por liberdade. (3)



O longo caminho que atravessei está entulhado com cas-cas descartadas, testemunhas de inumeráveis moldagens, essa *relicta* chamada de livros. Elas escondem tanto quanto revelam. Cada passo é um símbolo dos passos seguintes. Aquele que sobe um lanço de escadas não se demora nele e nem se volta para olhar os degraus, mesmo que a idade o convide para demorar ou para ir mais devagar. Os últimos degraus são os melhores e mais preciosos, pois nos levam à plenitude para a qual a essência mais íntima do homem foi orientada. (3)



Qualquer um que diga que sou um místico é apenas um idiota. Não entende uma única palavra de psicologia. (1)



Eu desenvolvo uma psicologia científica que poderia ser chamada de uma anatomia comparativa da psique. Afirmo que a psique é algo real. (3)



É realmente desesperador que hoje a maioria das pessoas instruídas evitem falar de assuntos religiosos. Responsabilizo em parte os teólogos por isso, pois obstinadamente se recusam a admitir que eles, tanto como o resto de nós, falamos de idéias antropomórficas que não sabemos o quão exata ou inexatamente descrevem um possível fato metafísico. Dessa maneira, matam qualquer discussão no seu início, e assim somos obrigados a evitar polidamente qualquer conversa com teólogos, *prejudicando muito a vida religiosa!*

Na minha prática, freqüentemente fui obrigado a dar lições de escola primária de história da religião para eliminar, desde o início, o desgosto e a náusea que as pessoas sentem em relação a temas religiosos, pessoas essas que foram obrigadas durante todas as suas vidas a lidar com monges e pregadores. O homem de hoje quer entender, e não ouvir sermões. (3)



Eu me defino como empírico, pois afinal tenho de ser alguém respeitável. Vocês mesmos

admitem que sou um tanto filósofo e naturalmente não gosto de me sentir inferior. Como empírico, pelo menos realizei alguma coisa. Se um homem é um bom fabricante de sapatos e sabe disso, a inscrição na lápide do seu túmulo não dirá que foi um mau chapeleiro só pelo fato de ter feito uma vez um chapéu insatisfatório.

Mais especificamente, sou simplesmente um psiquiatra, pois para mim o principal problema, para o qual todos os meus esforços são dirigidos, é o do distúrbio psíquico. Tudo o mais é secundário para mim. Não me sinto chamado a fundar uma religião e nem a proclamar minha fé em alguma delas. Não estou engajado com a filosofia, mas simplesmente em pensar dentro da estrutura da tarefa especial que me foi conferida: ser um bom psiquiatra, um médico da alma. É isto que descobri por mim mesmo e é assim que funciono como um membro da sociedade. (3)



Não tenho idéia do que seja Deus em si próprio. Na minha experiência há somente fenômenos psíquicos que em última análise têm uma origem desconhecida, uma vez que a própria psique é irremediavelmente inconsciente. Os que me criticam ignoram a barreira epistemológica que é expressamente respeitada por mim. Assim como tudo o que percebemos é constituído de fenômenos psíquicos, e portanto secundários, o mesmo acontece com todas as experiências interiores. Devemos, portanto, ser realmente modestos e não imaginar que podemos dizer algo sobre o próprio Deus. (3)



Não sei se é permissível à nossa incompetência pensar em coisas divinas. Acho que todos os meus pensamentos circulam em torno de Deus, assim como os planetas circulam em torno do sol e são irresistivelmente atraídos por ele. Se eu oferecesse qualquer resistência a essa força compulsiva me sentiria como se houvesse cometido o mais hediondo pecado. Sinto que é desejo de Deus que eu exercite o dom do pensamento que ele me conferiu. Portanto, coloco meu pensamento ao seu serviço. (3)



Não posso forçar as pessoas a levar a sério o meu trabalho e não posso persuadi-las a estudá-lo realmente. O problema é que não construo teorias que podem ser aprendidas de cor. Coleciono fatos que não são geralmente conhecidos ou avaliados de maneira apropriada, e dei nomes a observações e experiências não-familiares à mente contemporânea e objeccionáveis aos seus preconceitos.

Assim, a minha principal contribuição para o desenvolvimento avançado da psicologia do inconsciente, criada por Freud, ressent-se de uma considerável desvantagem: os médicos interessados em psicoterapia praticamente não conhecem a mente humana em geral, tal como ela se expressa na história, na arqueologia, na filologia, na filosofia e na teologia.

É a menor parte da psique, e principalmente do inconsciente, que se apresenta nas consultas médicas. Por outro lado, os especialistas das disciplinas acima mencionadas estão

distanciados de qualquer conhecimento psicológico ou psicopatológico, e o público em geral sente-se feliz de não tomar consciência de qualquer conhecimento médico, bem como de qualquer outra espécie de conhecimento real e bem fundamentado.

Os tópicos que discutimos são de uma natureza altamente complexa. Como podemos popularizar coisas tão difíceis e que requerem uma quantidade não habitual de conhecimento específico, para um público que não se dá ao trabalho, ou não pode se dar ao trabalho, de estudar cuidadosamente os fatos reunidos em muitos volumes? Como pode alguém expressar as coisas essenciais da física moderna em poucas palavras? (3)



Para a orientação de vocês, eu sou um psiquiatra e não um filósofo: simplesmente um empírico que reflete sobre certas experiências. (3)



Obrigado pela sua bondosa carta. O senhor é o primeiro representante da nação japonesa do qual ouço que leu meus livros. Assim sendo, a sua carta é um fato memorável na minha vida. Ela mostra como é vagarosa a viagem mental: levei mais de trinta anos para chegar ao Japão, mas ainda nem mesmo cheguei à universidade da minha própria cidade.

É realmente muito gratificante e encorajador saber que tenho leitores no Japão, pois sei como a maioria das minhas obras é muito especificamente européia. É verdade, no entanto, que tenho tentado demonstrar da melhor maneira possível o caráter universal da psique. Mas essa é uma tarefa quase superhumana. “A arte é longa, a vida é curta”. Estou agora no meu octagésimo terceiro ano e a minha tarefa criativa chega ao fim. Estou observando o pôr-do-sol. (3)



Infelizmente não consigo interpretar o seu sonho. Eu não ousaria deixar que o seu material fosse manipulado pelas minhas intuições. Mas já que apareço no seu sonho, não posso deixar de observar que gosto de paredes espessas, de árvores e de coisas verdes, e de muitos livros. Talvez você esteja precisando dessas três boas coisas. (3)



Sendo um cientista, prefiro não ser um profeta, se puder evitá-lo. Não estou em uma posição que me permita adivinhar fatos do futuro. (3)



Quando examinava o desenvolvimento em pacientes que, quietamente, de uma forma talvez inconsciente, ultrapassavam [seus antigos] *selves*, constatei que os seus destinos tinham algo em comum. Essa coisa nova atingiu-os vinda de possibilidades obscuras, quer do exterior quer do interior deles próprios; eles a aceitaram e cresceram com a sua ajuda.

Pareceu-me característico que alguns aceitassem a nova coisa a partir do exterior e outros a partir do interior; ou antes que em algumas pessoas ela crescia vinda de fora e em outras, de

dentro.

Mas essa coisa nova nunca chegava exclusivamente de dentro ou de fora. Se vinha de fora, tornava-se uma experiência íntima profunda; se vinha de dentro, tornava-se um acontecimento exterior. Em nenhum caso essa experiência era invocada intencionalmente ou por um desejo consciente, antes parecia ter surgido ao longo do fluxo do tempo. (84)



Não tenho nenhuma teoria sobre os sonhos, nem sei como eles surgem. E não estou certo de que a minha maneira de lidar com os sonhos sequer mereça o nome de um “método”. Partilho de todos os seus preconceitos contra a interpretação dos sonhos como a quinta-essência da incerteza e da arbitrariedade.

Por outro lado, sei que se meditarmos por um tempo suficientemente longo e de maneira profunda sobre um sonho, se o transportarmos conosco e o remoermos mais e mais, quase sempre algo sairá dele. Este algo não é, naturalmente, um resultado científico do qual possamos vangloriar ou que pode ser racionalizado; mas é um indício prático importante que mostra ao paciente o que o seu inconsciente está querendo dizer. Na realidade, não deveria ser importante para mim o fato de o resultado de minhas elucubrações sobre o sonho ser cientificamente verificável ou sustentável; de outra forma eu estaria procurando um objetivo ulterior e auto-erótico.

Devo contentar-me totalmente com o fato de que o resultado significa algo para o paciente e movimenta novamente a sua vida. Devo permitir-me um critério único para avaliar o resultado de meus esforços: isso funciona? Quanto ao meu *hobby* científico – meu desejo de saber *por que* isso funciona – isso eu devo reservar para o meu tempo ocioso. (13)



Quando o famoso Einstein era professor em Zurique eu o via freqüentemente e nessa época ele estava começando a elaborar a sua teoria da relatividade. Ele freqüentava a minha casa e eu o fazia falar sobre a sua teoria. Não sou bom em matemática e você deveria ter visto o problema que era para o pobre homem explicar-me a relatividade. Não sabia como fazê-lo. Senti-me muito inferiorizado e querendo desaparecer terra adentro quando vi como isso o perturbava.

Porém, um dia ele me fez uma pergunta sobre psicologia. Então me vinguei. (4)



Não tenho um complexo de poder no sentido [adleriano], pois tenho tido bastante sucesso e me adaptei facilmente, em quase todos os aspectos. Se o mundo inteiro discordar de mim, isso me será perfeitamente indiferente. Moro em um lugar ótimo na Suíça, divirto-me, e se ninguém se diverte com os meus livros, eu o faço. Não há nada melhor do que estar na minha biblioteca e quando faço descobertas nos meus livros é maravilhoso.

Não posso dizer que tenho uma psicologia freudiana, pois nunca tive tais dificuldades em relação aos desejos. Quando era menino vivi no campo e assumia muito naturalmente as coisas, e as coisas naturais e não naturais das quais fala Freud não me interessavam. Falar de um

complexo de incesto deixa-me mortalmente entediado. (4)



Não consegui nunca me interessar terrivelmente por esses casos de sexo [como Freud]. Eles não existem, há pessoas que têm uma vida sexual neurótica e somos obrigados a falar de coisas sexuais com elas até elas enjoarem e aí saímos dessa chateação. Naturalmente, com a minha atitude temperamental, espero que possamos terminar com essa coisa tão logo quanto possível. É uma coisa neurótica e nenhuma pessoa equilibrada fala disso durante muito tempo. Muitas pessoas elaboram dificuldades desnecessárias sobre sexo, quando os seus verdadeiros problemas são de uma natureza inteiramente diferente. (4)



A velhice não é tão divertida como em geral se pensa. Sobre todos os aspectos ela é a degradação gradual da máquina corporal com a qual nos identificamos por tolice. Na realidade, é um esforço maior – o *magnum opus*, de fato – escapar em tempo da estreiteza do seu abraço e liberar a nossa mente para a visão da imensidade do mundo, do qual formamos uma parte infinitesimal. Apesar da enormidade da nossa cognição científica, estamos ainda somente ao pé da escada, mas pelo menos já estamos suficientemente avançados para reconhecer a pequenez de nosso conhecimento.

Quanto mais envelheço mais fico impressionado com a fragilidade e a incerteza do nosso entendimento, e mais recorro à simplicidade da experiência imediata, para não perder contacto com os essenciais: ou seja, os dominantes que regulamentam a existência humana através dos milênios. (3)

ENTENDENDO A PSIQUE HUMANA

O homem não pode se comparar com qualquer outra criatura. Ele não é um macaco, nem uma vaca, nem uma árvore. Eu sou um homem. Mas o que é ser um homem? Como qualquer outro ser humano, sou uma partícula da divindade infinita; mas não posso me comparar com qualquer animal, planta ou pedra. Somente um ser mítico tem um alcance maior do que o do homem. Como então pode um homem formar qualquer opinião definida sobre si próprio? (6)



Se a [alma] humana é alguma coisa, deve ser de uma complexidade e diversidade inimagináveis, o que torna impossível atingi-la por meio de uma simples psicologia do instinto. Posso somente contemplar com admiração e temor as profundezas e alturas de nossa natureza psíquica. O seu universo não-espacial esconde uma indizível abundância de imagens que se acumularam durante milhões de anos de desenvolvimento da vida e fixaram-se no organismo.

A minha consciência é como um olho que penetra nos mais distantes espaços, no entanto, é o não-ego psíquico que os preenche com imagens não-espaciais. E essas imagens não são pálidas sombras, mas sim fatores psíquicos tremendamente poderosos...

Ao lado dessa visão eu gostaria de colocar o espetáculo da noite estrelada, pois o único equivalente do universo interior é o universo exterior; e assim como atinjo este mundo pela mediação do corpo, também atinjo aquele mundo pela mediação da psique. (6)



A psique não é de modo algum uma *tabula rasa*, mas uma definida mistura e combinação de genes, os quais estão nela desde o primeiro momento de nossa vida; e eles dão um caráter definido mesmo à criança pequena. (1)



Será que entendemos sempre o que pensamos? Somente entendemos a espécie de pensamento que é uma mera questão, da qual nada vem a não ser o que nela colocamos. Esse é o trabalho da inteligência. Além disso, porém, há um pensamento estabelecido por meio de imagens primordiais, símbolos que são mais antigos do que o homem histórico, que são inatos nele desde os tempos primordiais e que, vivendo eternamente, sobrevivendo a todas as gerações, ainda formam o terreno fundamental da psique humana. Somente é possível viver o mais plenamente possível quando estamos em harmonia com esses símbolos; a sabedoria é uma volta a eles. (74)



Fato notável com que nos deparamos várias vezes: absolutamente todo mundo, até mesmo o menos qualificado dos leigos, pensa que sabe tudo sobre psicologia, como se a psique fosse

algo que gozasse do entendimento universal. Mas qualquer um que realmente conheça a psique humana concordará comigo quando digo que ela é uma das regiões mais sombrias e misteriosas da nossa experiência. Não há limites para o que podemos aprender nesse campo. (58)



Há duas ciências em nossos dias que estão em contato imediato com os problemas básicos: a física nuclear e a psicologia do inconsciente. Nelas, as coisas começam a parecer realmente difíceis, pois os que conseguem entender algo de uma dessas coisas são extraordinariamente incapazes de entender a outra: donde, ao que parece, surge a grande confusão de linguagens, que já foi a causa da destruição da Torre de Babel.

Estou tentando manter esses dois mundos juntos, enquanto a minha maquinaria [corporal] permite esse esforço, mas parece essa ser uma condição desesperadoramente semelhante à do mundo político, cuja solução ninguém ainda pode prever. É bem possível que olhemos o mundo de um ponto de vista errado e que somente poderemos obter a resposta certa se trocarmos de lado e o olharmos de outro ponto de vista: isto é, não do exterior, mas sim do interior. (3)



Cada ciência é uma função da psique e todo conhecimento está enraizado nela. A psique é a maior de todas as maravilhas cósmicas. (44)



O investigador psicológico vê-se sempre obrigado a fazer uso extensivo de um método indireto de descrição para apresentar a realidade que observou. Somente quando se trata de fatos elementares que são redutíveis à mensuração quantitativa é que poderá haver qualquer apresentação direta. Mas que quantidade da verdadeira psicologia do homem pode ser experimentada e observada como fatos quantitativamente mensuráveis? (56)



Cada ciência tem, por assim dizer, um lado exterior; mas não a psicologia, cujo objeto é o lado interior de todas as ciências. (44)



Na psicologia, as teorias são o próprio diabo. É verdade que precisamos de certos pontos de vista, pelo seu valor heurístico e orientador. Mas eles devem sempre ser considerados como meros conceitos auxiliares que podem ser postos de lado a qualquer momento.

Sabemos ainda tão pouco sobre a psique que é decididamente grotesco pensar que estamos muito avançados para formular teorias gerais. Nem mesmo estabelecemos ainda a extensão empírica da fenomenologia da psique – como então podemos sonhar com teorias gerais? Sem dúvida, a teoria é o melhor disfarce para a falta de experiência e a ignorância, mas as suas conseqüências são deprimentes: intolerância, superficialidade e sectarismo científico. (52)



Podemos aprender muito sobre a psicologia por meio dos livros de estudo, mas sempre descobriremos que esse tipo de psicologia não é muito útil na vida prática. Uma [pessoa] encarregada de cuidar de almas deveria ter uma certa sabedoria de vida que não consiste somente de palavras, mas principalmente de experiência. Tal psicologia, como eu a entendo, é não somente um determinado conhecimento, mas uma certa sabedoria de vida, ao mesmo tempo. Se essa coisa puder ser ensinada, será por meio de uma experiência pessoal da alma humana. Tal experiência é possível somente quando o ensinamento tem um caráter pessoal, ou seja, quando somos ensinados pessoalmente e não de uma maneira geral. (3)



Sempre me divirto quando as pessoas dizem que dispensam a psicologia. Nunca me ocorreria dispensar estudos literários ou estéticos por estarem demasiado envolvidos com certos aspectos da psique humana, e não posso nunca entender como meus colegas em outros campos profissionais podem justificadamente dispensar a psicologia, sem mais. Eu nunca sonharia em colocar a psicologia no lugar da estética, ou coisas assim.

Por outro lado, é óbvio a qualquer criança que o artista tem uma psique humana cujas qualidades são ao menos similares às dos mortais ordinários. Entendo melhor a resistência no caso dos filósofos, uma vez que a psicologia serra o galho em que eles estão sentados, maldosamente os roubando da ilusão de que representam o espírito absoluto. (3)



A natureza da psique alcança obscuridades que estão muito além do alcance do nosso entendimento. Ela contém tantos enigmas como o Universo com os seus sistemas galácticos; portanto, diante dessas configurações majestosas, apenas uma mente desprovida de imaginação pode deixar de admitir a sua própria insuficiência. Essa extrema incerteza da compreensão humana torna o blá-blá-blá intelectual não somente ridículo, como deploravelmente tedioso. (72)



Todos os eventos psíquicos estão tão profundamente enraizados no arquétipo e são tão entrelaçados com ele que em cada caso um esforço crítico considerável é requerido para separar o que é único do que é característico, com alguma certeza. Em última análise, cada vida individual é ao mesmo tempo a vida eterna das espécies. O indivíduo é continuamente “histórico” por ser estritamente sujeito ao tempo; a relação do tipo com o tempo, por outro lado, é irrelevante... Uma vez que o arquétipo é a pré-condição do inconsciente de cada vida humana, a sua vida, quando revelada, revela também a vida básica inconsciente e escondida de cada indivíduo. (60)



Um símbolo perde a sua mágica ou, se preferirem, o seu poder de redenção, assim que a probabilidade de se dissolver é reconhecida. Para ser efetivo um símbolo deve sê-lo pela sua própria natureza inatingível. Ele deve ser a melhor expressão possível da cosmovisão prevalecente, um repositório inigualável de significado; deve também estar suficientemente longe da compreensão para resistir a todas as tentativas de decifrá-lo, feitas pelo intelecto crítico; e, finalmente, a sua forma estética deve atrair nossos sentimentos de maneira tão convincente que seja impossível levantar algum argumento contra ele, nesse sentido. (56)



Nem por um momento ousamos sucumbir à ilusão de que um arquétipo pode ser completamente explicado e descartado. Até mesmo as melhores tentativas de explicá-lo são somente traduções mais ou menos bem-sucedidas para outra linguagem metafórica. (Na verdade, a própria linguagem é somente uma imagem.) O máximo que podemos fazer é *passar para a frente o sonho do mito* e dar-lhe uma vestimenta moderna. E seja o que for que a explicação ou a interpretação faça com ele, o mesmo fazemos também com nossas próprias almas, com resultados correspondentes para o nosso próprio bem-estar. É preciso não esquecer que o arquétipo é um órgão psíquico presente em todos nós. (62)



A alma faz nascer imagens que do ponto de vista racional da consciência supostamente são desprovidas de valor. E são assim porque não podem ser imediatamente levadas em conta no mundo objetivo. A primeira possibilidade de usá-las é artística, quando alguém tem um dom qualquer, nessa direção; uma segunda possibilidade é a especulação filosófica; a terceira é quase-religiosa, levando à heresia e à fundação de seitas; e uma quarta maneira de usar a *dinâmica* dessas imagens é desperdiçá-la em qualquer forma de licenciosidade. (56)



Somente com espanto e terror posso contemplar as profundidades e as alturas de nossa natureza psíquica. O seu universo não-espacial esconde uma profusão de imagens que se acumularam durante milhões de anos de desenvolvimento da vida e que se fixaram no organismo. Minha consciência é como um olho que penetra nos espaços mais distantes, no entanto, é o não-ego psíquico que os preenche com imagens nãoespaciais. E essas imagens não são pálidas sombras, mas sim fatores psíquicos tremendamente poderosos.

O máximo que podemos fazer é entendê-los mal, mas não podemos nunca destituí-los do seu poder, negando-os. Ao lado desse quadro eu gostaria de colocar o espetáculo do céu estrelado, pois, o único equivalente do universo interior é o universo exterior; e assim como atinjo este mundo por meio do corpo, também atinjo o mundo interior por meio da psique. (60)



As chamadas “forças do inconsciente” não são conceitos intelectuais que podem ser manipulados arbitrariamente, mas sim perigosos antagonistas capazes, entre outras coisas, de

causar uma terrível devastação na economia da personalidade. Elas são tudo o que se pode desejar ou temer em um “Tu” psíquico. O leigo naturalmente pensa que é vítima de alguma obscura moléstia orgânica; porém o teólogo, que suspeita tratar-se de uma obra do diabo, aparentemente está mais próximo da verdade psicológica. (69)



Muitas pessoas negam peremptoriamente a existência do inconsciente, ou então dizem que ele consiste meramente de instintos, ou de conteúdos reprimidos ou esquecidos que previamente faziam parte da mente consciente. Podemos assumir, sem dúvida, que o que o Oriente designa como “mente” tem mais a ver com o nosso “inconsciente” do que com a mente tal como a entendemos, isto é, mais ou menos idêntica à consciência.

Para nós, a consciência é inconcebível sem um ego; é igualada à relação de conteúdos de um ego. Se não houver um ego não haverá ninguém para se tornar consciente de qualquer coisa. Portanto, o ego é indispensável ao processo consciente. A mente oriental, porém, não tem dificuldade em conceber uma consciência sem um ego. A consciência é considerada capaz de transcender sua condição de ego; realmente o ego, em suas formas “mais elevadas”, desaparece totalmente. (28)



A psique e sua estrutura são suficientemente reais. Elas até mesmo transformam objetos materiais em imagens psíquicas. Não percebem ondas, mas sim sons; não percebem comprimento de ondas, mas sim cores. A existência é tal como a vemos e entendemos. Há inúmeras coisas que podem ser vistas, sentidas e entendidas de uma grande variedade de formas.

Completamente distanciada de preconceitos meramente pessoais, a psique assimila os fatos externos à sua própria maneira, a qual, em última análise, baseia-se nas leis de percepção de padrões. Essas leis não mudam, embora as diversas épocas ou diferentes partes do mundo as designem por nomes diferentes.

Em um nível primitivo, as pessoas têm medo de bruxas; em um nível moderno, temos uma apreensão consciente em relação aos micróbios. No primeiro caso todos acreditam em fantasmas, no segundo todos acreditam em vitaminas. (28)



Apesar de a maioria das pessoas não saber por que o corpo necessita de sal, cada um de nós o pede devido a uma necessidade instintiva. O mesmo acontece com as coisas da psique. (74)



Além do intelecto, [todos nós temos] símbolos que são mais antigos do que o homem histórico, que são inatos nele desde os tempos primordiais e, vivendo eternamente, ultrapassando todas as gerações, ainda formam os fundamentos da psique humana. Somente

podemos viver uma vida plena quando estamos em harmonia com esses símbolos. A sabedoria é um retorno a eles... Eles são as matrizes impensáveis de todos os nossos pensamentos, não obstante o que a nossa mente consciente possa cogitar. (74)



Assim como o “infravermelho psíquico” – a psique biológica instintiva – passa gradualmente para a fisiologia do organismo e funde-se com as suas condições físicas e químicas, da mesma forma o “ultravioleta psíquico” – o arquétipo – forma um campo que não exhibe nenhuma das peculiaridades do fisiológico e, contudo, em última análise, não pode mais ser visto como psíquico. (44)



Perguntam-me freqüentemente de onde vem o arquétipo e se é adquirido ou não. Esta questão não pode ser respondida diretamente. Por definição, arquétipos são fatores e motivos que ordenam os elementos psíquicos em certas imagens caracterizadas como arquetípicas, mas de maneira tal a poderem ser reconhecidas somente a partir dos efeitos que produzem. Os arquétipos existem de uma forma pré-consciente e presumivelmente formam as dominantes estruturais da psique em geral. Podem ser comparados à presença invisível de uma estrutura de cristal em uma solução saturada.

Como fatores condicionantes *a priori*, representam uma instância psicológica especial do “padrão de comportamento” biológico que dá a todos os organismos vivos as suas qualidades específicas. Assim como as manifestações deste plano biológico fundamental podem mudar o curso do desenvolvimento, a mesma coisa pode ocorrer com as manifestações do arquétipo. Considerado empiricamente, porém, o arquétipo nunca começou a existir como um fenômeno da vida orgânica, mas entrou no quadro com a própria vida. (53)



Mais cedo ou mais tarde a física nuclear e a psicologia do inconsciente se aproximarão, à medida que, independentemente uma da outra e vindas de direções opostas, elas avancem para um território transcendental, a primeira com o conceito do átomo e a segunda com o do arquétipo. (14)



Praticamente falando, sem consciência não haveria mundo, pois este existe para nós somente à proporção que é conscientemente refletido por uma psique. A consciência é a pré-condição do ser. Desta forma, a psique é dotada com a dignidade de um princípio cósmico, o qual filosófica e factualmente lhe dá uma posição de igualdade com o princípio do ser físico.

O portador dessa consciência é o indivíduo, o qual não produz a psique de sua vontade própria, mas é, ao contrário, pré-formado por ela e nutrido pelo gradual despertar da consciência durante a infância. Por conseguinte, se a psique é de uma importância empírica insuperável, o mesmo acontece com o indivíduo, que é a única manifestação imediata da psique.



O que é uma “ilusão”? Quais são os critérios para julgar algo como uma ilusão? Existe algo na psique que sejamos autorizados a chamar de ilusão? O que prazerosamente chamamos de ilusão pode ser para a psique um fator vital extremamente importante, algo tão indispensável como o oxigênio para o corpo – uma realidade psíquica significativamente estarrecedora.

Presumivelmente, a psique não se preocupa com as nossas categorias de realidade; para ela tudo que *funciona* é real. O pesquisador da psique deve confundi-la com a sua própria consciência, para não esconder de sua visão o objeto que investiga. Ao contrário, para reconhecê-la ele precisa aprender a ver o quanto ela é diferente da consciência. Não há nada mais provável do que ser muito real para a psique aquilo que chamamos de ilusão – razão pela qual não podemos assumir que a realidade psíquica seja comensurável à realidade consciente.

(13)



Longe de ser um mundo material, este é um mundo psíquico, que nos permite fazer somente inferências indiretas e hipotéticas sobre a natureza real da matéria. Somente o psíquico tem realidade imediata, o que inclui todas as suas formas, mesmo idéias “irreais” e pensamentos que não se referem a algo “externo”. Podemos chamar essas idéias e pensamentos de “imaginação” ou “ilusão”, mas isso de maneira alguma prejudica a sua efetividade. Na verdade, não há pensamento “real” que não possa algumas vezes ser descartado por um “irreal”, provando assim que o último é mais forte e mais efetivo do que o primeiro.

Maiores do que todos os perigos físicos são os efeitos tremendos das idéias ilusórias, às quais ainda é negada toda realidade pela nossa consciência mundanamente cega. A nossa muito elogiada razão e a nossa superestimada e ilimitada vontade às vezes são completamente impotentes diante dos pensamentos “irreais”. Os poderes mundanos que dominam toda a humanidade, para o bem ou para o mal, são fatores psíquicos inconscientes que transformam o inconsciente em ser e, portanto, criam a condição *sine qua non* da existência de qualquer mundo. Nós estamos imersos em um mundo que foi criado pela nossa própria psique. (67)



Toda ciência é descritiva no sentido de que não pode proceder mais experimentalmente sem, por esse mesmo motivo, deixar de ser científica. Mas uma ciência experimental torna-se impossível quando delimita seu campo de trabalho conforme conceitos teóricos. A psique não termina onde uma ou outra conceituação fisiológica termina. Em outras palavras, em cada caso individual que observamos cientificamente temos de considerar as manifestações da psique em sua totalidade. (97)



As asserções metafísicas são afirmações da psique; portanto, são psicológicas. Para a

mente ocidental, que compensa os seus bem conhecidos sentimentos de ressentimento com uma subserviente consideração com as explicações “racionais”, esta verdade óbvia parece demasiado óbvia, ou mesmo é vista como uma negação inadmissível de toda “verdade” metafísica.

Sempre que um ocidental ouve a palavra “psicológico”, ela soa como “*somente psicológico*”. Para ele, a “alma” é algo lastimavelmente pequeno, sem valor, pessoal, subjetivo e muitas outras coisas mais. Por conseguinte, prefere usar a palavra “mente” em seu lugar, embora ao mesmo tempo goste de fingir que uma declaração que pode realmente ser muito subjetiva é feita pela “mente”, naturalmente pela “Mente Universal”, ou mesmo – em casos extremos – pelo próprio “Absoluto”. Essa presunção um tanto ridícula é provavelmente uma compensação pela lastimável pequenez da alma. (27)



Não subestimo a psique sob nenhum de seus aspectos e nem posso imaginar por um só momento que os acontecimentos psíquicos se desmanchem no ar ao serem explicados. Os psicologismos representam um modo ainda primitivo do pensamento mágico, com a ajuda dos quais esperamos conjurar a realidade da alma. (17)



Em uma época em que toda a energia disponível é gasta na investigação da natureza, muito pouca atenção é dada à essência do homem, que é a sua psique, embora muitas pesquisas sejam realizadas sobre as suas funções conscientes. Mas a sua parte realmente desconhecida, que produz símbolos, está ainda virtualmente inexplorada. Recebemos sinais dela cada noite, porém, decifrar essas comunicações parece ser tarefa tão odiosa que apenas poucas pessoas em todo o mundo civilizado podem se dar a esse trabalho. O maior instrumento do homem, a sua psique, não é muito pensada, quando não é realmente desprezada e sujeita à desconfiança. “É somente psicológico” frequentemente significa: não é nada. (5)



A psique não *reage* simplesmente; ela dá a sua resposta específica às influências que agem sobre ela, e pelo menos metade da formação resultante deve-se inteiramente à psique e aos determinantes inerentes a ela. Essa explicação superficial pode certamente ser atribuída ao século XIX. São justamente esses determinantes que aparecem como imperativos psicológicos, e nós temos diariamente provas de seu poder propulsor. O que chamo de “dever biológico” é idêntico a esses determinantes. (71)



Qual a conclusão mais natural a ser tirada do que a de estarmos lidando neste caso com uma disposição humana generalizada, que é instintiva e inata, assim como acontece com os instintos de todos os animais? Como poderíamos explicar de outra forma produtos idênticos ou análogos entre tribos e indivíduos que não poderiam ter conhecimento da existência de criações

paralelas? Será que alguém realmente acredita que cada pinto inventa a sua própria maneira de sair do ovo? Ou que cada enguia toma uma decisão individual de encaminhar-se para as Bermudas, como se essa idéia fosse inteiramente nova? (3)



O complexo de Édipo é o que chamo de um arquétipo. É o primeiro arquétipo descoberto por Freud; o primeiro e o único. Ele achava que esse *era* o arquétipo. Basta olhar para a mitologia grega para encontrar arquétipos, qualquer quantidade deles. Ou observar os sonhos, para também encontrar qualquer quantidade deles. Para Freud, no entanto, o incesto era tão impressionante que ele escolheu o termo “complexo de Édipo” por ser um dos mais extraordinários exemplos de um complexo incestuoso; embora devamos nos lembrar de que essa é só a sua forma masculina e que também as mulheres têm um complexo incestuoso...

O [complexo de] Édipo nos dá um excelente exemplo do comportamento de um arquétipo. Trata-se sempre de uma situação total. Há uma mãe, um pai, um filho; há, portanto, toda uma história de como uma situação se desenvolve e do objetivo ao qual ela leva, em última análise. Isso é um arquétipo. (1)



Um arquétipo é sempre uma espécie de drama abreviado. Ele começa constantemente de tal ou tal forma, alcança tal ou tal complicação e encontra a sua solução de tal ou tal maneira. Essa é a forma habitual. Tomemos um instinto, por exemplo, o de os pássaros construírem os seus ninhos. Na maneira como constroem o ninho há um início, um meio e um fim. O ninho é construído apenas para ser suficiente para um certo número de filhotes. O fim já está antecipado. Este é o motivo pelo qual não há tempo no próprio arquétipo; é uma condição atemporal em que começo, meio e fim são a mesma coisa. São todos dados em uma só coisa. Esta é somente uma indicação do que o arquétipo pode fazer. (1)



Começo a ver que a estrutura do que chamei de “inconsciente coletivo” era na verdade uma espécie de aglomeração de [poderosas] imagens, cada uma das quais tinha uma qualidade sobrenatural.

Os arquétipos são, simultaneamente, dinâmicos. São imagens instintivas que não são inventadas intelectualmente. São permanentes e produzem determinados processos no inconsciente que poderiam ser mais bem comparados com mitos. Essa é a origem da mitologia. A mitologia é a enunciação de uma série de imagens que formulam a vida dos arquétipos. (1)



Como vemos, o arquétipo é uma força. Não tem autonomia e pode apoderar-se repentinamente de nós. É como se fosse um ataque. Apaixonar-se à primeira vista, por exemplo. Temos uma certa imagem em nós, sem que o saibamos, da mulher – [de uma determinada] mulher. Vemos uma jovem, ou pelo menos uma boa imitação de nosso tipo de mulher e

instantaneamente sofremos um ataque e estamos perdidos. E mais tarde podemos descobrir que foi o diabo de um erro.

Um homem é muito capaz ou suficientemente inteligente para saber que a mulher da sua escolha não era escolha alguma; ele foi laçado. Sabe que ela não vale nada e diz: “Pelo amor de Deus, doutor, ajude-me a me livrar dessa mulher”. Mas não consegue e parece ser uma argila entre os dedos dela. Isso é o arquétipo. (1)



A *persona* é um conceito prático necessário para elucidar as relações das pessoas. Notei que com os meus pacientes, particularmente com as pessoas que levavam uma vida pública, havia uma certa necessidade de se apresentarem. Por exemplo, um médico. Ele age de uma certa forma; sabe comportar-se junto ao leito dos enfermos e como as pessoas esperam que um médico se comporte. Pode até se identificar com esse modo e acreditar que é o que aparenta ser. Se não tiver um determinado modo de ser, as pessoas não acreditarão que é um médico. Assim também um professor supostamente tem de se comportar de um jeito tal que pareça plausível que se trate de um professor. Portanto, a *persona* é parcialmente o resultado das demandas feitas pela sociedade.

Por outro lado, há um compromisso com o que gostaríamos de ser ou de parecer. Tomemos, por exemplo, um pastor. Ele também tem sua maneira particular de ser e, naturalmente, corresponde ao que em geral a sociedade espera dele; mas ao mesmo tempo se comporta de uma outra maneira combinada com a sua *persona*, que é impingida pela sociedade sobre ele, de modo que a sua ficção de si próprio, a idéia que tem de si próprio, esteja mais ou menos retratada ou representada.

Assim, a *persona* é um determinado sistema complicado de comportamento que é parcialmente ditado pela sociedade e parcialmente ditado pelas próprias expectativas ou desejos que acalentamos. Mas não é a personalidade real. Apesar de as pessoas nos assegurarem de que é uma personalidade muito real e muito honesta, não é bem assim.

Esse desempenho da *persona* é correto enquanto podemos vê-lo como não idêntico à maneira sob a qual aparecemos: mas se estivermos inconscientes deste fato, podemos às vezes sofrer conflitos muito desagradáveis. Ou seja, não poderemos evitar que as pessoas notem que em casa somos muito diferentes do que aparentamos ser em público. Quem não sabe disso acaba sempre por tropeçar em coisas desse tipo. As pessoas negam que *sejam* assim, todavia, são assim. Então ficamos sem saber – qual é a pessoa real? Será aquela que é em casa ou nas relações íntimas, ou aquela que aparece em público? (1)



Há pessoas que têm um extraordinário conhecimento de si próprias, das coisas que acontecem nelas. Mas mesmo essas pessoas não seriam capazes de saber o que está acontecendo no seu inconsciente. Por exemplo, não têm consciência do fato de que enquanto vivem uma vida consciente um mito está sendo representado no seu inconsciente, o tempo todo; um mito que se estende por séculos: isto é, um fluxo de idéias arquetípicas que passam por um indivíduo durante séculos. Realmente, é como se fosse um contínuo riacho que aparece à luz do

dia em grandes movimentos, ou seja, em movimentos políticos ou espirituais. Por exemplo, em época anterior à Reforma as pessoas sonhavam com uma grande mudança. É por esse motivo que grandes transformações desse tipo puderam ser previstas.

Se alguém tem a capacidade de ver o que se passa na mente das pessoas, na mente inconsciente, será capaz de fazer previsões. Por exemplo, eu poderia ter previsto a ascensão do nazismo na Alemanha observando os meus pacientes alemães. Eles tinham sonhos em que toda essa coisa era antecipada e com um considerável número de detalhes. Eu estava absolutamente certo – nos anos anteriores a Hitler, antes do início da sua ascensão, posso precisar o ano, em 1919 –, de que algo estava ameaçando acontecer na Alemanha, algo muito grande, muito catastrófico. Eu soube disso apenas observando o inconsciente. (1)



O *self* é meramente um termo que designa a personalidade. A personalidade total do homem é indescritível. A sua consciência pode ser descrita; o seu inconsciente não pode ser descrito, porque o inconsciente – estou me repetindo – é sempre inconsciente. Ele realmente é inconsciente; realmente ele não sabe disso. Por esse motivo não conhecemos a nossa personalidade inconsciente. Temos alguns indicadores e algumas idéias, mas realmente não a conhecemos.

Ninguém pode dizer até onde o homem chega. Essa é a beleza de tudo isso, como sabemos. É muito interessante. O inconsciente do homem pode chegar... Deus sabe aonde. Vamos realizar descobertas, nesse campo. (1)



A *mandala* é um antiqüíssimo símbolo arquetípico que remonta à pré-história do homem. É encontrada em toda a terra e expressa ou a Divindade ou o *self*; e esses dois termos são muitíssimo relacionados psicologicamente. O que não significa que acredito que Deus seja o *self* e que o *self* seja Deus. A minha afirmação é de que há uma relação psicológica [para se acreditar em Deus], e há abundância de provas nesse sentido.

Esse é um arquétipo muito importante. É o arquétipo da ordem interior e é sempre usado com esse intuito, quer para estabelecer ordenações dos muitos, muitos aspectos do Universo – um esquema mundial –, quer para ordenar os complicados aspectos de nossa psique em um esquema. Ele expressa o fato de que há um centro e uma periferia e tenta abranger o todo. É o símbolo da totalidade...

Uma *mandala* aparece espontaneamente como um arquétipo compensatório durante épocas de desordem. Aparece trazendo a ordem, mostrando a possibilidade de ordem e centralização. Representa um centro que não é coincidente com o ego, mas sim com a totalidade – a qual eu chamo de o “*self*”: é esse o termo usado para a totalidade. Não sou total no meu ego, pois ele é apenas um fragmento da minha personalidade... A *mandala* é extremamente importante e supremamente autônoma; é um símbolo que aparece nos sonhos e no folclore. Poderíamos dizer que é o principal arquétipo. (1)



O tipo intuitivo é muito pouco entendido, mas tem uma função muito importante, já que age por premonições. Ele vê nos cantos. Fareja um rato a uma milha. Pode nos fornecer percepção e orientação em uma situação em que nossos sentidos, nosso intelecto e nossos sentimentos não podem nos ajudar. Quando estamos em uma situação de absoluto desespero, uma intuição pode nos fornecer um buraco pelo qual possamos escapar. Essa é uma função muito importante em condições primitivas, ou sempre que estamos confrontados com questões vitais que não podemos dominar por meio de leis ou da lógica. (1)



A sombra personifica tudo o que o sujeito recusa-se a admitir sobre si próprio, e no qual, no entanto, está sempre tropeçando, direta ou indiretamente: por exemplo, traços inferiores de caráter e outras tendências incompatíveis. (6)



A sombra é aquela personalidade escondida, reprimida, na maior parte das vezes inferior e cheia de culpa, cujas últimas ramificações atingem o domínio de nossos ancestrais animais, compreendendo assim todo o aspecto histórico do inconsciente... Se já se acreditou que a sombra humana era a fonte de todo o malefício, agora pode ser dito, investigando-a melhor, que o homem inconsciente, isto é, a sua sombra, não consiste somente de tendências moralmente repreensíveis, mas também demonstra um número de boas qualidades, tais como instintos animais, reações apropriadas, intuições realistas e impulsos criativos. (6)



É muito provável que o seu menino tenha um sonho com a mandala. Tais sonhos ocorrem normalmente e com bastante frequência entre quatro a seis anos. A mandala é um arquétipo que está sempre presente e as crianças, que ainda não se corromperam, têm uma visão mais clara das coisas divinas do que os adultos, cujo entendimento já se arruinou. Para ser completa a mandala deveria realmente ter quatro cores. O motivo da ausência da quarta cor pode ser o fato [de o seu filho] já estar freqüentando a escola, ou então, de ser o filho de um professor que tem um interesse instintivo na diferenciação das funções.

Hoje em dia animais, dragões e outras criaturas vivas são prontamente substituídos nos sonhos por estradas de ferro, locomotivas, motocicletas, aviões e outros objetos artificiais semelhantes – da mesma forma como o céu estrelado do hemisfério sul, descoberto relativamente tarde pelos navegadores europeus, contém muitas imagens náuticas.

Isso expressa o distanciamento da mente moderna da natureza; os animais perderam a sua qualidade mágica. Eles se tornaram aparentemente inofensivos; em lugar deles, povoamos o mundo com monstros que urram, estrondeiam e ribombam, causando infinitamente mais prejuízo à vida do que os ursos e lobos jamais fizeram no passado. E onde não há mais perigos naturais, o homem não descansa até imediatamente inventar outros. (3)



Ninguém viu jamais um arquétipo e também jamais viu um átomo. Mas sabe-se que o primeiro produz efeitos numinosos e o último, explosões. Quando digo “átomo” estou falando de idéias que correspondem a ele, mas nunca da coisa-em-si, que em ambos os casos é um mistério transcendental. Nunca ocorreria ao físico que ele matou o pássaro com o seu modelo atômico. Ele está plenamente consciente de que está usando um esquema variável que meramente aponta para fatos que não podem ser conhecidos. (3)



O ego recebe a luz do *self*. Embora saibamos sobre o *self*, ele não é conhecido. Podemos ver uma grande cidade, saber qual o seu nome e sua posição geográfica, mas sem conhecer nenhum de seus habitantes. Podemos mesmo conhecer um homem convivendo com ele diariamente e continuando, porém, inteiramente ignorantes do seu verdadeiro caráter. O ego está contido no *self* e no Universo, do qual conhecemos somente a menor parte. (3)



O “arquétipo” é praticamente sinônimo do conceito biológico de padrão comportamental. Mas como este último designa principalmente fenômenos externos, escolhi o termo “arquétipo” para designar “padrões psíquicos”. Não sabemos se quando constroem seus ninhos os pássaros mantêm uma imagem mental, seguindo um modelo imemorial e inato, porém, pelo que sabemos, não há dúvida de que nenhum deles jamais inventou o seu ninho. É como se a imagem da construção do ninho nascesse com o pássaro.

Como nenhum animal nasce sem seus padrões instintivos, não há razão alguma para se acreditar que o homem devesse nascer sem suas formas específicas de reações fisiológicas e psicológicas. Assim como animais da mesma espécie mostram os mesmos fenômenos instintivos em todo o mundo, o homem também mostra as mesmas formas arquetípicas, viva onde viver. Do mesmo modo como os animais não precisam ser ensinados sobre as suas atividades instintivas, o homem também possui seus padrões primordiais psíquicos e repete-os espontaneamente, independentemente de qualquer espécie de ensinamento.

Uma vez que o homem está consciente e é capaz de introspecção, é muito provável que possa perceber seus padrões instintivos sob a forma de representações arquetípicas. Sem dúvida essas representações possuem os graus esperados de universalidade, [como podemos ver pela] notável identidade das estruturas xamanísticas. É possível também observar as suas reproduções espontâneas em indivíduos inteiramente ignorantes de tradições dessa espécie. Tais fatos provam a autonomia dos arquétipos. (3)



Assim como não podemos observar diretamente os processos nucleares na física, também não pode haver observação direta dos conteúdos do inconsciente coletivo. Em ambos os casos a sua verdadeira natureza pode ser inferida somente a partir dos seus esforços, da mesma forma que a trajetória de uma partícula nuclear em uma câmara de nuvens de Wilson pode ser traçada somente se observando o rastro de condensação que segue o seu movimento e desse modo a torna visível.

Na prática, observamos os “traços” do arquétipo principalmente nos sonhos, onde eles se tornam perceptíveis como formas psíquicas. Mas este não é o único meio de eles chegarem à percepção: podem aparecer objetiva e concretamente também sob a forma de fatos psíquicos. (3)



Assim que há sintomas de uma neurose o diagnóstico torna-se incerto, pois não sabemos à primeira vista se nos confrontamos com o quadro do caráter verdadeiro ou o do caráter oposto, compensador. Além disso, muitos introvertidos estão tão penosamente conscientes dos prejuízos acarretados pela sua atitude que aprendem a imitar os extrovertidos e a comportar-se em consequência disso; vice-versa, há extrovertidos que gostam de se darem ares de introvertidos, porque pensam que assim são mais interessantes.

Embora eu não tenha nunca feito uma estatística desta espécie, sempre me impressionou o fato de os fumadores de cachimbo geralmente serem introvertidos. O extrovertido típico está sempre demasiado ocupado para se preocupar com o cachimbo, que requer cuidados muito mais elaborados do que um cigarro, que pode ser aceso ou descartado em um segundo.

Isso não me impediu de encontrar grandes fumantes de cigarro entre os meus introvertidos, nem muitos fumantes de cachimbo entre os extrovertidos – mas em geral com cachimbos vazios. Fumar cachimbo era para eles um dos valorizados maneirismos dos introvertidos.

Não posso deixar de observar que freqüentemente o diagnóstico é prejudicado pelo fato de serem principalmente os extrovertidos que se ressentem quando são assim chamados, como se essa fosse uma designação de menosprezo. Até mesmo conheço o caso de um famoso extrovertido que, ao ser assim chamado, desafiou o seu opositor a um duelo. (3)



As interpretações que depreciam o inconsciente em geral se devem ao fato de o observador projetar a sua primariedade e a sua cegueira no inconsciente. Por conseguinte, ele tem como objetivo secreto proteger-se contra as inexoráveis demandas da natureza, na acepção mais ampla da palavra.

Como o termo “inconsciente” indica, nós não o conhecemos. Ele é o desconhecido do qual podemos dizer qualquer coisa que quisermos. Nenhuma de nossas declarações será necessariamente verdadeira. O motivo do nosso inconsciente nos aparecer sob uma forma tão desagradável é que temos medo dele; e se o depreciamos é porque esperamos, por este método, libertar-nos das suas atrações. Admito que ele é um enigma para quem quer que ocasionalmente se permita pensar. (3)



Um funcionamento errôneo da psique pode afetar muitíssimo o corpo. Da mesma forma que, ao contrário, uma doença física pode afetar a psique. Porque psique e corpo não são entidades separadas, mas uma só e mesma vida. (81)



A psique consiste essencialmente de imagens. É uma série de imagens, no sentido mais verdadeiro: não uma justaposição ou seqüência accidental, mas uma estrutura completamente repleta de sentido e propósito. É um “mapeamento” de atividades vitais. E assim como o material do corpo que está pronto para a vida necessita da psique para se tornar capaz de viver, igualmente a psique pressupõe o corpo vivo para que as suas imagens possam viver. (73)



O homem natural não é um *self*. Ele é a massa e uma partícula na massa, tão coletiva que nem mesmo tem certeza do seu próprio ego. É por esse motivo que desde os tempos imemoriais necessitou de mistérios transformatórios para tornar-se algo e para resgatar-se da psique coletiva animal, que não é senão um sortimento, um “desempenho de variedade”. (58)



Não é somente a psicologia do homem primitivo que é arcaica. É também a psicologia do homem moderno, civilizado, e não somente a dos “marginais” da sociedade moderna. Ao contrário, todo ser humano civilizado, por mais que seja elevado o seu desenvolvimento consciente, ainda é um homem arcaico nos níveis mais profundos da sua psique.

Assim como o corpo humano nos conecta com os mamíferos e exibe numerosos vestígios de estágios evolutivos mais primitivos, chegando mesmo até a época dos répteis, a psique humana também é um produto da evolução que, quando remontada às suas origens, mostra inúmeros traços arcaicos. (18)



Do mesmo modo como o homem tem um corpo que em princípio não se diferencia do corpo de um animal, também a sua psicologia tem toda uma série de histórias reduzidas, nas quais os espectros das épocas passadas da humanidade ainda habitam: as almas animais da idade do pitecantropo e dos hominídeos, bem como a “psique” dos sáurios de sangue frio, e mais no fundo de tudo o mistério transcendental e paradoxal dos sistemas psicóides simpáticos e parassimpáticos. (41)



Seja qual for o nome que dermos aos fundamentos psíquicos, persiste o fato de que a nossa consciência é influenciada por eles no grau máximo, e quanto mais isso acontece, menos estamos conscientes. O leigo dificilmente entende o quanto as suas inclinações, estados de espírito e decisões são influenciados pelas forças obscuras da sua psique, e como elas podem ser perigosas ou proveitosas no delineamento do seu destino.

Nossa consciência cerebral parece um ator que tenha esquecido que está representando um papel. Mas quando a peça termina, ele deve lembrar a sua própria realidade subjetiva, pois não pode continuar a viver como Júlio César ou como Otelo, porém somente como ele próprio, um

ser do qual distanciou-se por um momentâneo lapso de consciência.

Ele deve se dar conta, mais uma vez, que era meramente uma figura em um palco representando uma peça de Shakespeare e que havia no fundo um diretor que, como sempre, teria algo muito importante a dizer sobre a sua atuação. (96)



A psicologia empírica até recentemente gostava de explicar o “inconsciente” como mera ausência de consciência: o próprio termo indica isso, assim como a sombra é a ausência de luz. Atualmente a acurada observação de processos inconscientes reconheceu, com todas as outras épocas que nos antecederam, que o inconsciente possui uma autonomia criadora com a qual uma simples sombra nunca poderia ter sido dotada. (60)



Já que as estrelas caíram do céu e os nossos mais elevados símbolos empalideceram, uma vida secreta prevalece no inconsciente. Essa é a razão pela qual temos hoje uma psicologia e falamos do inconsciente. Tudo isso teria sido supérfluo em uma época ou cultura que possuísse símbolos.

Os símbolos são o espírito que vem de cima e, nestas condições, o espírito também é superior. Portanto, seria uma coisa tola e sem sentido que tais pessoas quisessem experimentar ou investigar um inconsciente que contém nada mais do que o ritmo silencioso e não perturbado da natureza.

O nosso inconsciente, [no entanto], esconde água viva, espírito que se transformou em natureza, e por essa razão é perturbada. O céu tornou-se para nós o espaço cósmico dos físicos, e o empíreo divino uma bela memória de coisas que antigamente existiam. Mas “o coração abrasa-se” e uma inquietação secreta morde as raízes do nosso ser. (19)



Da mesma forma que o Estado capturou o indivíduo, este imagina que tenha capturado a psique e a segura no côncavo da sua mão. Está até a transformando em ciência com a suposição absurda de que o intelecto, que é apenas uma parte e uma função da psique, seja suficiente para compreender um todo muito maior.

Na realidade, a psique é a mãe e a criadora, o sujeito e mesmo a possibilidade da própria consciência. Ela ultrapassa tanto os limites da consciência que esta poderia facilmente ser comparada a uma ilha no oceano.

Enquanto a ilha é pequena e estreita, o oceano é imensamente amplo e profundo, e contém uma vida que infinitamente ultrapassa, em espécie e grau, tudo o que se sabe sobre a ilha: de modo que, se for uma questão de espaço, não importa se os deuses estão “dentro” ou “fora”.

Poderia ser objetado que não há prova de que a consciência seja apenas uma ilha no oceano. Certamente é impossível provar isso, já que a extensão conhecida da consciência confronta-se com a extensão desconhecida do inconsciente, do qual somente sabemos que existe e que pelo próprio fato de existir exerce um efeito limitante na consciência e na sua liberdade.



O sonho é uma portinha escondida no mais profundo e secreto recesso da alma e que abre para aquela noite cósmica que era a psique muito antes que houvesse qualquer consciência do ego, e que permanecerá psique seja qual for a extensão alcançada pela nossa consciência do ego.

Pois toda consciência do ego é isolada: por separar e discriminar ela conhece somente pormenores e vê somente os que podem ser relacionados com o ego. A sua essência é limitação, embora alcance, entre as estrelas, as mais distantes nebulosas.

Toda consciência separa; mas nos sonhos assumimos a semelhança daquele homem eterno mais universal e verdadeiro, que mora na escuridão da noite primordial. Nos sonhos ele ainda é o todo e tem o todo em si, indistinguível da natureza e despido de todo egocentrismo. São dessas profundidades que tudo reúne que o sonho surge, por mais infantil, grotesco e imoral que seja. (6)



A psicologia do sonho abre caminho para uma psicologia comparativa geral, da qual esperamos obter o mesmo entendimento do desenvolvimento e da estrutura da psique humana que a anatomia comparada nos deu em relação ao corpo humano. (31)



Um sonho, como qualquer outro elemento na estrutura psíquica, é um produto da psique total. Disso podemos esperar que encontremos nos sonhos tudo o que tem sido significativo na vida da humanidade.

Assim como a vida humana não se limita a este ou aquele instinto fundamental, mas constrói-se a partir de uma multiplicidade de instintos, necessidades, desejos e condições psíquicas e físicas, também o sonho não pode ser explicado por este ou aquele elemento, por mais sedutoramente simples que essa explicação possa parecer. Podemos estar certos de que ela é incorreta, pois nenhuma teoria simples do instinto será jamais capaz de abranger a psique humana, essa coisa poderosa e misteriosa; e nem, por conseguinte, o seu representante, o sonho. Para se fazer algo parecido com justiça aos sonhos precisamos de um equipamento de interpretação que deve ser laboriosamente encaixado em todos os ramos das ciências humanas. (31)



Os sonhos são produtos imparciais e espontâneos da psique inconsciente, fora do controle da vontade. Eles são natureza pura; mostram-nos a verdade nua e crua e portanto estão aptos, como nada mais, a nos devolver uma atitude que está de acordo com nossa natureza humana básica, quando a nossa consciência desviou-se demasiadamente de seus fundamentos e defrontou-se com um impasse. (96)



O sonho mostra a verdade íntima e a realidade do paciente como realmente é: não como eu conjeturo que deva ser e nem como ele gostaria que fosse, mas *como ela é*. (50)



Os sonhos são tão simples ou tão complicados como o próprio sonhador; a única coisa é que sempre estão um pouco à frente da consciência do sonhador. Não entendo os meus próprios sonhos muito melhor do que qualquer de vocês, pois eles estão sempre um tanto além do meu alcance e tenho com eles os mesmos problemas de qualquer pessoa que não saiba nada sobre a interpretação dos sonhos. O conhecimento não é uma vantagem quando se trata dos nossos próprios sonhos. (4)



Confrontar uma pessoa com a sua própria sombra é mostrar-lhe a sua própria luz. Sempre que alguém experimentou umas poucas vezes o que é situar-se como julgador entre opostos, começou a entender o que é designado pelo *self*. Quem quer que perceba simultaneamente a sua sombra e a sua luz vê a si próprio a partir de dois lados e assim situa-se no meio. (33)



Tudo aquilo que opera a partir do inconsciente aparece projetado nos outros. Não que estes sejam inteiramente desprovidos de culpa, pois mesmo a pior projeção é sempre pelo menos apoiada em um motivo: talvez um motivo muito pequeno, mas sempre um motivo oferecido pela outra pessoa. (45)



O intelecto é somente uma das várias funções psíquicas fundamentais e, portanto, não basta para fornecer um quadro completo do mundo. Para isso outra função – o sentimento – também é necessária. O sentimento freqüentemente chega a conclusões que são diferentes das do intelecto, e não podemos sempre provar que as conclusões do sentimento sejam necessárias. (55)



Se a ciência é um fim em si, a *raison d'être* (razão de ser) do homem está em ser um mero intelecto. Se a arte é um fim em si mesma, então seu único valor reside na faculdade imaginativa, e o intelecto fica confinado ao quarto de despejo. Se fazer dinheiro é um fim em si próprio, tanto a ciência como a arte podem tranquilamente deixar de funcionar. Ninguém pode negar que a nossa consciência moderna, ao tentar atingir esses fins mutuamente exclusivos, tornou-se desesperadamente fragmentada. A conseqüência disso é que as pessoas são treinadas para desenvolver somente uma qualidade: elas próprias se transformam em instrumentos. (16)



A consciência é sempre somente uma parte da psique e, portanto, não é nunca capaz de totalidade psíquica: para isso torna-se necessária a extensão indefinida do inconsciente. Mas este não pode nem ser captado por meio de fórmulas astutas e nem exorcizado por meio de dogmas científicos, pois há nele algo de destino – na verdade algumas vezes ele é o próprio destino. (77)



Quem quer que olhe em um espelho de água verá em primeiro lugar a sua própria face. Seja quem for que entre em si próprio arrisca a ter uma confrontação consigo. O espelho não lisonjeia, no entanto mostra fielmente aquele que nele olha; ou seja, a face que nunca mostramos ao mundo, pois a cobrimos com a *persona*, a máscara do ator. Mas o espelho está por trás da máscara e mostra a verdadeira face. (19)



Infelizmente não há dúvida que o homem é, no todo, pior do que ele se imagina ou quer ser. Cada um de nós carrega uma sombra e quanto menos ela está incorporada à vida consciente do indivíduo mais escura e densa é. Se uma inferioridade for consciente, sempre se terá uma oportunidade de corrigi-la. Além do mais, ela está constantemente em contato com interesses, de modo que se encontra continuamente sujeita a modificações. Mas se for reprimida e isolada da consciência, nunca será corrigida. (60)



Se as tendências reprimidas, a sombra como eu a chamo, forem obviamente más, não haverá qualquer problema. Porém se a sombra é apenas algo inferior, primitivo, não adaptado e desajeitado, não será totalmente má. Até mesmo contém qualidades infantis ou primitivas que, de certa maneira, vitalizariam e embelezariam a existência humana. Só que... as convenções as proíbem. (60)



Seria uma pretensão ridícula e incerta de nossa parte imaginar que somos mais energéticos ou mais inteligentes do que as pessoas do passado. O nosso conhecimento material aumentou, todavia não a nossa inteligência. O que significa que somos tão intolerantes em relação a idéias novas, e tão impermeáveis a elas como as pessoas o eram nos dias mais sombrios da Antiguidade. Nós nos tornamos ricos de conhecimento, mas pobres de sabedoria. (78)



Seria bom tratar cada sonho como se fosse um objeto inteiramente desconhecido. Olhá-lo de todos os lados, pegá-lo na mão, carregá-lo conosco, deixar nossa imaginação brincar com ele e falar dele com outras pessoas. Os povos primitivos contam uns aos outros sonhos impressionantes, se possível em um local público, e este costume era habitual também na remota Antiguidade, pois todos os povos antigos atribuíam um grande significado aos sonhos.

Tratado dessa maneira, o sonho sugere toda a espécie de idéias e associações que nos aproximam mais do seu significado. Acertar qual seja esse significado, quase não preciso dizer, é inteiramente arbitrário e é aí que começa o acaso.

Limites mais estritos ou mais amplos serão estabelecidos para o significado, de acordo com a experiência, o temperamento e o gosto individual. Algumas pessoas ficarão satisfeitas com pouco, enquanto para outras, mais será ainda insuficiente. O significado do sonho ou a nossa interpretação dele também dependerá em grande parte das intenções do intérprete, do que ele espera que o sentido seja ou que exige que seja. Esclarecendo o significado, o intérprete involuntariamente será guiado por certas pressuposições; e depende muito da falta de escrúpulos ou da honestidade do investigador se ele ganha algo com a sua interpretação, ou se talvez somente se torna ainda mais profundamente enrolado com os seus erros. (96)



A dificuldade real começa quando os sonhos não apontam para algo tangível e isso é o que mais freqüentemente eles fazem, especialmente quando contêm antecipações do futuro. Não quero dizer que tais sonhos sejam necessariamente proféticos, mas simplesmente que sentem o caminho, eles “reconhecem”. Esses sonhos contêm vislumbres de possibilidades, motivo pelo qual não podem nunca se tornar plausíveis para uma pessoa de fora. (13)



Os arquétipos são como leitos de rio que secam na estiagem, mas podem ser reconhecidos em qualquer tempo. Um arquétipo é como um velho curso de água em que a água da vida fluiu durante séculos, cavando um profundo canal. Quanto mais a água tenha fluído por esse canal, mais provável é que mais cedo ou mais tarde ela volte ao seu antigo leito. (87)



A nossa psicologia pessoal é como uma pele fina, uma ondinha no oceano da psicologia coletiva. O fator poderoso – aquele que muda toda a nossa vida, muda a superfície de nosso mundo conhecido e faz história – é a psicologia coletiva, que se movimenta de acordo com leis inteiramente diferentes daquelas de nossa consciência. As grandes forças decisivas que trazem os eventos reais não são o nosso raciocínio pessoal e o nosso intelecto prático, mas sim os arquétipos... As imagens arquetípicas decidem o destino do homem. (4)



Todas as idéias mais poderosas na história remontam aos arquétipos. Isto é particularmente verdadeiro nas idéias religiosas, porém os conceitos centrais da ciência, da filosofia e da ética não são exceção a essa regra. Sob a sua presente forma são variantes de idéias arquetípicas, criadas pela aplicação conscienciosa e pela adaptação delas à realidade. Porque é função da consciência não somente reconhecer e assimilar o mundo externo através do portal dos sentidos, como transportar o mundo que está dentro de nós para a realidade visível. (76)



Os grandes problemas da vida, incluindo naturalmente o sexo, relacionam-se sempre com as imagens primordiais do inconsciente coletivo. Essas imagens são fatores de equilíbrio e de compensação que correspondem aos problemas com os quais a vida na realidade nos confronta. Não há nada para se espantar nisso, uma vez que essas imagens são depósitos de milhares de anos de experiência da luta pela existência e pela adaptação.

Cada grande experiência da vida, cada profundo conflito, evoca o tesouro acumulado dessas imagens e traz consigo a sua constelação íntima. Contudo, elas se tornam acessíveis à consciência somente quando o indivíduo possui tal grau de conscientização e tal poder de entendimento que também reflete no que experimenta, em vez de apenas vivê-lo cegamente. Neste último caso, ele na realidade vive o mito e o símbolo sem saber disso. (56)



O que chamamos de técnica de lidar com a sombra é uma questão muito difícil e importante. Não há, aliás, técnica alguma, à medida que técnica significa que há um modo conhecido e talvez até mesmo recomendável de se lidar com uma certa dificuldade ou tarefa.

Não há, por exemplo, uma técnica específica que nos ajude a reconciliar dois partidos políticos opostos. Poderá ser uma questão de boa vontade, ou de habilidade diplomática ou de guerra civil, ou de qualquer outra coisa. Se falarmos de uma técnica, ela consistirá unicamente de uma atitude. Em primeiro lugar, temos de aceitar e levar seriamente em conta a existência da sombra. Em segundo lugar, é necessário estar bem informado sobre as suas qualidades e intenções. Por último, negociações longas e difíceis não poderão ser evitadas. (3)



A nossa mente tem a sua história, assim como nosso corpo tem a sua. Por exemplo: podemos ficar espantados com o fato de o homem ter um apêndice. Será que ele sabe que não deveria ter um apêndice? Ele nasceu assim. Milhões de pessoas não sabem que têm um timo, mas elas o têm. Elas não sabem que em certas partes da sua anatomia pertencem à espécie dos peixes, e, no entanto, isso é verdadeiro.

A nossa mente inconsciente, assim como nosso corpo, é um repositório de relíquias e memórias do passado. Um estudo da estrutura da mente coletiva inconsciente revelaria as mesmas descobertas que fazemos na anatomia comparada. (4)



O ponto mais profundo que podemos atingir na nossa exploração da mente inconsciente é a camada em que o homem não é mais um indivíduo distinto, mas onde a sua mente se expande e mergulha na mente da humanidade – não na mente consciente, porém na mente inconsciente da humanidade, onde todos somos o mesmo.

Da mesma forma como o corpo tem a sua conformação anatômica com dois olhos, dois ouvidos e um coração, e assim por diante, com somente pequenas diferenças individuais,

também a mente tem a sua conformação básica. Nesse nível coletivo, não somos mais indivíduos separados. Somos somente um. (4)



Como regra, quando o inconsciente coletivo torna-se realmente constelado em grupos sociais maiores, o resultado é uma loucura pública, uma epidemia mental que pode levar a uma revolução ou guerra, ou algo dessa espécie. Esses movimentos são extremamente contagiosos – quase insuperavelmente contagiosos, já que, quando o inconsciente coletivo é ativado, não somos mais a mesma pessoa. Não estamos somente no movimento – nós somos o movimento. (4)



Não gosto de analisar somente um sonho, pois um sonho isolado pode ser interpretado arbitrariamente. Podemos fazer especulações sobre qualquer coisa, em um sonho isolado; mas se compararmos, digamos, uma série de vinte sonhos, ou uma centena, poderemos então ver coisas interessantes. Vemos o processo que está se desenvolvendo na psique inconsciente, estendendo-se através dos dias e das noites. Presumivelmente estamos sonhando o tempo todo, embora não estejamos conscientes disso durante o dia, porque a consciência está demasiado clara. No entanto à noite... os sonhos podem surgir e se tornar visíveis. (4)



Se um sonho é formado nitidamente por um material *pessoal*, temos de chegar às associações individuais; mas se o sonho for principalmente uma estrutura *mitológica* – uma diferença que é imediatamente óbvia –, então ele falará uma linguagem universal e tanto você como eu podemos fornecer paralelos para construir esse contexto, bem como qualquer outra pessoa, contanto que possuamos o conhecimento necessário.

Por exemplo, quando o sonho apresenta um conflito do tipo herói-dragão, todo mundo tem algo a dizer sobre ele, pois nós todos lemos contos de fadas e lendas e conhecemos algo sobre heróis e dragões. No plano coletivo de sonhos, não há praticamente diferença entre os seres humanos, enquanto no nível pessoal existe toda uma diferença. (4)



Assim, essas profundezas, a camada de inconsciência mais completa dos nossos sonhos, contêm ao mesmo tempo a chave da totalidade e da completude do indivíduo: em outras palavras, da sua cura. O sentido de “todo” ou “totalidade” é santificar ou curar. A descida às profundezas trará a cura. É esse o caminho para o ser total, para o tesouro que a sofredora humanidade está sempre procurando e que está escondido em um lugar guardado por um terrível perigo. Esse é o lugar da inconsciência primordial e, ao mesmo tempo, o lugar da cura e da redenção, pois contém a jóia da totalidade. (4)



As emoções são contagiosas por estarem profundamente enraizadas no sistema simpático.

Qualquer processo de natureza emocional imediatamente desperta processos similares nos outros. Quando estamos em uma multidão movida por uma emoção, não podemos deixar de ser contagiados por essa mesma emoção.

Suponha que esteja em um país cuja língua você não entende, e que alguém conta uma piada e as outras pessoas riem; você poderá rir também, como um idiota, simplesmente porque não consegue conter o riso. Também quando está no meio de uma multidão excitada politicamente, você não poderá deixar de se sentir também excitado, mesmo se não partilhar da sua opinião, pois a emoção tem esse efeito sugestivo. (4)



Todas essas coisas pessoais, como tendências incestuosas e outras coisas infantis, são meramente superficiais; o que o inconsciente realmente contém são os grandes eventos coletivos da época. No inconsciente coletivo do indivíduo, a história se prepara; e quando os arquétipos são ativados em um número de indivíduos e vêm à superfície, estamos no meio da história. (4)



Assim como os nossos pensamentos conscientes freqüentemente se ocupam com o futuro e com as suas possibilidades, o mesmo acontece com o inconsciente e os seus sonhos. Existe há muito tempo uma crença generalizada de que a principal função dos sonhos é o prognóstico do futuro. Na Antiguidade e até o final da Idade Média, os sonhos representaram uma parte na prognose médica. (5)



O inconsciente coletivo – à medida que podemos dizer alguma coisa sobre ele – aparentemente consiste de motivos mitológicos e imagens primordiais, razão pela qual os mitos de todas as nações são os seus representantes reais. De fato, toda a mitologia poderia ser tomada como uma espécie de projeção do inconsciente coletivo. (76)



O repositório de toda a existência ancestral da humanidade – tão rico em imagens emocionais de pai, mãe, filho, marido e mulher, de personalidade mágica, de perigos para o corpo e a alma – erigiu esse grupo de arquétipos em princípios supremamente reguladores da vida religiosa e até mesmo da política, em um reconhecimento inconsciente do seu tremendo poder psíquico. (76)



O inconsciente coletivo contém toda a herança espiritual da evolução da humanidade, renascida na estrutura do cérebro de cada indivíduo. A sua mente consciente é um fenômeno efêmero que realiza todas as orientações e adaptações provisórias, razão pela qual a melhor comparação para sua função é a da orientação no espaço.

O inconsciente, [no entanto], é a fonte das forças instintivas da psique e das formas ou

categorias que as regulam: ou seja, os arquétipos. Todas as mais poderosas idéias na história remontam aos arquétipos. Isto é particularmente verdadeiro para as idéias religiosas, mas os conceitos da ciência, da filosofia e da ética não são exceção a essa regra. Sob a sua forma presente, eles são variantes de idéias arquetípicas, criadas pela conscienciosa aplicação e adaptação dessas idéias à realidade. Pois é função da consciência não somente reconhecer e assimilar o mundo exterior através do portal dos sentidos, mas também transformar em realidade visível o mundo dentro de nós. (76)



O inconsciente, assim como a totalidade dos arquétipos, é o depósito da experiência humana desde os seus mais remotos inícios. Na realidade, não é um depósito morto, uma espécie de montão de lixo abandonado, mas sim um sistema vivo de reações e atitudes que determinam a vida do indivíduo em modos invisíveis – tanto mais efetivos justamente por serem invisíveis. Não é apenas um preconceito gigantesco, histórico, por assim dizer, uma condição histórica *a priori*; é também a fonte do instinto, pois os arquétipos são simplesmente as formas assumidas pelos instintos.

Da fonte viva do instinto flui tudo o que é criativo; portanto, o inconsciente não é meramente condicionado pela história, mas é a própria fonte do impulso criador. (76)



Enquanto o inconsciente pessoal é essencialmente formado pelos conteúdos que em alguma ocasião foram conscientes, mas que desapareceram da consciência por terem sido esquecidos ou reprimidos, os conteúdos do inconsciente coletivo nunca estiveram na consciência, e, por conseguinte, nunca foram adquiridos individualmente, devendo sua existência exclusivamente à hereditariedade. Enquanto o inconsciente pessoal na sua maior parte consiste de complexos, o conteúdo do inconsciente coletivo é feito essencialmente de arquétipos. (97)



Por “imaginação ativa” quero dizer uma seqüência de fantasias produzidas por concentração deliberada. Descobri que a existência de fantasias inconscientes, não realizadas, aumenta a freqüência e a intensidade dos sonhos, e que quando essas fantasias se tornam conscientes os sonhos mudam o seu caráter e se tornam mais fracos e menos freqüentes. A partir disto, concluí que os sonhos freqüentemente contêm fantasias que “desejam” tornar-se conscientes. (97)



Um exemplo muito comum [de *inflação* psíquica] é a maneira desprovida de humor pela qual muitos homens se identificam com seus negócios ou com seus títulos... Quando, portanto, eu me identifico com minha profissão ou com meu título, comporto-me como se eu próprio fosse todo o complexo de fatores sociais dos quais essa profissão consiste, ou como se eu não fosse, unicamente, o portador da profissão, mas também e simultaneamente dispusesse da aprovação

da sociedade. Eu realizei uma extensão extraordinária de mim mesmo e usurpei qualidades que não estão em mim, mas sim fora de mim. (89)



Uma vez que a natureza humana não se compõe totalmente de luz, mas também tem uma abundância de sombras, a intuição ganha na análise prática muitas vezes é um tanto dolorosa; tanto mais quanto, como geralmente acontece, tivermos previamente negligenciado o outro lado. Por conseguinte, há pessoas que levam demasiado a sério a sua intuição, recentemente ganha – esquecendo, na realidade, que não são as únicas a possuírem um lado sombrio. Essas pessoas permitem-se ficar indevidamente deprimidas e tornam-se propensas a duvidar de tudo, sem encontrarem nada certo, seja onde for. (89)



A identificação com uma profissão ou título é na realidade muito atraente; é precisamente por isso que tantas [pessoas] não são nada mais do que o decoro concedido a elas pela sociedade. Em vão procuramos uma personalidade por detrás dessa máscara. Por baixo de todo esse acolchoamento, encontraríamos uma criaturinha digna de muita piedade. É por isso que a profissão – ou qualquer outra capa exterior – é tão atraente: ela oferece uma compensação fácil para as deficiências pessoais. (89)



Assim como uma [pessoa] pode desaparecer no seu papel social, uma outra pode ser devorada pela sua visão íntima e ficar perdida em relação a tudo que a rodeia. Muitas transformações incompreensíveis de personalidade, como conversões súbitas e outras mudanças de mentalidade de longo alcance, originam-se no poder de atração de uma imagem coletiva. (89)



As virtudes e vícios específicos da humanidade estão contidos na psique coletiva, como tudo o mais. (89)



Para se descobrir o que é verdadeiramente individual em nós, necessitamos de uma profunda reflexão: e subitamente percebemos como é extraordinariamente difícil descobrir o que é a individualidade.



Um signo é sempre menos do que a coisa que ele indica, e um símbolo é sempre mais do que aquilo que podemos compreender à primeira vista. Por conseguinte, nunca paramos em um signo, mas continuamos até o objetivo que ele indica; porém permanecemos com o símbolo,

porque ele promete mais do que revela. (5)



Fundamentalmente a *persona* não é nada real: é um compromisso entre indivíduo e sociedade em relação ao que um homem aparentemente deveria ser. Ele assume um nome, ganha um título, exerce uma função, é isto ou aquilo. Em um certo sentido, tudo isso é real. No entanto, em relação à individualidade essencial da pessoa envolvida, esta é somente uma realidade secundária. (89)



A falta de entendimento consciente não significa que o sonho não tenha qualquer efeito. Até mesmo o homem civilizado pode ocasionalmente observar que um sonho do qual não é capaz de se lembrar pode alterar ligeiramente a sua disposição, para melhor ou para pior. Os sonhos podem ser “entendidos” até um certo ponto de uma maneira subliminar, e é assim que na maioria dos casos eles funcionam. (5)



Como pode alguém saber se o seu sonho é “pequeno” ou “grande”? Sabe-se isso por um sentimento instintivo de significação. Essa pessoa sente-se tão excitada pela impressão despertada pelo sonho que nunca pensaria em guardá-lo para si mesma. Ela *tem* de contá-lo, assumindo de uma forma psicologicamente correta que o sonho tem uma importância generalizada. (89)



As verdades racionais não são a última palavra, pois existem também verdades irracionais. Nos casos humanos, o que parece impossível por meio do intelecto freqüentemente se torna verdadeiro por meio do irracional. Realmente, todas as maiores mudanças que já afetaram a humanidade vieram não por meio da conjectura intelectual, mas sob formas que as mentes contemporâneas ignoraram ou rejeitaram por absurdas, e que somente foram reconhecidas muito tempo depois, devido à sua necessidade intrínseca. Com mais freqüência ainda elas nunca foram reconhecidas, pois as importantíssimas leis do desenvolvimento mental constituem ainda um livro com sete selos. (56)



Tudo o que é velho em nosso inconsciente indica algo que está para vir. (56)

INFÂNCIA, FILHOS E PAIS

A nossa consciência não cria a si própria. Ele emerge de profundezas desconhecidas. Na infância, ela desperta gradualmente e durante toda a vida a cada manhã, saindo das profundezas do sono de uma condição inconsciente. (61)



Embora uma criança não nasça consciente, a sua mente não é uma *tabula rasa*. A criança nasce com o cérebro definido... com uma estrutura acabada, mas o seu cérebro tem a sua história. Ele foi construído no curso de milhões de anos e representa uma história da qual é o resultado. Transporta naturalmente consigo traços dessa história, exatamente como o corpo, e se tatearmos a estrutura básica da mente, naturalmente encontraremos traços da mente arcaica. (4)



Um caráter já está presente na primeira infância. Uma criança não nasce como uma *tabula rasa*, como se assume. Ela nasce com uma alta complexidade, com fatores determinantes existentes que nunca mudam durante toda a vida, e isso dá à criança o seu caráter. Uma mãe reconhece a individualidade do filho já na primeira infância; da mesma maneira nós também podemos ver tremendas diferenças mesmo nas crianças menores, se as observarmos cuidadosamente.

Essas peculiaridades expressam-se de todas as formas. Primeiro... em todas as atividades infantis: na maneira de a criança brincar, nas coisas que a interessam.

Há crianças tremendamente interessadas em coisas móveis, principalmente no movimento e em todas as coisas que vêem e que afetam o corpo. Portanto, estão interessadas no que os olhos fazem, no que os ouvidos fazem, e em saber até onde podemos enfiar o dedo no nariz...

Esses interesses se expressam nas crianças de uma forma caracteristicamente infantil. Mais tarde eles se expressam em outras peculiaridades que são ainda a mesma coisa, mas isso não deriva do fato de essas crianças terem feito tal ou tal coisa, na infância. É o caráter que faz isso. Há uma complexidade definitiva, hereditária. (1)



Se desejarmos mudar alguma coisa nas nossas crianças, devemos antes examiná-la e ver se não é algo que poderia ser mudado em nós próprios.

Por exemplo, o nosso entusiasmo pela pedagogia. Pode ser que a coisa não seja bem assim. É possível que estejamos deslocando a necessidade pedagógica, já que ela poderia ser um lembrete desconfortável de que nós próprios ainda somos crianças, sob muitos aspectos, e necessitamos ainda de muita educação. (26)



Todo o nosso problema educacional ressent-se de uma abordagem unilateral da criança que deve ser educada, e de uma igualmente unilateral falta de ênfase na deficiência de educação do próprio educador. (26)



Sempre lembramos com consideração dos nossos brilhantes professores, mas lembramos com gratidão os que tocaram os nossos sentimentos humanos. O currículo é muito necessário como matéria-prima, entretanto, o calor humano é o elemento vital para a planta em crescimento e para a alma da criança. (32)



Uma criança certamente se permite ficar impressionada pelos grandes discursos dos seus pais, no entanto será que estes realmente imaginam que ela esteja sendo educada assim? Na verdade, são as vidas dos pais que educam a criança: o que eles acrescentam com palavras e gestos, na melhor das hipóteses serve somente para confundi-la. O mesmo é válido para o professor. Porém acreditamos tanto no método que, se este for bom, a sua prática parece santificar o professor. (56)



Sem dúvida estamos certos ao abrir os olhos e os ouvidos de nossos jovens para o vasto mundo, mas é a pior das ilusões pensar que isso realmente os equipe para a tarefa de viver. É a tarefa de treinamento que permite a um jovem adaptar-se exteriormente ao mundo e à realidade, todavia ninguém pensa na necessidade de adaptação ao *self*, aos poderes da psique, que são muito mais poderosos do que todos os Grandes Poderes da terra. (40)



Nada exerce um efeito psíquico mais forte sobre o ambiente humano, e especialmente sobre as crianças, do que a vida que os pais não viveram. (47)



Toda a vida que os pais não viveram, mas da qual se afastaram por motivos artificiais, é passada para as crianças de uma forma substitutiva. Ou seja, as crianças são impelidas inconscientemente em uma direção destinada a compensar por tudo o que ficou irrealizado nas vidas dos seus pais. Por conseguinte, são os pais excessivamente moralistas que têm os chamados “filhos amorais”, ou então é um pai irresponsavelmente perdulário que tem um filho com uma quantidade definitivamente mórbida de ambição, e assim por diante. (39)



Permanecer criança durante muito tempo é infantil, no entanto também é infantil afastar-se da infância e supor que ela não mais exista, já que não a vemos. Contudo, se voltarmos à “terra

das crianças”, sucumbiremos ao temor de nos tornarmos infantis, pois não entendemos que tudo o que é de origem psíquica tem uma dupla face. Uma delas olha para a frente, a outra para trás. O que é ambivalente e, portanto, simbólico, como toda realidade viva. (58)



A infância é importante não somente porque várias perversões de instinto nela se originam, mas porque esse é um tempo em que sonhos e imagens premonitórios, aterrorizantes ou encorajadores, aparecem diante da alma da criança, moldando todo o seu destino; o mesmo acontece com as intuições retrospectivas que remontam até muito além do alcance das experiências infantis, indo até a vida de nossos ancestrais. Assim, na psique da criança a condição natural já é oposta a uma condição “espiritual”. (45)



Os contos de fadas parecem ser os mitos da infância e, portanto, contêm entre outras coisas a mitologia que as crianças por si mesmas tecem, relativa aos processos sexuais. A poesia do conto de fadas, cuja mágica é sentida até mesmo pelos adultos, baseia-se no fato de algumas das velhas teorias estarem ainda vivas em nosso inconsciente. Experimentamos uma sensação estranha e misteriosa sempre que um fragmento de nossa mais remota juventude desperta novamente para a vida, sem realmente alcançar a consciência, mas meramente projetando um reflexo da sua intensidade emocional na mente consciente. (52)



Se tentarmos extrair os fatores comuns e essenciais da quase inexaurível variedade de problemas individuais descobertos no período da juventude, em todos os casos encontraremos um aspecto particular: uma adesão mais ou menos patente no nível de consciência da infância, uma resistência às forças do destino que estão em nós e ao nosso redor e que nos envolvem no mundo...

Em tudo isso há algo da inércia da matéria – uma persistência no estado anterior, cujo grau de consciência é menor, mais restrito e mais egoístico do que o da fase dualística. Pois nesta o indivíduo confronta-se com a necessidade de reconhecimento e aceitação do que é diferente e estranho, como parte de sua própria vida. (74)



Sabemos que as primeiras impressões da infância acompanham-nos inalteradamente ao longo da vida, e que tão indestrutíveis como elas são certas influências educacionais que podem manter as pessoas dentro desses limites, durante toda a vida. Nessas circunstâncias, não surpreende que surjam conflitos entre a personalidade moldada pela educação e por outras influências do meio infantil, e o próprio estilo individual de vida de cada um. Esse é um conflito com o qual devem se confrontar todos os que são chamados a viver uma vida independente e criativa. (79)



É impossível, naturalmente, libertar-se da própria infância sem dedicar muito trabalho a isso, como as pesquisas de Freud mostraram há muito tempo. E nem pode isso ser alcançado somente por meio do conhecimento intelectual; a única coisa efetiva será uma rememoração que seja também uma re-experimentação. A rápida passagem dos anos e a aterradora irrupção do mundo novamente descoberto deixam atrás de si uma massa de material com a qual nunca lidamos. Não conseguimos descartá-la; apenas nos afastamos dela. De modo que, anos mais tarde, quando voltamos às lembranças da infância, encontramos fragmentos de nossa personalidade ainda vivos, agarrando-se a nós e infundindo em nós a sensação de tempos mais remotos. Esses fragmentos têm um efeito muito poderoso, por estarem ainda no seu estado infantil. (95)



Cada adulto traz em si uma criança latente – uma criança eterna, algo que está sempre em processo de se tornar, que nunca está completa, e que pede cuidados, atenção e educação incessantes. Essa é a parte da personalidade humana que quer se desenvolver e tornar-se inteira. Mas o homem de hoje está realmente muito distanciado dessa totalidade. (26)



Algo em nós deseja permanecer uma criança, ser inconsciente ou, no máximo, consciente somente do ego: para rejeitar tudo o que é estranho, ou então submetê-lo à nossa vontade. Em tudo isso há algo parecido com a inércia da matéria. (74)



Em princípio, sou sempre a favor de os filhos deixarem seus pais tão cedo quanto possível, assim que atinjam a maturidade. Os pais devem compreender que são como árvores cujos frutos caem, no outono. Os filhos não pertencem aos seus pais e só aparentemente é que são produzidos por eles.

Na realidade, eles vêm de um tronco que tem mil anos, ou então de muitos troncos, e freqüentemente são tão parecidos com seus pais quanto uma maçã se parece com um pinheiro. À parte a obrigação humana de olhar pelos pais que envelhecem, mantendo uma relação amigável com eles, não deveria haver outros dependentes, pois a geração mais jovem tem de iniciar uma vida nova e somente pode se incumbir do passado em casos de maior necessidade. (3)



O elevado ideal de se educar a personalidade não é para as crianças: pois o que é habitualmente entendido por personalidade, um todo psíquico bem acabado, capaz de resistência e com abundância de energia – é um *ideal adulto*. Somente em uma época como a nossa, em que o indivíduo está inconsciente dos problemas da vida adulta ou – o que é pior – conscientemente os evita, é que as pessoas podem querer encaixar esse ideal na infância. (26)



O que chamamos de progresso ou de desenvolvimento [da personalidade] é dar voltas e voltas em torno de um ponto central, para conseguir gradualmente ficar mais próximo dele. Na realidade, sempre permanecemos no mesmo lugar, apenas um pouco mais próximos ou mais afastados do centro. Mesmo quando era criança eu tinha intuições alquímicas que soariam muito mais chocantes do que qualquer coisa que eu tenha dito sobre elas no meu livro sobre a libido. Outras pessoas também têm essas intuições. Originalmente nós todos saímos de um mundo de totalidade e estamos ainda completamente contidos nele, nos primeiros anos da nossa vida. Mais tarde perdemos esse mundo e chamamos de progresso quando nos lembramos dele novamente. (3)

INDIVIDUAÇÃO: TORNANDO-SE O SEU PRÓPRIO E VERDADEIRO SELF

Tudo que é vivo sonha com a individuação, pois tudo se encaminha para sua própria totalidade. (3)



Faz parte do processo de crescimento ouvir as temíveis discordâncias que a vida real elabora e inclui-las entre as imagens da realidade. Verdade e realidade certamente não são a música das esferas – elas são a beleza e o terror da própria Natureza. (23)



Porque, realmente, a nossa consciência não cria a si própria – ela emerge de profundezas desconhecidas. Na infância, ela desperta gradualmente e durante toda a vida a cada manhã, saindo das profundezas do sono a partir de uma condição inconsciente. É como se fosse uma criança que nasce diariamente, saindo do útero primordial do inconsciente. (6)



A nossa personalidade desenvolve-se no curso de nossa vida a partir de germes que são difíceis ou impossíveis de serem discernidos, e somente são revelados pelos nossos feitos. (26)



Não é possível viver durante muito tempo em ambientes infantis, ou no seio da família, sem prejuízo de nossa saúde psíquica. A vida chama-nos para a independência e quem quer que não satisfaça a esse chamado devido a uma preguiça infantil ou timidez, é ameaçado com a neurose. E quando esta surge, torna-se cada vez mais uma razão válida para se fugir da vida e permanecer para sempre na atmosfera moralmente envenenada da infância. (78)



O principal feito do herói é superar o monstro da escuridão; é unicamente o há muito esperado triunfo da consciência sobre o inconsciente. A tomada de consciência foi provavelmente a mais tremenda experiência das épocas primordiais, pois com ela passou a existir um mundo do qual ninguém suspeitara antes. “E Deus disse ‘que haja luz’”, é a projeção dessa experiência imemorial de separação entre consciência e inconsciência. (62)



O homem saiu do estado inconsciente e procurou sempre um estado de maior consciência. O desenvolvimento da consciência é o fardo, o sofrimento e a bênção da humanidade. (8)



“Mas afinal por que motivo”, podemos perguntar, “seria necessário ao homem atingir, de qualquer maneira, um nível mais elevado de consciência?” Esta é uma questão verdadeiramente crucial e não posso respondê-la facilmente. Em vez de dar uma resposta real, posso somente fazer uma confissão de fé: acredito que, após milhares e milhões de anos, alguém teria de compreender que este maravilhoso mundo de montanhas e oceanos, sóis e luas, galáxias e nebulosas, plantas e animais, *existe*.

Observei uma vez, de uma colina nas planícies do Atlas do leste africano, vastos rebanhos de animais selvagens pastando em silenciosa tranqüilidade, como haviam feito desde tempos imemoriais, tocados somente pela respiração de um mundo primitivo. Senti-me como se eu fosse o primeiro homem, a primeira criatura a conhecer que tudo isso *é*.

Todo mundo ao meu redor estava ainda em seu estado primordial; e não sabia que *era*. E então, naquele momento em que tomei consciência, o mundo começou a existir; sem aquele momento, isso nunca teria acontecido. Toda a Natureza procura esse objetivo e encontra-o realizado no homem, porém somente no homem mais desenvolvido e mais completamente consciente. (54)



Se não lidarmos adequadamente com o inconsciente, ou seja, se ele não se expressar por meio da consciência e da ação consciente, acumulará libido no corpo e isso levará a [fraquezas] físicas. (3)



O objetivo da individuação é nada menos do que despir o *self* das falsas camadas da persona e do poder sugestivo das imagens primordiais. (89)



Nada é mais capaz de desafiar a nossa consciência do *self* e o nosso estado de alerta do que estarmos em guerra com nós mesmos. Dificilmente podemos pensar em um meio diferente ou mais efetivo de se despertar a humanidade do meio sono irresponsável e inocente da mentalidade primitiva, trazendo-a para o estado de responsabilidade consciente. (57)



As perturbações neuróticas, muito freqüentes na idade adulta, têm todas uma coisa em comum: elas querem fazer que a psicologia da fase juvenil transponha o umbral dos assim chamados anos de discipulado. Quem não conhece esses tocantes senhores idosos que têm sempre de requestrar o prato dos seus dias de estudantes, que somente sabem reviver a chama da vida pelas reminiscências de sua juventude heróica, mas que, em tudo o mais, estão empacados em um conservadorismo pétreo e sem esperança?

Como regra geral, eles certamente têm o único mérito que seria errado menosprezar: não

são neuróticos, mas simplesmente tediosos e estereotipados. O neurótico é antes uma pessoa que nunca encontra as coisas como ele gostaria que elas fossem, no presente, e que, portanto, não pode nunca apreciar o passado também. (74)



Embarcamos completamente despreparados na segunda metade de nossa vida. Ou será que há universidade para homens de 40 anos que os preparem para sua vida vindoura e suas demandas, da mesma forma como as universidades comuns dão aos nossos jovens um conhecimento do mundo? Não, completamente despreparados entramos na tarde de nossa vida; pior ainda, fazemos isso com a suposição falsa de que nossas verdades e ideais continuarão a servir dali por diante. Mas não podemos viver nesse período de acordo com o programa da primeira parte da vida; pois o que era importante na manhã será insignificante ao crepúsculo, e o que era verdadeiro de manhã terá se tornado uma mentira à noite. (74)



O período mediano da vida é uma época de enorme importância psicológica. A criança inicia a sua vida psicológica dentro de limites muito estreitos, no círculo mágico da mãe e da família. Com a maturação progressiva abre-se o seu horizonte e a sua esfera própria de influência; suas esperanças e intenções são dirigidas para estenderem o alcance do seu poder pessoal e de suas possessões; o seu desejo alcança o mundo em uma escala que está sempre se expandindo; a vontade do indivíduo torna-se cada vez mais identificada com os objetivos naturais procurados pela motivações inconscientes.

Desta forma, o homem infunde a sua própria vida em coisas que finalmente começam a viver por si próprias e a se multiplicarem; e imperceptivelmente ele é superado por elas. Mães são superadas pelos seus filhos, homens pelas suas próprias criações, e assim o que originalmente fora criado, somente com trabalho e com o maior dos esforços não poderá mais ser reprimido. O que antes era uma paixão, depois se transformou em dever e finalmente em um intolerável fardo, um vampiro que se alimenta com a vida do seu criador. (39)



Quanto maior a tensão, maior é o potencial. Uma grande energia sai de uma correspondente grande tensão entre opostos. (48)



Para o jovem, que ainda está desadaptado e que não realizou nada, é da maior importância formatar o seu ego consciente o tão efetivamente quanto possível, isto é, educando a sua vontade. A menos que seja realmente um gênio ele não poderá, realmente não deverá, acreditar em qualquer coisa que esteja ativa dentro dele e que não seja idêntica à sua vontade. Ele deve se sentir como um homem de vontade e pode com segurança depreciar qualquer outra coisa em si e considerá-la sujeita à sua vontade, pois, sem essa ilusão, não poderá ter sucesso e adaptar-se socialmente.

É muito diferente o que acontece com uma pessoa que está na segunda metade da sua vida: ela não precisa mais educar a sua vontade consciente, mas sim entender o sentido de sua vida individual e experimentar o seu próprio ser interior. A utilidade social não é mais um objetivo para ela, embora não negue que é uma coisa desejável. Completamente consciente como está da falta de importância social de sua atividade criadora, ela a sente mais como uma maneira de trabalhar consigo para seu próprio benefício. Esta atividade também, de uma maneira gradual, liberta-a da dependência mórbida e ela assim adquire uma estabilidade interior e uma nova confiança em si própria. (13)



Um indivíduo é infantil quando se liberta insuficientemente, ou não se liberta, do seu ambiente infantil e da adaptação aos seus pais, resultando disso uma reação falsa ao mundo; de um lado, ele reage como uma criança em relação aos seus pais, sempre pedindo amor e recompensas emocionais imediatas, enquanto, de outro lado, está tão identificado com os seus pais, pelos seus laços íntimos com eles, que se comporta como seu pai ou sua mãe. É incapaz de viver a sua própria vida e de descobrir qual o caráter que lhe pertence. (78)



Antigamente [durante um período de dificuldades para a pessoa], dizia-se que os deuses estavam desfavoráveis; hoje, preferimos chamar isso de neurose e procurar a sua causa na carência de vitaminas, em perturbações endócrinas, excesso de trabalho ou sexo. Nunca pensamos sobre a cooperação do inconsciente e sempre a tomamos como certa, mas quando ela subitamente falha, o caso é realmente muito sério. (28)



Individuação não é “individualização”, mas uma realização consciente de tudo o que está incluído na existência de um indivíduo: suas necessidades, tarefas, deveres, responsabilidades. A individuação não isola, conecta. Nunca vi relacionamentos que floresçam na inconsciência. (3)



A coisa essencial é diferenciar-se desses conteúdos inconscientes personificando-os, e ao mesmo tempo fazer que eles se relacionem com a consciência. Essa é a técnica usada para retirar deles o seu poder. Não é muito difícil personificá-los, pois eles sempre possuem um certo grau de autonomia, uma identidade separada própria. É muito inconveniente reconciliar-se com a sua autonomia, e, no entanto, o próprio fato de o inconsciente apresentar-se dessa maneira fornece-nos o melhor meio de lidar com ele. (6)



O indivíduo que queira ter uma resposta para o problema do mal, tal como é sugerido hoje, tem necessidade, em primeiro lugar e principalmente, de autoconhecimento: isto é, o maior

conhecimento possível de sua própria totalidade. Ele deve conhecer incessantemente o quanto pode praticar o bem, e quais os crimes de que será capaz, e deve ter o cuidado de considerar a primeira coisa como real e a segunda como ilusória. Ambos esses elementos estão na sua natureza íntima e podem emergir, caso ele queira – e deve querer – viver sem engano ou autoilusão.

No entanto, em geral, a maioria das pessoas está desesperadamente mal equipada para viver nesse nível, embora haja um grande número delas capazes de intuições mais profundas de si próprias. Tal autoconhecimento é da maior importância, pois por meio dele abordamos as camadas fundamentais, ou o centro da natureza humana, onde estão os instintos. São estes os fatores dinâmicos pré-existentes, em relação aos quais não podemos fazer qualquer julgamento final. Nossas idéias sobre ele tendem a ser inadequadas, pois somos incapazes de compreender cognitivamente a sua essência e de estabelecer limites racionais para ele.

Somente atingimos o conhecimento da natureza por intermédio da ciência, que amplia a consciência; donde, o autoconhecimento aprofundado requerer também ciência, isto é, psicologia. Ninguém constrói um telescópio ou um microscópio de um só golpe, apenas com boa vontade, sem um conhecimento de ótica. (6)



Individuação significa tornar-se um ser único e homogêneo, e à medida que a “individualidade” abrange a nossa mais íntima, última e incomparável unicidade, também inclui tornar-se o seu próprio *self*. Poderemos, portanto, traduzir individuação como “tornar-se o *self*” ou “realização do *self*”. (6)



O que é sublimação? O termo foi tomado da alquimia... Significa que você não faz o que realmente quer fazer, e toca piano em vez disso. Como vêem é uma bela coisa! Ou, em vez de entregar-se a paixões terríveis, você vai à escola dominical. Então você diz que sublimou “isso” – “isso!”. Esse é, naturalmente, um ato de volição. Até mesmo a sublimação, que é uma coisa muito útil e heróica, às vezes parece um pouco engraçada. Mas não é nunca uma coisa séria e certamente é um modo de se lidar com as dificuldades da vida, todas aquelas dificuldades que foram impostas a nós pela nossa natureza original.

Talvez tenhamos uma natureza muito desregrada e apaixonada, e simplesmente nos ferimos se a vivermos de uma maneira descontrolada. Tente dizer a verdade. Tenho certeza de que você gostaria de dizer a verdade. Ninguém gosta de mentir se não for forçado a isso. Mas tente apenas falar a verdade durante vinte e quatro horas para ver o que acontece! No final, você não pode mais se suportar.

Assim, veja, você não pode liberar-se de todas as suas ambições; não pode expressar a sua admiração por qualquer mulher bonita que veja. Tem de controlar-se, afinal das contas, e isso é também um notável trabalho de sublimação. Tomemos os palavrões: você não pode usar essa linguagem impossível e assim, em vez de dizer algo desagradável, deve dizer algo agradável, como lhe foi ensinado, e toda essa coisa continua – ética, auto-repressão e sublimação. E quanto piores são as suas paixões, mais você deverá usar o mecanismo da sublimação; caso contrário

você vai se meter em encrenca. E essa é uma coisa da qual você também não gosta. (2)



Já que o único transmissor da vida e a quinta-essência de qualquer espécie de comunidade é o indivíduo, conclui-se que ele e a sua qualidade são de importância fundamental. O indivíduo deve ser completo e ter substância, do contrário nada tem substância – pois qualquer número de zeros não soma mais do que zero.

Um grupo de pessoas inferiores não é nunca melhor do que cada uma delas. É tão inferior como elas e um Estado composto somente de ovelhas não é nunca algo mais do que um rebanho de ovelhas, mesmo se for conduzido por um pastor que tenha um cão bravio. (3)



Quando uma centena de cabeças inteligentes está reunida em um grupo, o resultado em geral é uma grande cabeça idiota. (3)



Dou o devido valor à adaptação do indivíduo na sociedade. Mas defenderei os direitos inalienáveis do indivíduo, pois somente ele é o transmissor da vida e é gravemente ameaçado hoje pelo processo de nivelamento social. Mesmo no menor dos grupos ele somente é aceito se parecer aceitável à maioria de seus membros. Tem de resignar-se a ser tolerado.

Mas a simples tolerância não é melhoria: ao contrário, incrementa a autodúvida, à qual está particularmente propenso o indivíduo isolado que tem alguma causa a esposar. Não sou partidário do “esplêndido isolamento” e tenho a maior dificuldade em me resguardar das imperiosas demandas das pessoas e dos relacionamentos humanos. Sem valores próprios até mesmo os relacionamentos sociais carecem de significado. (3)



Quando alguém faz parte de um grupo, o seu sentimento de segurança aumenta e o de responsabilidade diminui. Uma vez, enquanto cruzava com uma companhia de soldados uma geleira traiçoeira, cheia de fendas, deparei-me com uma neblina pesada. A situação era tão perigosa que cada um teve de parar onde estava. No entanto, não houve pânico algum, mas antes o espírito de um festival público!

Se houvesse somente um de nós, ou dois, talvez o perigo não tivesse sido ridicularizado ou superado. Da maneira como aconteceu, os corajosos e experimentados tiveram a sua chance de brilhar. Os tímidos sentiram-se encorajados pelos mais audazes, e ninguém disse uma só palavra sobre a possibilidade de se ter de improvisar um acampamento na geleira, coisa que dificilmente poderia ter sido realizada sem congelamento [e outros problemas], sem falar dos perigos de se tentar uma descida. Isso é típico de uma mentalidade de massas. (3)



A semente pode tornar-se um carvalho, e não um jumento. A natureza segue o seu curso. Um

homem ou uma mulher torna-se aquilo que ele ou ela são desde o início. (1)



Há muitas pessoas que somente estão parcialmente conscientes. Mesmo entre [pessoas] absolutamente civilizadas há um número desproporcionalmente elevado de indivíduos anormalmente inconscientes, que passam uma grande parte de suas vidas em um estado inconsciente. Eles sabem o que acontece com eles, mas não sabem o que fazem ou dizem. Não podem julgar as conseqüências de suas ações.

Essas são pessoas anormalmente inconscientes: isto é, que estão em um estado primitivo. O que será que finalmente as torna conscientes? Se levarem uma bofetada, então se tornarão conscientes: algo realmente acontece, e isso as torna conscientes. Deparam-se com algo fatal e então compreendem subitamente o que estão fazendo. (20)



As pessoas farão qualquer coisa, por mais absurda que pareça, para evitarem se defrontar com suas próprias almas. Praticarão ioga indiana com todos os seus exercícios, observarão uma dieta rigorosa, aprenderão a literatura do mundo inteiro – tudo porque não conseguem lidar consigo próprias e não têm a mínima fé de que qualquer coisa útil emergirá algum dia de suas próprias almas.

Assim, a alma gradualmente se transformou em uma Nazaré da qual não pode vir nada de bom. Portanto, vamos invocar isso dos quatro cantos da terra: quanto mais ousada e bizarra a coisa for, melhor! (58)



Cada avanço na cultura é, psicologicamente, uma extensão da consciência, uma tomada de consciência que somente pode acontecer por meio da individuação. Portanto, um avanço começa sempre com uma individuação: ou seja, com o indivíduo, consciente do seu isolamento, abrindo um novo caminho através de um território até então não pisado.

Para fazer isso, ele precisa em primeiro lugar voltar para os fatos fundamentais do seu próprio ser, desrespeitando qualquer autoridade e tradição, e se permitindo tornar-se consciente de suas diferenças. Se ele conseguir dar uma validade coletiva à sua consciência expandida, criará uma tensão de opostos que fornecerá o estímulo necessário à cultura para o seu progresso ulterior. (45)



Realização e utilidade são os ideais que parecem indicar o caminho para se sair das confusões e dos estados problemáticos. Eles são as estrelas guias que nos conduzem na aventura de expansão e consolidação de nossa existência física. Ajudamnos a firmar raízes no mundo, mas não podem nos guiar no desenvolvimento da consciência mais ampla à qual damos o nome de cultura. No período da juventude, contudo, este curso é o normal e em todas as circunstâncias é preferível ao simples debater-se em um turbilhão de problemas. (74)



Ser idoso é uma coisa consideravelmente impopular. Ninguém parece considerar que não se poder ficar idoso é uma coisa tão absurda como não se poder deixar nossos sapatos de criança. Um homem de trinta anos ainda infantil é certamente uma coisa lamentável, mas um septuagenário juvenil – não é delicioso?

E, no entanto, ambos são pervertidos, não têm estilo – psicologicamente são monstruosidades. Um jovem que não lute e conquiste perdeu a melhor parte da sua juventude, e um idoso que não saiba escutar os segredos dos regatos, quando eles correm dos picos para os vales, não tem sentido: é uma múmia espiritual que não é nada mais do que uma relíquia rígida do passado. Permanece à parte da vida, repetindo-se mecanicamente até chegar à última trivialidade! (72)



Em caso de sofrimento psicológico que sempre isola o indivíduo do rebanho das assim chamadas pessoas normais, é da maior importância entender que o conflito não é somente um fracasso pessoal, mas, ao mesmo tempo, um sofrimento comum a todos e um problema com o qual toda a época está sobrecarregada. Este ponto de vista geral eleva o indivíduo para fora de si mesmo, conectando-o com a humanidade. (4)



Os seres humanos têm uma faculdade que, embora seja da maior utilidade para propósitos coletivos, é a mais perniciosa para a individuação, e que é a faculdade da imitação. A psicologia coletiva não pode dispensar a imitação, pois sem ela todas as organizações de massa, os Estados e a ordem social são impossíveis.

Na verdade, a sociedade é organizada menos pela lei do que pela propensão à imitação, o que implica igualmente sugestibilidade e contágio mental. No entanto, vemos todos os dias como as pessoas usam, ou antes, abusam do mecanismo de imitação, visando à diferenciação pessoal: contentam-se em macaquear alguma personalidade eminente, alguma característica ou modo de comportamento marcante, chegando assim a distinguir-se do círculo em que se movimentam. Quase podemos dizer que como uma punição por isso, a uniformidade de suas mentes com as dos seus vizinhos, já bastante real, intensifica-se em um laço inconsciente e compulsivo com o ambiente. Como regra geral, essas tentativas específicas de diferenciação individual enrijecem-se em uma pose, e o imitador permanece no mesmo plano em que sempre esteve, mas somente vários graus mais estéril do que antes.

Necessitamos de uma profunda reflexão para descobrir o que é verdadeiramente individual em nós; e subitamente compreendemos como é imensamente difícil a descoberta do que seja a individualidade. (89)



O elemento de diferenciação é o indivíduo. Todos os mais elevados feitos virtuosos, bem

como as piores vilanias, são individuais. Quanto maior for uma comunidade, e maior a soma total de fatores coletivos peculiares a cada grande comunidade baseada em preconceitos conservadores prejudiciais à individualidade, mais será o indivíduo moralmente e espiritualmente oprimido; como resultado disso, a principal fonte de progresso moral e espiritual para a sociedade será suprimida.

Naturalmente, a única coisa que pode subsistir nessa atmosfera é a sociabilidade e tudo o que é coletivo no indivíduo. Tudo que é individual nele, submerge: isto é, está destinado a ser reprimido. Os elementos individuais tombam no inconsciente, onde, pela lei da necessidade, são transformados em algo essencialmente ameaçador, destrutivo e anárquico.

Socialmente, esse mau princípio mostra-se nos crimes espetaculares – regicídio e outros parecidos – perpetrados por certos indivíduos com tendências proféticas. Mas permanece como um pano de fundo na grande massa da comunidade e somente se manifesta indiretamente na inexorável degeneração moral da sociedade. (89)



Não estabelecemos uma distinção suficiente entre individualismo e individuação. Individualismo significa esforçar-se deliberadamente para tornar proeminente alguma peculiaridade suposta, mais do que as considerações coletivas e obrigações. Enquanto individuação significa precisamente a melhor e mais completa realização das qualidades coletivas do ser humano, uma vez que a consideração adequada da peculiaridade do indivíduo resulta em melhor realização social do que se a peculiaridade for negligenciada ou suprimida. (89)



É sem dúvida uma grande pena que a humanidade não seja uniforme, mas sim composta de indivíduos cuja estrutura psíquica se estende por um intervalo de pelo menos dez mil anos. Portanto, não há absolutamente verdade alguma que não signifique salvação para uma pessoa e danação para outra. Todos os universalismos estão colhidos nesse terrível dilema. (58)



Sempre que existe um complexo de inferioridade, existe um motivo para ele. Existe realmente uma inferioridade em algum lugar, muito embora não seja onde se supõe. Modéstia e humildade não são sinais de um complexo de inferioridade. São virtudes muito estimáveis e admiráveis, e não complexos. Provam que o seu feliz possuidor não é um tolo presunçoso, mas conhece suas limitações e, portanto, nunca ultrapassará os limites da humanidade, intoxicado e perturbado por sua grandeza imaginária. (25)



Podemos nos tornar vítimas de possessão se não entendermos em tempo porque alguém fica possuído. Devemos nos perguntar de uma vez por todas: por que esta idéia se apoderou de mim? O que isso significa no que se refere a mim? Uma dúvida modesta como esta pode nos

salvar de mergulhar de cabeça na idéia e desaparecer para sempre. (35)



A personalidade ego-consciente é somente uma parte do homem total e a sua vida não representa a sua vida total. Quanto mais ele for simplesmente “eu”, mais se separará do homem coletivo do qual é também uma parte, podendo até se descobrir como oposto a ele.

Mas uma vez que tudo o que vive orienta-se para a totalidade, a inevitável unilateralidade de nossa vida consciente é continuamente corrigida e compensada pelo ser humano universal que há em nós, cujo objetivo é a suprema integração de consciente e inconsciente, ou melhor, a assimilação do ego a uma personalidade mais ampla. (43)



Seres humanos completos são exceções. É verdade que uma maioria esmagadora de pessoas instruídas são personalidades fragmentadas e usam uma porção de substitutos em vez de bens genuínos. (60)



A personalidade é uma semente que somente pode se desenvolver por estágios lentos através da vida. Não há personalidade sem definição, totalidade e maturidade. Essas três qualidades não podem e não devem ser esperadas da criança, pois elas a roubariam de sua infância. (26)



A personalidade só pode se desenvolver quando o indivíduo escolhe o seu próprio caminho, conscientemente e com deliberação moral. É preciso que não somente o motivo causal – necessidade – mas uma decisão moral consciente empreste a sua força ao processo de construção da personalidade. Se o primeiro faltar, o pretendo desenvolvimento será um mero ato de vontade; se a segunda faltar, ele ficará preso em um automatismo inconsciente. Mas um homem só pode tomar a decisão moral de trilhar o seu próprio caminho se considerá-lo como o melhor possível. Se qualquer outro caminho fosse considerado melhor, então ele viveria e desenvolveria outra personalidade, em vez da sua própria.

Os outros caminhos são convenções de uma natureza moral, social, política, filosófica ou religiosa. O fato de as convenções sempre florescerem sob uma forma ou outra somente prova que a maioria da humanidade não escolhe o seu próprio caminho, mas sim uma convenção, desenvolvendo em consequência não a si próprio, porém um método e um modo coletivo de vida, às custas de sua totalidade. (26)

A personalidade consiste em duas coisas: a primeira é a consciência e tudo o que ela cobre, a segunda, a paisagem interior indefinidamente ampla da psique inconsciente. No que se refere à primeira, ela pode ser com certa nitidez definida e delimitada; mas quanto à soma total da personalidade humana, devemos admitir a impossibilidade de uma descrição ou de uma definição completa.

Em outras palavras, deve haver uma adição ilimitada e indefinível a cada personalidade, pois esta última consiste em uma parte consciente e observável que não contém certos fatores cuja existência, no entanto, somos forçados a assumir para explicar fatos observáveis. Os fatores desconhecidos formam o que chamamos de parte inconsciente da personalidade. (60)



É tremenda a diferença entre o processo “natural” de individuação, efetuado inconscientemente, e o que é realizado conscientemente. No primeiro caso, a consciência não intervém em lugar algum; o final permanece tão obscuro como o início. No segundo caso, tanta obscuridade vem à luz que a personalidade fica permeada com ela e a consciência necessariamente ganha em intuição e objetivo. O encontro entre consciente e inconsciente tende a assegurar que a luz que brilha na escuridão seja não somente abrangida por esta, mas que a abranja. (17)



Não podemos nunca apreciar a razão demasiadamente, mas há épocas em que devemos nos perguntar: será que conhecemos o suficiente sobre os destinos dos indivíduos para nos permitirmos dar bons conselhos em *todas* as circunstâncias? Devemos certamente agir de acordo com nossas melhores convicções, todavia temos tanta certeza assim de que nossas convicções são as melhores no que se refere a outra pessoa? Muito freqüentemente não sabemos o que é melhor para nós próprios, e com o avançar dos anos podemos ocasionalmente agradecer a Deus do fundo de nossos corações por sua bondosa mão ter-nos preservado da “racionalidade” de nossos antigos planos.

É fácil para o crítico dizer, depois de um evento, “ah! Mas então esse não era um motivo certo!” Quem pode conhecer com certeza inabalável quando um motivo é certo? Além disso, não será essencial à verdadeira arte de viver, algumas vezes, que, desafiando toda razão e propriedade, se inclua o irracional e o impróprio dentro do ambiente do possível? (63)



É tarefa da mente consciente entender esses sinais. Se isso não acontecer, o processo de individuação continuará. A única diferença é que nos tornamos suas vítimas e somos arrastados pelo destino para o objetivo inescapável que poderíamos ter atingido caminhando de cabeça erguida, se somente nos déssemos a esse trabalho e tivéssemos sido suficientemente pacientes para entender o significado dos guias espirituais que cruzam o nosso caminho. (17)



Se a sociedade consistisse somente em indivíduos de valor, certamente a adaptação a ela valeria a pena; no entanto, na realidade ela é principalmente composta de idiotas e pessoas moralmente fracas e o seu nível está muito abaixo dos seus melhores representantes, acrescentando-se a isso o fato de a massa abafar todos os valores individuais... Virtudes conspícuas são relativamente raras e na sua maior parte são realizações individuais. A

indolência mental e moral, a covardia, a estreiteza de pensamento e a inconsciência dominam tudo. (3)

Uma pessoa que é inconsciente de si própria age de uma maneira cega, instintiva e, além disso, enganada por todas as ilusões que surgem quando vê que tudo aquilo do qual não está consciente em si mesma vem ao seu encontro do exterior, na forma de projeções sobre o seu vizinho. (49)



Quando alguém inconscientemente age contra si próprio, o resultado é impaciência, irritabilidade e um impotente desejo de atingir o seu oponente de qualquer forma. Geralmente aparecem certos sintomas, entre os quais um uso peculiar da linguagem: tem-se vontade de falar vigorosamente para impressionar o opositor e então se emprega um estilo especial “bombástico”, cheio de neologismos que podem ser descritos como “palavras de poder”.

Esse sintoma é observado não somente na clínica psiquiátrica, mas também entre certos filósofos modernos, e acima de tudo sempre que algo que não merece crença tem de ser impingido à resistência interior: a linguagem amplia-se, superase, produz palavras grotescas distinguidas somente pela sua desnecessária complexidade. A palavra é carregada com a tarefa de conseguir o que não pode ser feito por meios honestos. É a antiga palavra mágica e algumas vezes pode degenerar em uma verdadeira doença. (48)



Quem quer que se torne consciente mesmo de uma fração do seu inconsciente sai do seu próprio tempo e do seu estrato social e atinge uma espécie de solidão. (3)



Há pessoas que pela sua própria natureza são bondosas e amáveis, assim como há pessoas que por natureza acreditam e confiam. Para elas, o amor e a fé são expressões naturais da vida que também beneficiam os seus companheiros. Para outras pessoas, menos dotadas ou absolutamente não dotadas, essas coisas são apenas ideais inatingíveis, um esforço convulsivo que também é sentido pelos seus companheiros. (3)



A individuação não separa ninguém do mundo, mas junta o mundo à própria pessoa. (44)

O PESSOAL É TAMBÉM GLOBAL

A psicologia do indivíduo não pode nunca ser explicada à exaustão a partir somente dele próprio: um reconhecimento nítido é necessário, devido à maneira pela qual ele também é condicionado por circunstâncias históricas e ambientais. A sua psicologia individual não é meramente um problema fisiológico, biológico ou pessoal; é também um problema contemporâneo. (56)



Ninguém pode proclamar que é imune ao espírito de sua própria época e que, por isso, possui algo semelhante a um conhecimento completo dela. Apesar de nossas convicções conscientes, todos nós sem exceção, à medida que somos partículas da massa, somos mordidos e corrompidos pelo espírito que circula através das massas. A nossa liberdade se estende somente até o ponto atingido pela nossa consciência. (48)



As mudanças importantes na história são geralmente atribuídas exclusivamente a causas externas. Parece-me, no entanto, que as circunstâncias externas freqüentemente servem unicamente para que se tornem manifestas ocasiões favoráveis a uma nova atitude em relação à vida e ao mundo, há muito tempo preparadas no inconsciente. Condições sociais, políticas e religiosas afetam o inconsciente coletivo no sentido em que todos esses fatores que são suprimidos pelas visões ou atitudes prevaletentes na vida de uma sociedade gradualmente se acumulam no inconsciente coletivo e ativam os seus conteúdos.

Alguns indivíduos dotados de uma intuição particularmente forte tornam-se então conscientes das mudanças que ocorrem e as traduzem em idéias comunicáveis. As novas idéias espalham-se rapidamente pelo fato de mudanças paralelas terem acontecido no inconsciente de outras pessoas. Há uma facilidade geral para se aceitar essas novas idéias, embora, também, freqüentemente elas encontrem uma resistência violenta.

Novas idéias não são apenas inimigas das antigas; elas também aparecem, geralmente, sob uma forma extremamente inaceitável. (55)



Quando um problema que no fundo é pessoal, e, portanto, aparentemente subjetivo, coincide com eventos externos que contêm os mesmos elementos psicológicos do conflito pessoal, ele é subitamente transformado em uma questão geral que abrange toda a sociedade. Desta forma, o problema pessoal adquire uma dignidade que até então lhe faltava, uma vez que um estado de discórdia íntima tem sempre algo de humilhante e degradante, de modo que a pessoa afunda em uma condição ignominiosa tanto exterior como interior, como se fosse um país desonrado por uma guerra civil.

É isso o que nos faz refrear de exibir em público um conflito meramente pessoal, contanto,

naturalmente, que não soframos de um excesso de auto-estima. Mas quando a conexão entre o problema pessoal e eventos maiores contemporâneos é percebida e compreendida, ela alivia a solidão do que é meramente pessoal e amplia o problema subjetivo em uma questão geral de nossa sociedade. (56)



As tarefas de cada época se diferenciam e é somente retrospectivamente que podemos discernir com certeza o que teve de ser do que não deveria ser. No momento presente, o conflito de opiniões prevalecerá, pois “a guerra é o pai de todos”.

Somente a história decide essa questão. A verdade não é eterna – é um programa a ser realizado. Quanto mais “eterna” for uma verdade, mais desprovida será de vida e de valor; ela não diz mais nada para nós, porque é auto-evidente. (56)



Quando algo acontece a uma pessoa e ela supõe que é uma coisa pessoal, quando, na realidade, se trata de uma experiência universal, a sua atitude obviamente é errada, demasiado pessoal, e tende a excluí-la da sociedade humana. Pelo mesmo motivo, precisamos ter não somente uma consciência pessoal contemporânea, mas também uma consciência suprapessoal com um sentido de continuidade histórica. (13)



Os grandes eventos da história mundial são, no fundo, profundamente não importantes. Em última análise, a coisa essencial é a vida do indivíduo. Somente isto faz história, somente nela acontecem as grandes transformações; e todo o futuro, toda a história do mundo, em última análise, surge como uma invocação gigantesca dessas fontes escondidas nos indivíduos. Na nossa vida mais privada e mais subjetiva somos não somente testemunhas passivas de nossa época e seus sofrendores, como também seus construtores. (96)

CRIATIVIDADE, GÊNIO E INOVAÇÃO

O principal problema é que as novas idéias raramente são reconhecidas pelos seus contemporâneos. A maioria deles luta cegamente contra todas as tentativas criativas em cada campo específico. Eles insistem nas coisas já conhecidas e, portanto, “seguras”. As universidades são o que há de pior, sob este aspecto. Contudo, podemos encontrar personalidades independentes e inteligentes mesmo entre os professores. (3)



Ser “normal” é o objetivo ideal para os fracassados, para todos aqueles situados ainda abaixo do nível geral de adaptação. Mas para as pessoas de habilidade acima da média – pessoas que nunca tiveram dificuldade em obter sucesso e realizar a sua parte do trabalho do mundo –, para estas, a compulsão moral a ser nada mais do que o normal representa um leito de Procusto, isto é, um tédio mortal e insuportável, um inferno de esterilidade e desespero. (51)



Quem quer que fale por imagens primordiais, fala com mil vozes. Consegue seduzir e dominar, enquanto ao mesmo tempo cria a idéia que está tentando expressar, fazendo-a sair do ocasional e do transitório e passar para o domínio do duradouro. Transforma nosso destino pessoal no destino da humanidade e evoca em nós todas as forças benéficas que sempre permitiram à humanidade encontrar um refúgio de cada perigo e sobreviver à mais longa das noites. (46)



Uma grande obra de arte é como um sonho; apesar de aparentemente óbvia ela não se explica e é sempre ambígua. Um sonho nunca diz “você deve” ou “esta é a verdade”. Ele apresenta uma imagem exatamente como a natureza permite a uma planta crescer, e cabe a nós tirar conclusões.

Se uma pessoa tem um pesadelo, isso significa ou que é muito propensa ao medo ou muito isenta dele; se ela sonha com um velho sábio, isso significa que é bem uma pessoa pedante, ou então que precisa de um professor. De uma maneira sutil, ambos os significados dão no mesmo, pois sabemos quando deixamos que uma obra de arte atue sobre nós da mesma forma como atuou sobre o artista. Para compreender o seu significado, devemos permitir que ela nos modele assim como modelou o artista. Podemos então entender também a natureza de sua experiência primordial.

[O artista] mergulhou nas profundidades curativas e redentoras da psique coletiva, onde o homem não está perdido no isolamento da consciência e de seus erros e sofrimentos, mas onde todas as pessoas são colhidas em um ritmo comum que permite ao indivíduo comunicar seus sentimentos e aspirações à humanidade como um todo. (59)



Fantasia não é doença, mas uma atividade natural e vital que ajuda as sementes do desenvolvimento psíquico a crescer. (93)



A vida criativa sempre permanece fora das convenções. É por isso que, quando a mera rotina da vida predomina sob a forma de convenção e tradição, há uma tendência a se produzir uma ruptura destrutiva da energia criativa. Esta ruptura é uma catástrofe somente quando se trata de um fenômeno de massa, mas nunca no indivíduo que conscientemente se submete a esses poderes mais altos e os serve com todas as suas forças. (26)



As grandes inovações não vêm nunca de cima; invariavelmente elas vêm de baixo, da mesma forma como as árvores nunca crescem do céu para baixo, mas sim da terra para cima. O abalo do nosso mundo e o do inconsciente são uma só e mesma coisa. (90)



A música certamente tem a ver com o inconsciente coletivo, assim como o drama. Isto é evidente na música de Wagner, por exemplo. De certa maneira, a música expressa um movimento dos sentimentos – ou valores emocionais – que se agar-ram aos processos inconscientes. A natureza do que acontece no inconsciente coletivo é arquetípica e os arquétipos têm sempre uma qualidade espiritual que se expressa no estresse emocional.

A música expressa em sons o que as fantasias e visões expressam em imagens visuais. Não sou músico e não poderia desenvolver detalhadamente essas idéias. Posso somente chamar a sua atenção para o fato de que a música representa o movimento, o desenvolvimento e a transformação de motivos do inconsciente coletivo. Isso é muito claro em Wagner e também em Beethoven. (3)



Talvez a arte não tenha um “significado”, pelo menos tal como entendemos esse termo. Quem sabe seja como a Natureza, que simplesmente é e não “significa” nada além disso. Será que “significado” é necessariamente algo mais do que mera interpretação – uma interpretação destilada em algo por um intelecto sequioso de significado? A arte, já se disse, é beleza, e “um pensamento de beleza é uma alegria permanente”. Ela não necessita de significado, pois este não tem nada que ver com arte. (46)



A essência de uma obra de arte não é encontrada nas idiossincrasias pessoais que aderem a ela – na verdade, quanto mais essas existem, menos a obra é de arte –, mas sim em elevar-se acima do pessoal para falar da mente e do coração do artista à mente e ao coração da

humanidade. Os aspectos pessoais da arte são uma limitação e mesmo um vício. (59)



As causas pessoais têm tanto ou tão pouco em comum com uma obra de arte quanto o solo tem que ver com a planta que brota dele. Certamente podemos aprender a entender algumas das peculiaridades da planta ao conhecer o seu *hábitat*, e esta é uma parte importante do equipamento do botânico. Mas ninguém poderá afirmar que tenha sido descoberta alguma coisa muito essencial sobre a própria planta.

A orientação pessoal que um médico precisa quando se confronta com a questão da etiologia na medicina é completamente deslocada quando se trata de uma obra de arte, apenas porque uma obra de arte não é um ser humano, mas algo suprapessoal. É uma coisa e não uma personalidade; donde não poder ser julgada por critérios pessoais. Na realidade, o significado especial de uma verdadeira obra de arte está no fato de ela ter escapado das limitações do pessoal e ultrapassado as preocupações pessoais do seu criador. (46)



Cada período tem seu modo de ser, seus preconceitos particulares e seu mal-estar psíquico. Uma época é como um indivíduo; tem as suas próprias limitações de visão consciente e, portanto, requer um ajuste compensatório. Isto é efetuado pelo inconsciente coletivo quando um poeta ou um visionário expressa o desejo não falado de sua época e mostra o caminho, por meio de palavras ou de feitos, para sua realização: sem se importar se essa necessidade cega coletiva resulte em bem ou em mal, na salvação de uma época ou na sua destruição. (59)



De um movimento lúdico de elementos cujas inter-relações não são aparentes imediatamente, surgem padrões que um intelecto observador e crítico somente pode avaliar mais tarde. A criação de algo novo não se realiza pelo intelecto, mas pelo instinto lúdico agindo a partir de uma necessidade íntima. A mente criadora brinca com os objetos que ama. (56)



Sabemos que toda boa idéia e todo trabalho criativo brotam da imaginação e têm a sua fonte no que temos prazer em chamar de fantasia infantil. Não somente o artista, mas cada indivíduo criador deve tudo o que é da maior importância em sua vida à fantasia. (56)



O princípio dinâmico da fantasia é o jogo, que é uma característica também da criança e como tal parece inconsistente com o princípio do trabalho sério. Mas sem esse jogo com a fantasia nenhum trabalho criativo jamais nasceu. É incalculável o débito que temos com o jogo da imaginação. Portanto, é míope tratar a fantasia, por causa de sua natureza ousada ou objeccionável, como coisa de pouca valia. (56)



O verdadeiro gênio quase sempre invade e perturba. Ele fala de um mundo eterno a um mundo temporal. Ele diz as coisas erradas na época certa. As verdades eternas nunca são verdadeiras em qualquer dado momento na história. Para digerir e assimilar as coisas totalmente não práticas que o gênio produziu com o estoque da eternidade é preciso que o processo de transformação tenha uma parada. Contudo, é o gênio que cura o seu tempo, pois tudo o que ele revela de verdade eterna é uma cura. (83)



Um dom [freqüentemente] desenvolve-se na razão inversa à da personalidade em seu todo e tem-se a impressão de que uma personalidade criativa cresce às custas do ser humano. Na verdade algumas vezes há uma discrepância entre o gênio e as suas qualidades humanas e então a pessoa tem de se perguntar se não teria sido muito melhor um pouco menos de talento.

O que, afinal, é o grande talento comparado à inferioridade moral? São muitas as pessoas dotadas cuja utilidade é paralisada, para não dizer pervertida, pelos seus defeitos humanos. Um dom não é um valor absoluto; ou antes, somente é esse valor quando o resto da personalidade se emparelha com ele. (32)



A arte é uma espécie de impulso inato que se apodera de um ser humano e o transforma em seu instrumento. O artista não é uma pessoa dotada de livre vontade que procura seus próprios fins, mas sim a que permite que a arte realize os seus objetivos por meio dela. Como um ser humano pode ter estados de espírito e uma vontade e objetivos pessoais, mas como artista ele é “homem” em um sentido mais elevado – ele é “homem coletivo”, um veículo e um moldador da vida psíquica inconsciente da humanidade. É esse o seu trabalho e às vezes é um fardo tão pesado que ele está destinado a sacrificar a felicidade e tudo o que torna a vida digna de ser vivida para o ser humano comum. (59)



O homem normal pode seguir a tendência geral sem se machucar; mas a [pessoa] que usa as ruelas e becos por não poder agüentar a rua principal será a primeira a descobrir os elementos psíquicos que estão esperando para desempenhar a sua parte na vida do coletivo.



A relativa falta de adaptação do artista resulta em vantagem: permite que ele siga os seus próprios impulsos em vez de escolher um caminho batido e que descubra o que é que iria ao encontro das necessidades inconscientes de sua época. Assim, da mesma forma como a unilateralidade da atitude consciente do indivíduo é corrigida por reações do inconsciente, a arte representa um processo de auto-regulação na vida das nações e nas diversas épocas. (46)



A doença de nossos artistas modernos é que eles somente pintam ou desenharam e consideram uma virtude fazer algo em vez de pensar, contrariamente ao que acontecia com os grandes artistas do Renascimento. Sempre achei muito difícil discutir esses problemas com [artistas, hoje]. A grandeza do artista do Renascimento está no fato de ele trabalhar com o todo de sua personalidade, enquanto o artista de hoje evita frequentemente qualquer coisa que tenha sentido. (3)



O esteticismo não é capaz de resolver a tarefa extremamente séria e difícil de se educar o homem, pois sempre pressupõe a própria coisa que deveria criar: a capacidade de amar a beleza. Ele realmente prejudica uma investigação mais profunda do problema, pois sempre foge de tudo o que é ruim, feio e difícil, e visa o prazer, mesmo que seja de uma espécie edificante. Por conseguinte, o esteticismo não tem qualquer força moral, pois [na sua raiz] é ainda somente um hedonismo refinado. (56)



Precipitar-se é sempre atrair golpes e se não os levamos do professor, nós os levaremos do destino, e geralmente de ambos. A criança dotada fará bem em se acostumar cedo ao fato de que qualquer qualidade extraordinária a coloca em uma posição excepcional e a expõe a um número demasiado grande de riscos, sendo o principal deles uma autoconfiança exagerada. A única proteção contra isso é a humildade e a obediência, no entanto, mesmo assim não é sempre que funciona. (32)



A grandeza das personalidades históricas nunca consistiu na sua abjeta submissão à convenção, mas, ao contrário, na sua libertação *da* convenção. Elas se elevam como picos montanhosos sobre as massas que ainda se agarram aos seus medos coletivos, suas crenças, leis e sistemas, e audazmente escolhem o seu próprio caminho.

Para o homem da rua sempre pareceu miraculoso o fato de alguém se afastar da trilha habitual, com as suas destinações conhecidas, e enfrentar o caminho estreito e íngreme que leva ao desconhecido. De onde se ter sempre acreditado que uma pessoa desse tipo se não fosse realmente louca, seria possuída por um demônio ou um deus; pois o milagre de um homem ser capaz de agir de maneira diferente da que tem sido usada sempre pela humanidade somente poderia ser explicado pelo dom do poder demoníaco ou do espírito divino. (26)



Uma pessoa deve pagar muito caro pelo divino dom da flama criadora. É como se cada um de nós nascesse com um estoque limitado de energia. No artista a força maior na sua formação, isto é, na sua criatividade, assumirá e quase monopolizará essa energia, deixando tão pouco que

nada digno de valor poderá advir.

O impulso criador pode drená-lo de sua humanidade em tal grau que o ego pessoal pode existir somente em um nível primitivo ou inferior, e é levado a desenvolver todas as espécies de defeitos – rudeza, egoísmo, vaidade e outros traços infantis. Essas inferioridades são os únicos meios pelos quais ele pode manter a sua vitalidade e impedir-se de se tornar completamente esvaziado. (59)



As novas idéias, se não forem fátuas, geralmente requerem pelo menos uma geração para se enraizarem. As inovações psicológicas provavelmente levam muito mais tempo, pois neste campo, mais do que em qualquer outro, praticamente qualquer um se estabelece como uma autoridade. (81)



As idéias aceitas amplamente não são nunca a propriedade particular do seu assim chamado autor. Ao contrário, este é um observador de suas idéias. As idéias impressionantes que são saudadas como verdades têm algo peculiar em si. Embora elas passem a existir em uma determinada época, são e têm sempre sido atemporais. Surgem do domínio da vida psíquica criativa, da qual a mente efêmera do ser humano cresce, como se fosse uma planta que floresce, dá frutos e sementes e depois murcha e morre. As idéias brotam de algo maior que o ser humano pessoal. O homem não faz as suas idéias; poderíamos dizer que são as idéias do homem que o fazem. (30)



Uma época é tão grande como a imaginamos e um homem cresce até atingir a estatura do seu tempo. (37)



Algumas pessoas fazem história e outras constroem uma casinha no subúrbio. (4)



Muitos artistas, filósofos e até mesmos cientistas devem algumas de suas melhores idéias a inspirações que aparecem subitamente, vindas do inconsciente. Podemos descobrir provas nítidas disso na própria história da ciência.

Por exemplo, o matemático francês Poincaré e o químico Kekule fizeram descobertas científicas importantes, como eles próprios admitem, devido a repentinas “revelações” pictóricas vindas do inconsciente. A por assim dizer experiência “mística” do filósofo francês Descartes envolveu uma revelação súbita semelhante, que o fez ver em um clarão a “ordem de todas as ciências”. O autor britânico Robert Louis Stevenson gastara anos procurando uma história que encaixasse a sua “importante idéia sobre o duplo ser do homem” quando o enredo do livro *O médico e o monstro* foi-lhe subitamente revelado em um sonho.

É verdade que há fantasias inaproveitáveis, fúteis, mórbidas e insatisfatórias, cuja natureza estéril é imediatamente reconhecida por toda pessoa dotada de senso comum; mas o desempenho errôneo não prova nada contra o desempenho normal. Todas as obras da humanidade têm sua origem na imaginação criadora. (94)



A psique cria a realidade todos os dias. A única expressão que posso usar para esta atividade é *fantasia*. Fantasia é tanto sentimento como pensamento, tanto intuição como sensação. Não há função psíquica alguma que, por meio da fantasia, não seja inexoravelmente ligada a outras funções psíquicas. Algumas vezes ela aparece em uma forma primitiva, às vezes é o produto extremo e mais ousado de todas as nossas faculdades combinadas.

A fantasia, portanto, parece-me ser a expressão mais nítida da atividade específica da psique. Ela ressalta a atividade criadora da qual derivam todas as respostas pertinentes às questões: ela é a mãe de todas as possibilidades, aquela em que, como todos os opostos psicológicos, os mundos interior e exterior somam-se em uma união vívida. (56)



O processo criativo, no que podemos segui-lo, consiste na ativação inconsciente de uma imagem arquetípica e na elaboração e moldagem dessa imagem no trabalho acabado. Dando forma a ele, o artista o transforma na linguagem do presente, tornando assim possível a nós descobrirmos nosso caminho de volta às mais profundas fontes da vida.

É nisso que está o significado social da arte: constantemente ela trabalha educando o espírito da época, conjurando as formas nas quais a época está mais carente. O impulso insatisfeito do artista retorna à imagem primitiva do inconsciente, a qual está mais bem aparelhada para compensar a inadequação e a unilateralidade do presente.

O artista apodera-se dessa imagem e retirando-a da mais profunda inconsciência a coloca em relação com valores conscientes, transformando-a assim até que ela seja aceita pelas mentes dos seus contemporâneos, de acordo com suas capacidades. (46)



É dever daquele que abre o seu próprio caminho informar a sociedade sobre o que encontra na sua viagem de descoberta, seja isso água corrente para os sedentos ou os desertos arenosos do erro infrutífero. Não é a crítica dos indivíduos contemporâneos que decidirá sobre a verdade ou falsidade de suas descobertas, mas as gerações futuras. Há coisas que ainda não são verdadeiras, hoje; talvez não ousemos tê-las como verdadeiras, porém amanhã elas o serão.

Dessa forma, todo aquele cujo destino seja trilhar o seu caminho individual deve prosseguir com esperança e prontidão, sempre consciente da solidão e de seus perigos. (81)

AMOR, SEXO E INTIMIDADE

Tudo que digo [sobre o amor romântico] é uma regra geral que não deveria ser descuidadamente generalizada. O homem é uma experiência muito peculiar da natureza e simplesmente tudo é permitido, especialmente em aspectos eróticos. (3)



Onde reina o amor, não há desejo de poder; e onde prevalece o desejo de poder, falta o amor. Um é apenas a sombra do outro. (81)



O problema do amor faz parte da pesada carga de sofrimento da humanidade e ninguém deveria envergonhar-se de ter de pagar esse tributo. (15)



O homem não é somente governado pelo instinto sexual; há outros instintos, também. Por exemplo, na biologia podemos ver que o instinto de nutrição é tão importante como o sexual, embora nas sociedades primitivas a sexualidade desempenhe um papel muito menor do que a alimentação. O alimento é o interesse e o desejo mais importante. O sexo – é algo que eles podem ter em qualquer lugar, [pois] não são tímidos. Mas o alimento é difícil de obter e assim constitui o interesse principal.

Em outras sociedades – quero dizer sociedades civilizadas – o impulso do poder desempenha um papel muito maior do que o sexo. Por exemplo, há muitos homens de negócios importantes que são impotentes, porque toda a sua energia vai para fazer dinheiro ou ditar leis para as outras pessoas. O que é muito mais interessante para eles do que ter casos com mulheres. (1)



Cada homem traz consigo a eterna imagem de uma mulher, não a imagem desta ou daquela mulher em particular, mas uma imagem feminina definitiva. Esta imagem é fundamentalmente inconsciente, um fator hereditário de origem primitiva gravada no sistema orgânico vivo do homem, uma impressão ou “arquétipo” de todas as experiências ancestrais da fêmea: um depósito, por assim dizer, de todas as impressões jamais causadas pela mulher... Uma vez que esta imagem é inconsciente, é sempre inconscientemente projetada sobre a pessoa da amada, e é um dos principais motivos para a atração apaixonada ou para a aversão. (6)



Na sua forma primária “inconsciente”, o *animus* é um composto de opiniões espontâneas, não premeditadas, que exerce uma influência poderosa sobre a vida emocional da mulher,

enquanto a *anima* é composta igualmente de sentimentos a partir dos quais influencia ou distorce o entendimento do homem (“ela virou a sua cabeça”). Em consequência disso, o *animus* gosta de se projetar sobre “intelectuais” e todas as espécies de “heróis”, incluindo tenores, artistas e celebridades esportivas. A *anima* tem uma predileção por tudo que é inconsciente, sombrio, equívoco e desligado na mulher, e também pela sua vaidade, frigidez e desvalimento. (6)



É preciso ter muita energia para se apaixonar. Na América há tantas oportunidades para os homens e para as mulheres que eles não economizam nada da sua força vital para o amor. (2)



Costuma-se acreditar, por exemplo, que os casais americanos são os mais felizes do mundo. Eu digo que eles são os mais trágicos. Sei disso não somente do estudo do povo como um todo, mas também do estudo dos indivíduos que me procuram. Acho que homens e mulheres estão dando a sua energia vital a tudo, exceto à relação que têm entre si. Tudo é confusão, nessa relação. As mulheres são as mães de seus maridos bem como de seus filhos, contudo ao mesmo tempo há nelas o desejo primitivo muito antigo de serem possuídas, cederem, entre-garem-se. E não há nada no homem para que elas se entreguem, exceto a sua bondade, a sua cortesia, generosidade e cavalheirismo. Quem deve ceder é o seu concorrente, seu rival nos negócios, mas a mulher não necessita disso. (2)



Você experimentou no seu casamento o que é um fato quase universal: que os indivíduos são diferentes uns dos outros. Basicamente cada um permanece como um enigma inatingível para o outro. Não há nunca uma concordância total. Se cometeu um erro, foi o de ter tentado insistentemente entender a sua mulher completamente, sem levar em conta o fato de que, no final das contas, as pessoas não querem saber quais os segredos que dormitam em suas almas. Quando lutamos demasiado para desvendar outra pessoa, descobrimos que a lançamos em uma posição defensiva, e as resistências se desenvolvem porque, por meio de nossos esforços para desvendar e entender, o outro sente-se forçado a examinar em si próprio as coisas que não quer examinar. Todo mundo tem seu lado sombrio que – enquanto tudo vai bem – acha melhor não conhecer. (3)



Acho incompreensível como alguém possa dizer que me oponho ao voto feminino por medo de que ele possa levar ao perigo da “masculinização”. A minha experiência fez-me ficar impressionado com a tenacidade e dureza da natureza feminina, que não mudou em nada durante milhares de anos, impressão essa que foi tão profunda em mim a ponto de me levar a supor que o direito ao voto não poderia em nada contribuir para que esse fenômeno acabasse. Naturalmente, a atividade política pode masculinizar uma mulher, mas o mesmo pode acontecer com outras atividades: por exemplo, esposas e mães que segundo a opinião geral poderiam ter

um destino satisfatório no seu papel feminino, exercem tirania sobre maridos e famílias com um ânimo masculino que pode pesar sobre tudo, sem que haja necessidade, de sua parte, de terem também o direito de votar. De uma maneira totalmente feminina, uma mulher pode ter, do seu ponto de vista, uma opinião bem fundamentada, sem sofrer o mais leve prejuízo à sua natureza. O fato de ela poder ter convicções e intuições é uma característica humana geral e não somente peculiar aos homens.

Em todas as épocas houve mulheres sábias e espertas às quais até mesmo homens inteligentes pediram conselho. Há inúmeras mulheres que tiveram sucesso na vida pública sem perderem a sua feminilidade. Ao contrário, elas tiveram sucesso justamente por causa dela. O desagradável complexo de poder do *animus* feminino é encontrado somente quando uma mulher não permite que os seus sentimentos se expressem naturalmente, ou quando lida com eles de uma maneira inferior. No entanto isso pode acontecer em todas as situações da vida e não tem nada que ver com o direito de votar. (3)



É difícil acreditar que este mundo pululante seja demasiado pobre para fornecer um objeto para o amor humano – ele oferece oportunidades ilimitadas a qualquer um.

É antes a incapacidade de amar que frustra uma pessoa dessas oportunidades. O mundo é vazio somente para aquele que não sabe como dirigir a sua libido para coisas e pessoas, tornando-as vivas e belas.

O que nos leva a criar um substituto dentro de nós mesmos não é uma falta exterior, mas sim a nossa incapacidade de incluir no nosso amor qualquer coisa exterior. Certamente as dificuldades e as diversidades da luta pela existência podem nos oprimir, mas nem mesmo as piores condições precisam prejudicar o amor. Ao contrário, freqüentemente elas nos impelem a maiores esforços. (78)



Apesar de todos os protestos indignados persiste o fato de que o amor – usando-se esta palavra no sentido mais amplo que lhe é devido por direito e que abrange mais do que a sexualidade –, com seus problemas e conflitos, é de fundamental importância na vida humana e, como demonstrado consistentemente por uma cuidadosa pesquisa, é de muito maior significância do que o indivíduo suspeita. (81)



A nossa civilização subestima enormemente a importância da sexualidade; mas, justamente por causa das repressões impostas sobre ela, a sexualidade irrompe em todo campo concebível em que não deve estar, e usa esse modo tão indireto de expressão de maneira a esperarmos encontrá-la repentinamente em quase todos os lugares.

Assim, a própria idéia de um entendimento íntimo da psique humana, que na realidade é uma coisa muito pura e bela, torna-se contaminada e perversamente distorcida pela intrusão de um significado sexual indireto. Uma expressão direta e espontânea da sexualidade é uma

ocorrência natural e, como tal, não é nunca feia ou repulsiva. É a repressão “moral” que torna a sexualidade por um lado suja e hipócrita e, por outro, desavergonhada e estridente. (78)



Atualmente, não temos uma moralidade sexual real, mas somente uma atitude legislativa em relação à sexualidade, assim como a Idade Média não tinha uma moralidade real do enriquecimento, porém somente preconceitos e um ponto de vista legal. Não estamos ainda suficientemente avançados para distinguirmos entre comportamento moral e imoral no domínio da atividade sexual livre.

Isto é nitidamente expresso no tratamento habitual, ou antes, nos maus-tratos infligidos às mães solteiras. Devemos toda a hipocrisia repulsiva, a alta maré da prostituição e das doenças venéreas, à bárbara condenação legal por atacado de certas espécies de comportamento sexual, bem como à nossa incapacidade de desenvolver um sentido moral refinado em relação às enormes diferenças psicológicas que existem no domínio da atividade sexual livre. (71)



A vida sexual normal, como experiência partilhada com objetivos aparentemente similares, reforça o sentimento de unidade e de identidade. Esse estado é descrito como de completa harmonia e é apregoado como uma grande felicidade (“um só coração e uma única alma”) não sem uma boa razão... Ele é na realidade uma experiência genuína e incontestável do divino, cuja força transcendental oblitera e consome tudo o que é individual: uma comunhão real com a vida e com o poder impessoal do destino. (39)



A maior parte do que os homens dizem sobre o erotismo feminino, e particularmente sobre a vida emocional das mulheres, deriva das projeções da sua própria *anima* e é distorcido de acordo com elas. (39)



Se você observar um intelectual típico que tem um medo terrível de se apaixonar, pensará que o seu medo é muito tolo... mas [tais homens] têm razão de ter medo, pois o seu ponto fraco está nos seus sentimentos. Ninguém pode atacá-los no seu intelecto. Nele, sentem-se fortes e podem permanecer sozinhos, mas em seus sentimentos podem ser influenciados, apanhados e enganados, e eles sabem disso. Portanto, nunca forcem um homem a admitir seus sentimentos quando ele é um intelectual. Ele controla os seus sentimentos com mão de ferro porque sabe que são muito perigosos. (4)



O relacionamento humano conduz ao mundo da psique, a aquele domínio intermediário entre os sentidos e o espírito, que contém algo de ambos e, no entanto, não perde nada do seu caráter único. (86)



A nossa falta de vontade em ver nossas próprias faltas, projetando-as nos outros, é a origem dos maiores conflitos e a maior garantia de que a injustiça, a animosidade e a perseguição não morrerão tão cedo. (25)



O relacionamento só é possível quando há uma distância psíquica entre as pessoas, da mesma forma como a moralidade pressupõe a liberdade. (86)



A existência real de um inimigo sobre o qual se possa descarregar tudo que é mau é um alívio enorme para a nossa consciência. Podemos então dizer sem hesitação quem é o diabo: estamos perfeitamente certos de que a causa de nossa desgraça está fora de nós e não em nossa própria atitude. (31)



A maioria dos homens é eroticamente cega – eles cometem o erro imperdoável de confundir Eros com sexo. Um homem pensa que possui uma mulher se a tem sexualmente. É quando ele menos a possui, pois para uma mulher o relacionamento erótico é o real e decisivo. Para ela o casamento é um relacionamento em que o sexo funciona como um acompanhamento. (86)



Tradicionalmente, o homem é considerado responsável pelo fim do casamento. Esta lenda vem de muito tempo atrás, quando os homens ainda tinham tempo para procurar todas as espécies de passatempo. Mas hoje a vida faz tantas exigências dos homens que o nobre fidalgo Dom Juan não pode ser visto em lugar algum a não ser no teatro. Mais do que nunca o homem ama o seu conforto, pois a nossa é uma época de neurastenia, impotência e espreguiçadeiras. Não sobra energia alguma para se pular janelas e travar duelos.

Se alguma coisa do tipo de um adultério tiver de acontecer, não poderá ser muito difícil. Não pode custar demasiado, sob nenhum aspecto; portanto, as aventuras só podem ser transitórias. O homem de hoje tem um medo total de prejudicar o casamento como instituição. (86)



Nunca ou quase nunca um casamento se transforma em um relacionamento individual harmoniosamente e sem crises. Não há nascimento de consciência sem dor. (39)



Eros é um sujeito questionável e será sempre assim, seja lá o que for que a legislação do futuro tenha a dizer sobre isso. Ele pertence, por um lado, à natureza animal primitiva do homem, a qual durará enquanto o homem tiver um corpo animal. Por outro lado, ele se relaciona com as formas mais elevadas do espírito. Mas somente se desenvolve quando espírito e instinto estão em harmonia.

Se faltar um ou outro desses aspectos, o resultado será um ferimento ou pelo menos um mal-estar que poderá facilmente se desenvolver em patologia. Uma animalidade demasiada distorce o homem civilizado e uma civilização demasiada produz animais doentes. (81)



O conflito atual entre ética e sexo não é somente uma colisão entre instinto e moral, mas uma luta para dar ao instinto o lugar que lhe compete nas nossas vidas, e para reconhecer nele um poder que procura expressão e que evidentemente não pode ser desprezado. E que, portanto, não pode ser tratado levianamente, para encaixar-se nas nossas bem intencionadas leis morais.

Sexualidade não é somente instinto; é inegavelmente um poder criativo que não somente é causa básica de nossas vidas individuais, como também um fator muito sério da nossa vida psíquica. Hoje sabemos muito bem quais são as graves conseqüências que os distúrbios sexuais podem acarretar. (45)



Há muitas dúvidas sérias relativas a saber se a nossa visão moral prevalecente tratou com equanimidade a natureza do sexo. Delas nasce naturalmente um interesse legítimo em qualquer tentativa para se entender a natureza do sexo mais verdadeira e profundamente. (45)



Poderíamos dizer que a sexualidade é o porta-voz dos instintos, razão pela qual do ponto de vista espiritual o sexo é o principal antagonista, não porque a permissividade sexual seja mais imoral do que beber e comer excessivamente, avareza, tirania e outras extravagâncias, mas porque o espírito percebe na sexualidade uma contrapartida igual e realmente semelhante a ele mesmo.

Pois assim como o espírito colocará a sexualidade, como qualquer outro instinto, ao seu serviço, a sexualidade também tem uma reivindicação antiga sobre o espírito, que antigamente continha dentro de si – na procriação, na gravidez, no nascimento e na infância – e cuja paixão o espírito não pode nunca dispensar, nas suas criações. (45)



O otimismo da vida não pode ser encontrado no egoísmo rudimentar, pois fundamentalmente o homem é constituído de maneira tal que o prazer que dá ao seu vizinho é algo essencial para si mesmo. E nem pode o otimismo ser alcançado por um desejo incontrolado de supremacia individualista, pois o elemento coletivo no homem é tão poderoso que o seu desejo de camaradagem destruiria qualquer prazer de egoísmo descarado.

O ótimo somente pode ser alcançado pela obediência às leis alternadas da libido, segundo as quais a sístole se alterna com a diástole – leis que trazem prazer e as necessárias limitações de prazer, e também nos estabelecem essas tarefas individuais para toda a vida, sem as quais o otimismo vital não pode nunca ser atingido. (56)



Todos os sonhos revelam experiências espirituais, contanto que não se aplique o próprio ponto de vista à interpretação deles. Freud diz que todos os desejos do homem expressos nos sonhos relacionam-se com a sexualidade. É verdade que o homem é um ser que tem sexo. No entanto, ele também é um ser que tem um estômago e um fígado. Seria o mesmo dizer que pelo fato de ele ter um fígado todos os seus problemas vêm daquele órgão.

O homem primitivo tem pouca dificuldade com sexo. A realização de seus desejos sexuais é fácil demais para constituir um problema. Aquilo que preocupa o homem primitivo – e eu vivi entre os primitivos e Freud não – é o seu *alimento*: onde ele pode encontrá-lo e se ele é suficiente.

O homem civilizado revela suas necessidades espirituais nos seus sonhos. (2)



Entendemos uma outra pessoa da mesma forma como entendemos ou tentamos entender a nós próprios. O que não entendemos em nós, também não entendemos na outra pessoa. Portanto, há uma grande probabilidade de que a imagem do outro seja na maior parte subjetiva. Como sabemos, até mesmo uma amizade íntima não é garantia de conhecimento objetivo. (31)

A ARTE DA PSICOTERAPIA

É possível aprender muito de psicologia pelos livros de estudo, porém esse tipo de psicologia não é de muita ajuda na vida prática. Uma [pessoa] a quem foi confiado o cuidado das almas deveria ter uma certa sabedoria de vida que não consiste somente de palavras, mas principalmente de experiência. Essa psicologia, tal como a entendo, não é somente um conhecimento, mas uma certa sabedoria de vida, ao mesmo tempo. Se for possível ensinar-se isso, deve ser por meio de uma experiência pessoal da alma humana. Essa experiência somente é possível quando o ensino tem um caráter pessoal, isto é, quando se ensina pessoalmente e não de uma forma generalizada. (3)



O maior erro que um analista pode cometer é assumir que o seu paciente tem uma psicologia semelhante à sua própria. (31)



Todo aquele que deseja conhecer a psique humana não aprenderá quase nada com a psicologia experimental. Seria melhor para ele abandonar a sua beca de especialista, dizer adeus aos seus estudos e errar pelo mundo com o coração humano.

No mundo, no horror das prisões, dos hospitais e dos hospícios, em esquálidas tabernas suburbanas, em bordéis e inferninhos, nos salões dos elegantes, nas Bolsas de Valores, nos comícios socialistas, igrejas, reuniões revivalistas e seitas estáticas, por meio do amor e do ódio, e da experiência da paixão sentida em cada forma em seu próprio corpo, ele armazenaria um conteúdo mais rico de conhecimento do que o que poderia ser dado pelos densos textos escolares, e aprenderia a curar os doentes com um conhecimento real da alma humana. (91)



A experiência ensinou-me a manter distância tanto dos “métodos” terapêuticos como dos diagnósticos. A enorme variedade entre os indivíduos e as suas neuroses colocou diante de mim o ideal de aproximar-me de cada caso com um mínimo de pressupostos. O ideal seria naturalmente não ter pressuposto algum. Mas isto é impossível mesmo exercendo-se a autocrítica mais rigorosa, pois cada um é *ele próprio* o maior de todos os pressupostos e o que tem as mais graves conseqüências. Por mais que tratemos de não ter pressupostos e de não usar nenhum método pronto, meu método será determinado pelo pressuposto de que *eu próprio sou*: e como eu sou, assim procederei. (68)



Saber que na psicologia prática não há receitas e regras universalmente válidas bastam para levar uma pessoa ao desespero. Há somente casos individuais com necessidades e demandas das mais heterogêneas – tão heterogêneas que virtualmente não podemos nunca saber

antes qual o curso que será tomado por um determinado caso, motivo pelo qual é melhor para o médico abandonar todas as opiniões pré-concebidas.

O que não significa que ele as deva jogar ao mar, mas sim que em cada caso deve usá-las meramente como hipóteses para uma possível explicação. (51)



Nas mãos dos tolos a medicina foi sempre veneno e morte. Assim como pedimos que um cirurgião, além de conhecimento técnico, tenha uma mão habilidosa, coragem, presença de espírito e poder de decisão, também devemos esperar de um analista um treinamento totalmente psicanalítico e muito sério de sua própria personalidade, antes de desejarmos confiar um paciente a ele.

Eu chegaria mesmo a ponto de dizer que a aquisição e a prática da técnica psicanalítica pressupõe não somente um dom psicológico específico, porém, antes de tudo, uma preocupação séria com a moldagem do próprio caráter. (79)



O objeto da terapia não é a neurose, mas o homem que a tem. Há muito tempo sabemos, por exemplo, que uma neurose nervosa cardíaca não vem do coração, como queria a antiga mitologia médica, mas da mente do paciente. E nem vem de algum recanto obscuro do inconsciente, como muitos psicoterapeutas ainda tentam acreditar; ela vem da totalidade da vida de um homem e de todas as experiências que se acumularam durante anos e décadas, e, finalmente, não vem meramente de sua vida como um indivíduo, mas de sua experiência psíquica dentro da família ou mesmo do grupo social. (75)



Um analista somente pode ajudar o seu paciente até o ponto que ele próprio tenha alcançado, e nem um passo mais. Na minha prática, desde o princípio tive de lidar com pacientes que tinham ficado “empacados” na sua análise anterior, coisa que sempre acontecia no ponto em que o próprio analista não era capaz de progredir mais. (68)



Infelizmente muitos de nós falamos de um homem somente como seria desejável que ele fosse, e nunca sobre o homem como realmente é. Entretanto, o médico tem sempre de lidar com o homem real, que permanece obstinadamente ele próprio até que todos os lados da sua realidade sejam reconhecidos. A verdadeira educação pode começar somente a partir da realidade nua, e não a partir de um ideal ilusório. (81)



Não podemos exigir de nossos pacientes uma fé que eles rejeitam por não entendê-la, ou que não lhes serve, muito embora nós próprios a tenhamos. Temos de confiar nos poderes de cura inerentes à própria natureza do paciente, sem levar em conta se as idéias que emergem

concordam com qualquer credo ou filosofia conhecidos. (69)



O pequeno mundo da criança, o meio familiar, é o modelo para o grande mundo. Quanto mais intensamente a família imprime a sua marca na criança, tanto mais emocionalmente ela será, na idade adulta, inclinada a ver no grande mundo o seu antigo pequeno mundo. Isto, naturalmente, não deve ser tomado como um processo intelectual consciente. Ao contrário, o paciente sente e vê a diferença entre o tempo antigo e agora, e também tenta adaptar-se. Talvez chegue até a acreditar que esteja perfeitamente adaptado, já que pode ser capaz de apreender a situação intelectualmente, no entanto isso não impede que as suas emoções fiquem bem atrasadas, em relação à sua intuição intelectual. (79)



Nenhum psicoterapeuta deveria deixar de ter a reserva natural que impede as pessoas de assumirem uma atitude arrogante em relação aos mistérios que não entendem, espezinhandoos. Essa reserva permitirá ao psicanalista uma retirada oportuna, ao encontrar o mistério da diferença entre o paciente e ele próprio, evitando o perigo – que infelizmente é demasiado real – de cometer um assassinato psíquico em nome da terapia.

Pois a causa última de uma neurose é algo *positivo* que precisa ser conservado para o paciente; de outra forma este sofre uma perda psíquica e o resultado do tratamento é, na melhor das hipóteses, uma cura defeituosa. (68)



É presunçoso pensar que podemos sempre dizer o que é bom ou mau para o paciente. Talvez ele conheça algo que é realmente mau, mas o pratica, de qualquer forma, e por isso tem uma consciência má. Do ponto de vista terapêutico, ou seja, empírico, isto pode ser realmente muito bom para ele. Talvez ele *tenha* de experimentar o poder do mal e sofrer por ele, pois somente dessa maneira poderá abandonar a sua atitude farisaica em relação a outras pessoas.

Talvez o destino ou o inconsciente ou Deus – como se quiser chamar – tenha de lhe dar um golpe severo e fazê-lo rolar na lama, porque somente essa experiência tão drástica poderá atingi-lo, liberá-lo de seu infantilismo e torná-lo mais amadurecido. Como pode alguém descobrir o quanto necessita ser salvo, se tem certeza de que não há nada de que necessite ser salvo? (33)



O que chamamos de técnica de se lidar com a sombra é uma questão muito difícil e importante. Aliás, não há técnica alguma, uma vez que técnica significa que há um modo conhecido e talvez até mesmo passível de prescrição para se lidar com uma certa dificuldade ou tarefa.

Não há, por exemplo, uma técnica particular capaz de nos ajudar a reconciliar dois partidos políticos opostos. Pode ser uma questão de boa vontade ou de habilidade diplomática

ou guerra civil ou qualquer outra coisa. Quando se fala de uma técnica qualquer, ela consiste unicamente em uma atitude. Em primeiro lugar, temos de aceitar e levar seriamente em conta a existência da sombra. Em segundo lugar, é necessário estar informado sobre as suas qualidades e intenções. Em terceiro, serão inevitáveis negociações longas e difíceis. (3)



Todo aquele cujo chamado é para guiar almas deveria em primeiro lugar ter a sua própria alma guiada, para que saiba o que significa tratar com a alma humana. Conhecer a sua própria escuridão é o melhor método para lidar com a escuridão de outras pessoas. Embora seja indispensável estudar, isso não será de muito auxílio. Entretanto, ajudaria muito ter uma intuição pessoal dos segredos da alma humana. De outra forma, tudo permanecerá como um inteligente truque intelectual que consistirá em palavras vazias e conduzirá a uma conversa vazia. Você pode tentar descobrir o que quero dizer nos meus livros, e se você tiver um amigo íntimo tente olhar por trás do seu anteparo, para descobrir a si mesmo. Esse seria um bom começo. (3)



Quando há uma rachadura em uma casa, toda ela é afetada e não somente a sua metade. A casa não é mais confiável como antes. Um construtor consciencioso não tenta convencer o proprietário de que os cômodos que estão de cada lado da rachadura ainda estão em uma condição excelente, mas começará a trabalhar na rachadura, tentando formas e meios de consertá-la. A mobília esplêndida e cara dos cômodos somente o interessará à medida que estiver decidido a salvar os aposentos. Ele não tem tempo de ficar andando e admirando o mobiliário, exclamando que é o mais bonito do mundo, enquanto houver uma rachadura nas vigas.

Como médico, estou interessado em somente uma coisa: como pode o ferimento ser curado? (3)



Quando um paciente se queixa de que sabe exatamente o que tem de fazer, eu digo: “Bem, você está na posição de qualquer pessoa que sabe o que tem a fazer”. Ele tem então de começar a trabalhar para fazer pelo menos o mínimo e para descobrir como deve fazê-lo. Não haveria dificuldade alguma na vida se a gente soubesse sempre antecipadamente como fazer uma coisa. A vida é alguma espécie de arte e não um trilho reto ou um produto pré-fabricado que se possa encontrar em cada esquina. (3)



Há uma coisa notável na psicoterapia: não se pode aprender qualquer receita de cor e aplicá-la depois mais ou menos apropriadamente, porém pode-se curar somente a partir de um ponto central, que consiste em entender o paciente como um todo psicológico e aproximar-se dele como um ser humano, deixando de lado qualquer teoria e ouvindo com atenção o que quer que seja que ele tenha a dizer. Até mesmo uma discussão pode operar maravilhas. Naturalmente,

é essencial para o psicoterapeuta ter um bom conhecimento de si próprio, pois aquele que não conhece a si próprio não pode entender os outros e não pode nunca ser eficiente psicoterapeuticamente, a menos que tenha primeiro tratado a si próprio com o mesmo remédio. (3)



Algumas vezes estamos aparentemente muito conscientes de nossas projeções, embora não conheçamos toda a sua extensão. E aquela porção da qual não estamos conscientes permanece inconsciente e ainda aparece como se pertencesse ao objeto. Isso acontece freqüentemente na prática analítica.

Dizemos, por exemplo: “agora, veja bem, você está simplesmente projetando a imagem do seu pai naquele homem, ou em mim próprio”, e assumimos que esta seja uma explicação perfeitamente satisfatória e muito suficiente para dissolver a projeção. Satisfatória para o médico, talvez, mas não para o paciente. Porque, se houver ainda algo a mais naquela projeção, o paciente continuará a projetar. (4)



É óbvio que durante a sua prática um médico conhecerá pessoas que terão um grande efeito sobre ele próprio. Ele encontra personalidades que nunca provocam o interesse do público, mas que, no entanto, ou por isso mesmo, possuem qualidades incomuns, ou ainda pessoas cujo destino é passar por um número de acontecimentos e desastres sem precedentes.

Algumas vezes são pessoas de extraordinário talento, que poderiam bem inspirar uma outra pessoa a dar a sua vida por elas; mas esses talentos podem ser implantados em uma disposição psíquica tão estranhamente desfavorável que não podemos dizer se é uma questão de gênio ou de desenvolvimento fragmentário.

Freqüentemente também, nesse solo pouco provável, florescem raros brotos da psique que nunca pensaríamos encontrar nas planícies da sociedade. Uma relação íntima é necessária para que a psicoterapia seja efetiva; tão íntima que o médico não possa fechar seus olhos às alturas e às profundidades do sofrimento humano.

Este relacionamento consiste, afinal, em comparação constante e em mútua compreensão no confronto dialético de duas realidades psíquicas opostas. Se por alguma razão essas impressões mútuas não coincidem, o processo psicoterapêutico permanecerá ineficiente e nenhuma mudança será produzida. Nenhuma solução será descoberta, a menos que tanto o médico como o paciente tornem-se um problema um para o outro. (6)



O maior feito de Freud consistiu provavelmente em levar a sério os pacientes neuróticos e penetrar na sua psicologia individual especial. Ele teve coragem para deixar o caso material falar por si próprio e dessa maneira foi capaz de penetrar na psicologia real de seus pacientes. Por assim dizer, ele via com os olhos dos pacientes e assim atingia um entendimento mais profundo da doença mental do que fora possível até aquela época. Sob este aspecto ele era

corajoso e livre e teve sucesso ao suplantar uma grande quantidade de preconceitos.

Como um profeta do Velho Testamento, assumiu a tarefa de derrubar deuses falsos, de rasgar os véus de um montão de desonestidades e hipocrisias, expondo sem piedade a podridão da psique contemporânea. Ele não esmoreceu em face da impopularidade acarretada por esse seu empreendimento. O ímpeto que deu à nossa civilização veio da sua descoberta de uma avenida para o inconsciente.

Considerando os sonhos como a mais importante fonte de informações relativas aos processos inconscientes, ele devolveu à humanidade um instrumento que parecia irremediavelmente perdido. Demonstrou empiricamente a presença de uma psique inconsciente que até então existira somente como um postulado filosófico. (6)



Juntamente com o paciente eu me dirijo ao homem de dois milhões de anos que há em todos nós. Em última análise, a maior parte de nossas dificuldades vêm da perda de contato com nossos instintos, com a inesquecível sabedoria milenar guardada dentro de nós. E onde é que fazemos contato com este homem arcaico em nós? Em nossos sonhos. (9)



Nunca aplique qualquer teoria, mas sempre pergunte ao paciente como ele se sente sobre as imagens dos seus sonhos. Porque os sonhos são sempre sobre um problema particular do indivíduo, sobre o qual ele tem um falso juízo consciente. Os sonhos são a reação à nossa atitude inconsciente, da mesma forma como o corpo reage quando nós o aquecemos em demasia, ou quando não comemos o suficiente, ou quando o maltratamos de qualquer outra maneira. Os sonhos são a reação natural do sistema psíquico auto-regulador. (4)



Sempre encontramos no paciente um conflito que até certo ponto está relacionado com os grandes problemas da sociedade. Por isso, quando a análise atinge esse ponto o conflito aparentemente individual do paciente revela-se como um conflito universal do seu meio e da sua época.

A neurose não é senão uma tentativa individual, embora fracassada, de resolver um problema universal: na verdade não pode ser de outra forma, pois um problema geral, uma “questão”, não existe em si, mas somente nos corações dos indivíduos. (4)



Não podemos mudar alguma coisa se antes não a aceitarmos. A condenação não libera, oprime. Eu sou o opressor da pessoa que condeno, e não o seu amigo, e nem o seu companheiro de sofrimento. Mas não quero absolutamente dizer que não devemos nunca julgar quando desejamos ajudar e provocar uma melhora. Se o médico deseja ajudar um ser humano deve ser capaz de aceitá-lo como ele é. E pode fazer isso na realidade quando já viu e aceitou a si próprio como é. (64)



A cura somente é alcançada a partir do que leva o [indivíduo] além de si mesmo e além dos seus enredamentos no ego. (49)



Quando estou tratando de alguém, devo ter um cuidado extremo para não nocauteá-lo com meus pontos de vista ou minha personalidade, pois ele tem de travar a sua batalha solitária através da vida e deve ser capaz de confiar na sua talvez muito incompleta armadura e no seu próprio e talvez muito imperfeito objetivo.

Quando digo “isto não é bom e deve ser melhor”, eu o privo da sua coragem. Ele deve arar o seu campo com um arado que talvez não seja bom; o meu poderia ser melhor, mas de que lhe serve isso? Ele não tem o meu arado. Eu o tenho, entretanto, ele não pode pedi-lo emprestado. Deve usar os seus próprios instrumentos, provavelmente muito incompletos, e tem de trabalhar com as suas próprias capacidades congênitas, sejam elas quais forem. (5)



Na nossa época, que valoriza tanto a socialização do indivíduo porque uma capacidade especial de adaptação é também necessária, a formação de grupos orientados psicologicamente é certamente mais importante do que nunca. Porém, tendo em vista a notória tendência das pessoas para se apoiarem em outras e agarrarem-se a vários *ismos* em vez de procurarem segurança e independência nelas próprias, coisa que seria o requisito primordial, há o perigo de que o indivíduo identifique o grupo com figuras de pai e mãe e assim permaneça tão dependente, inseguro e infantil como antes. Ele pode tornar-se socialmente adaptado, no entanto, o que acontece com a sua individualidade que é a única capaz de dar sentido ao tecido social?

Eu cheguei às seguintes conclusões:

1. A terapia de grupo é indispensável para a educação do ser humano social.
2. Ela não substitui a análise individual.
3. As duas formas de psicoterapia são complementares.
4. O perigo da terapia grupal é o de se ficar parado no plano coletivo.
5. O perigo da análise individual é o de se negligenciar a adaptação social. (3)



Um ditado antigo diz: “Se o homem errado usar os meios certos, os meios certos operarão de uma forma errada”. Este ditado chinês, infelizmente verdadeiro demais, estabelece um contraste agudo para nossa crença no método “certo”, independentemente da pessoa que o aplica.

Na realidade, tudo depende da pessoa e pouco ou nada do método. (84)

RELIGIÃO, MITO E FILOSOFIA

Você pode imaginar um verdadeiro profeta ou salvador nestes dias de televisão e reportagens? Em poucas semanas ele morreria, devido à sua própria popularidade. (3)



Tudo o que se refere à religião, tudo o que ela é e afirma, toca a alma humana tão intimamente que a psicologia, menos que todas as outras coisas, pode desconsiderá-la. (53)



Deus sempre fala mitologicamente. (3)



Quem quer que fale da realidade da alma ou da psique é acusado de “psicologismo”. Fala-se da psicologia como se fosse “somente” psicologia e nada mais. A idéia de que pode haver fatores psíquicos que correspondam às figuras divinas é vista como uma desvalorização delas. Cheira a blasfêmia pensar que uma experiência religiosa é um processo psíquico; pois, como dizem, uma experiência religiosa “não é *somente* psicológica”. Algo psíquico é somente Natureza e, portanto, como pensam, nada de religioso pode vir dele.

Ao mesmo tempo tais críticas não hesitam nunca em derivar todas as religiões – com exceção da sua própria – da natureza da psique. (58)



Até agora as mitologias sempre se valeram de idéias solares, lunares, meteorológicas, vegetais e outras similares. O fato de que os mitos são antes de tudo e principalmente fenômenos psíquicos que revelam a natureza da alma, é algo que tem sido absolutamente recusado até agora. O homem primitivo não tem muito interesse em explicações objetivas do óbvio, mas tem uma necessidade imperiosa – ou antes, a sua psique inconsciente tem um impulso irresistível – de assimilar todas as experiências sensoriais externas a eventos psíquicos internos.

Não basta ao primitivo ver o sol surgir e se pôr; essa observação externa tem de ser simultaneamente um acontecimento psíquico: o sol, no seu curso, deve representar o destino de um Deus ou de um herói que, em última análise, somente habita na alma do homem.

Todos os processos mitologizados da natureza, tais como verão e inverno, as fases da lua, as estações chuvosas e assim por diante, não são de maneira alguma alegorias dessas ocorrências objetivas. São antes expressões simbólicas do drama interior, inconsciente, da psique, que se torna acessível ao inconsciente do homem por meio da projeção – isto é, espelhado nos eventos da natureza. (19)



Para que serve uma religião sem uma mitologia, uma vez que religião significa, se é que significa algo, precisamente a função que nos liga retrospectivamente ao mito eterno? (17)



A palavra “crença” é difícil para mim. Eu não creio. Eu devo ter um motivo para uma determinada hipótese. Ou eu *sei* uma coisa, e então se eu a sei, não necessito crer nela. (7)



Por maior que seja o valor do Zen Budismo para se entender o processo religioso transformador, é muito problemático o seu uso entre os povos ocidentais. A educação mental necessária para o Zen falta no Ocidente. Quem de nós colocaria uma confiança tão implícita em um Mestre superior e nos seus incompreensíveis métodos?

O respeito pela maior personalidade humana só é encontrado no Oriente. Poderia algum de nós se vangloriar de acreditar na possibilidade de uma experiência ilimitada, paradoxal, de transformação, e o que é mais, de sacrificar muitos anos da sua vida à cansativa procura de tal objetivo?

E finalmente quem ousaria assumir autoridade por tal experiência não-ortodoxa de transformação – a não ser um homem pouco confiável, um que, talvez por motivos patológicos, tenha demasiado a dizer por si mesmo? Tal pessoa não teria motivo para se queixar de falta de seguidores, entre nós.

Mas basta um “Mestre” dar-nos uma tarefa difícil, que requeira mais do que simples papaguear, para que o europeu comece a ter dúvidas, pois o íngreme caminho do autodesenvolvimento é para ele tão lamentável e sombrio como o caminho para o inferno. (77)



Por que a psicologia é a mais nova das ciências empíricas? Por que nós não descobrimos há mais tempo o inconsciente e não levantamos o tesouro de suas eternas imagens? simplesmente porque tínhamos uma fórmula religiosa para tudo o que era psíquico – e uma que é muito mais bela e compreensível do que a experiência imediata. Embora a visão cristã do mundo tenha se enfraquecido para muitas pessoas, os tesouros simbólicos do Oriente estão ainda cheios de maravilhas, que podem alimentar durante muito tempo ainda a paixão pelo show e por novas roupas.

Ainda mais que essas imagens – cristãs ou budistas ou o que quer que sejam – são encantadoras, misteriosas e ricamente intuitivas. Naturalmente, quanto mais estivermos familiarizados com elas mais elas parecerão envernizadas pelo uso constante, de modo que o que permanece é somente banal superficialidade e paradoxo sem sentido. (19)



O mito do herói... é antes de tudo e principalmente uma auto-representação do desejo do inconsciente, do seu desejo insaciado e insaciável pela luz da consciência. Mas a consciência, continuamente ameaçada pelo perigo de ser desviada pela sua própria luz e de tornar-se um

capricho desenraizado, aspira pelo poder curativo da Natureza, pelos profundos poços do ser e pela inconsciente comunhão com a vida em todas as suas inumeráveis formas. (78)



O homem moderno já ouviu falar demasiado de culpa e pecado. Ele é demasiado atormentado pela sua própria máconsciência e prefere saber como pode melhor se reconciliar com a sua própria natureza: como poderá amar o seu inimigo com todo o seu coração e chamar o lobo de seu irmão. (64)



A reverência pelos grandes mistérios da natureza, que a linguagem da religião procura expressar em símbolos venerados pela sua antiguidade, pelo seu profundo significado e pela sua beleza, não será prejudicada pela extensão da psicologia a este campo, ao qual a ciência até hoje não encontrou acesso. Nós somente mudamos um pouco os símbolos, espalhando alguma luz nos seus recessos mais escuros, mas sem sucumbir à errônea idéia de termos criado mais do que meramente um novo símbolo para o mesmo enigma que deixou perplexas todas as épocas que nos antecederam. (56)



A abordagem psicológica é provavelmente tudo o que nos foi deixado hoje para conseguirmos entender matérias religiosas. É por isso que eu pego todas essas formas-pensamento que foram fixadas historicamente, tento misturá-las novamente e despejá-las em moldes de experiência imediata. É certamente uma tarefa difícil descobrir conexões entre o dogma e a experiência imediata de arquétipos psicológicos, mas um estudo dos símbolos naturais do inconsciente dá-nos a matéria-prima necessária. (60)



Os deuses da Grécia e de Roma morreram da mesma doença que matou os nossos símbolos cristãos: as pessoas descobriram naquele tempo, como hoje, que não pensavam absolutamente nada sobre eles. Por outro lado, os deuses dos estrangeiros ainda tinham um carisma inexaurível. Os seus nomes eram estranhos e incompreensíveis e os seus feitos espantosamente sombrios – algo bem diferente da desgastada *chronique scandaleuse* do Olimpo.

Pelo menos os símbolos asiáticos eram incompreensíveis, motivo pelo qual não eram banais como os deuses convencionais. O fato de as pessoas aceitarem o novo sem pensar, assim como tinham rejeitado o que era velho, não era um problema naquele tempo. Será que é um problema hoje?

Seremos nós capazes de endossar, como se fossem roupas novas, símbolos pré-fabricados crescidos em solo estrangeiro, saturados de sangue estrangeiro, expressos em uma língua estrangeira, alimentados por uma cultura estrangeira, entrelaçados com uma história estrangeira, parecendo assim um mendigo que se enrola em uma roupa de rei, ou um rei que se disfarça como um mendigo?

Isto é possível, sem dúvida alguma. Ou haverá algo em nós que nos ordene não aceitar mascaradas, e talvez coser nossas próprias vestimentas? (19)



Quem quer que tenha perdido os símbolos históricos e não possa se satisfazer com substitutos, certamente estará hoje em uma posição muito difícil: diante dele abre-se o vácuo e ele foge dele, horrorizado. O que é pior é que o vácuo se enche com idéias políticas e sociais absurdas, todas elas caracterizadas pela sua fraqueza espiritual. Mas se ele não consegue agüentar esses dogmatismos pedantes, parece estar forçado a encarar com seriedade, pelo menos uma vez, a sua pretensa confiança em Deus, embora aconteça em geral que o seu medo de que as coisas saiam erradas se ele assim proceder seja ainda mais persuasivo. (17)



Não são as tempestades, e nem o trovão e o raio, nem a chuva e as nuvens que permanecem como imagens na psique, mas sim as fantasias causadas pelos efeitos que provocam. Vivi uma vez a experiência de um violento terremoto e o primeiro e imediato sentimento que tive foi o de que não estava mais na terra sólida e familiar, porém sobre a pele de um animal gigantesco que se sacudia violentamente sob meus pés. Foi essa imagem que ficou impressa em mim e não o fato físico. As maldições do homem contra tempestades devastadoras, o seu terror dos elementos desencadeados – esses efeitos antropomorfizam a paixão da natureza, e o elemento meramente físico transforma-se em um Deus enraivecido. (76)



Não é uma surpresa para mim que a psicologia deságüe na filosofia, pois o pensamento subjacente à filosofia é, afinal, uma atividade psíquica que, como tal, é o estudo apropriado da psicologia. Sempre penso que a psicologia abrange o todo da psique e inclui a filosofia e a teologia, e muitas outras coisas. Porque por baixo de todas as filosofias e religiões estão os fatos da alma humana que podem, em última análise, ser os árbitros da verdade e do erro. (31)



O mundo físico e o mundo perceptível são duas coisas muito diferentes. Sabendo disso não nos sentimos absolutamente encorajados a pensar que o quadro metafísico do mundo corresponda à realidade transcendental. Além disso, as afirmações feitas sobre esta última são tão infinitamente variadas que com a melhor das intenções não podemos saber quem está certo.

As religiões sectárias reconheceram isso há muito tempo e, por conseguinte, cada uma delas proclama ser a única verdadeira e, além disso, que não somente a sua verdade é uma verdade humana, mas sim diretamente inspirada e revelada por Deus. Cada teólogo fala simplesmente de “Deus”, querendo com isso dizer que deve ser entendido que o seu “deus” é o Deus. Mas enquanto um fala do Deus paradoxal do Velho Testamento, outro fala do Deus do Amor encarnado ou um terceiro do Deus que tem uma noiva celestial, e assim por diante, e cada qual critica o outro, no entanto nunca a si próprio. (41)



Embora o verdadeiro momento da conversão freqüentemente pareça completamente súbito e inesperado, sabemos por experiência própria que essa revolução fundamental sempre requer um longo período de incubação. Somente quando esta preparação está completa, isto é, quando o indivíduo está maduro para a conversão, é que a nova intuição irrompe com violenta emoção.

Saulo, como ele então se chamava, inconscientemente fora um cristão durante muito tempo, o que explicaria o seu ódio fanático dos cristãos, pois o fanatismo é sempre encontrado nos que têm de abafar uma dúvida secreta. É por isso que os convertidos são sempre os piores fanáticos. (55)



As pessoas que simplesmente acreditam e não pensam, sempre esquecem que continuamente estão se expondo ao seu pior inimigo: a dúvida. Onde quer que reine a fé, a dúvida espia ao fundo. Mas as pessoas que pensam acolhem bem a dúvida; ela lhes serve como um valioso meio de acesso a um melhor conhecimento. As pessoas que podem crer deveriam ser um pouco mais tolerantes em relação aos seus companheiros que somente são capazes de pensar. A fé já conquistou o cume ao qual o que pensa tenta chegar por um difícil acesso. O crente não deveria projetar o seu inimigo habitual, a dúvida, sobre o pensador, suspeitando-o de projetos destrutivos. (53)



Quanto mais inconscientes formos do problema religioso do futuro, maior será o perigo de usarmos o divino germe que há dentro de nós de uma maneira ridícula ou demoníaca, enchendo-nos de orgulho em vez de permanecermos conscientes de que não somos mais do que o estábulo no qual o Senhor nasceu. (53)



O que são necessárias são umas poucas verdades iluminadoras, mas não artigos de fé. Onde opera uma verdade inteligível, ela encontra na fé um aliado complacente; pois a fé sempre ajuda quando o pensamento e o entendimento não conseguem alcançar o topo da íngreme subida. O entendimento não é nunca o servidor da fé – ao contrário, a fé completa o entendimento. Instruir pessoas para uma fé que não compreendem é certamente uma tarefa bem-intencionada, mas corre-se o risco de criar uma atitude de acreditar em tudo o que não se entende. (53)



A teologia não ajuda as pessoas que estão procurando uma chave [para o conhecimento], porque ela requer fé, e a fé não pode ser fabricada. Em seu verdadeiro sentido é um dom da graça. Nós, modernos, confrontamo-nos com a necessidade de redescobrir a vida do espírito; devemos experimentá-la de novo, por nós próprios. Esse é o único caminho para se quebrar o encanto que nos amarra ao ciclo dos eventos biológicos. (30)



Enquanto a religião é somente fé e forma exterior, e a função religiosa não é experimentada em nossa própria alma, nada importante aconteceu. É preciso ainda que seja entendido que o *mysterium magnum* não é somente uma realidade, mas que em primeiro lugar e principalmente está enraizado na psique humana. O homem que não sabe disso pela sua própria experiência, mesmo que seja um teólogo dos mais sábios, não tem idéia da religião e menos ainda da educação. (58)



A fé não é um substituto adequado da experiência íntima; e quando esta está ausente, até mesmo uma forte fé, que veio milagrosamente como um dom da graça, pode acabar, de uma forma igualmente milagrosa. As pessoas chamam a verdadeira experiência religiosa de fé, porém não param para considerar que na verdade este é um fenômeno secundário derivado do fato de que algo nos aconteceu, em primeiro lugar, que instilou *pistis* em nós – isto é, confiança e lealdade. (82)



A experiência religiosa é absoluta; não pode ser discutida. Podemos apenas dizer que nunca tivemos tal experiência, enquanto o nosso opositor replica: “Desculpe, mas eu tive”. E aí a discussão terminará. (60)



A mentalidade primitiva não *inventava* mitos, *experimentava-os*. Mitos são revelações originais da psique pré-consciente, declarações involuntárias sobre acontecimentos psíquicos inconscientes, e qualquer coisa assim, menos alegorias de processos físicos.

Tais alegorias seriam um passatempo para um intelecto não científico. Os mitos, ao contrário, têm um significado vital. Não somente representam, mas *são* a vida mental da tribo primitiva, que imediatamente se deteriora e desintegra quando perde a sua herança mitológica, como um homem que perdeu a sua alma. A mitologia de uma tribo é a sua religião viva, cuja perda é sempre e em qualquer lugar, mesmo entre os civilizados, uma catástrofe moral. Mas a religião é uma ligação vital com o processo psíquico, independentemente e além da consciência, no escuro interior da psique. (62)



Sentimentalidade religiosa em vez do *numinosum* da divina experiência: esta é a característica bem conhecida de uma religião que perdeu o seu mistério vital. Pode ser facilmente entendido como esse tipo de religião é incapaz de dar uma ajuda ou ter qualquer outro efeito moral. (60)



Estou convencido de que o crescente empobrecimento dos símbolos tem um significado. É um desenvolvimento que tem uma consistência interior. Tudo sobre o que não pensamos, e que, portanto, foi privado de uma conexão significativa com a nossa consciência em desenvolvimento, perdeu-se. Agora, se tentarmos cobrir a nossa nudez com os brilhantes ornamentos do Oriente, como fazem os teosofistas, estaremos representando a nossa própria história falsa. Um homem não afunda na mendicância somente para mais tarde posar como um potentado indiano.

Parece-me que seria muito mais consistente confessar a nossa pobreza espiritual, a nossa deficiência de símbolos, em vez de fingir que temos um legado do qual não somos absolutamente os herdeiros legítimos. Certamente somos os herdeiros de direito do simbolismo cristão, mas de alguma forma desperdiçamos essa herança. Deixamos que a casa construída pelos nossos pais se deteriorasse, e agora tentamos entrar em palácios orientais que os nossos pais nunca conheceram. (19)



A história do protestantismo foi a de uma iconoclastia crônica. As paredes ruíram, uma após a outra. E o trabalho de destruição não foi muito difícil, já que a autoridade da Igreja fora fragmentada. Todos nós sabemos como tanto nas coisas maiores como nas pequenas, nas gerais como nas particulares, peça após peça ruiu, e como a alarmante pobreza de símbolos que agora é a condição de nossa vida, aconteceu.

Com isso o poder da Igreja também desapareceu – uma fortaleza despojada de seus bastiões e casamatas, uma casa cujas paredes foram derrubadas, exposta a todos os ventos do mundo e aos seus perigos. Embora este seja, no verdadeiro sentido, um colapso lamentável que ofende o nosso sentido da história, a desintegração do protestantismo em quase quatrocentas seitas é, contudo, um sinal evidente de que a inquietação continua.

O protestante é lançado em um estado de desamparo que poderia fazer tremer o homem natural. A sua consciência iluminada recusa naturalmente tomar conhecimento desse fato e está lentamente procurando em todos os lugares o que foi perdido para a Europa. Procuramos as imagens eficientes, as formas de pensamento que satisfazem a inquietação dos corações e das mentes, e encontramos os tesouros do Oriente. (19)



Em um tempo no qual uma grande parte da humanidade está começando a descartar o cristianismo, pode valer a pena tentar entender em primeiro lugar porque ele foi aceito. Foi aceito como um meio de se escapar da brutalidade e da inconsciência do mundo antigo. Logo que o descartamos, a velha brutalidade retorna com força total, como ficou extremamente evidente nos eventos contemporâneos...

Tivemos uma experiência amarga do que acontece quando toda uma nação acha que a máscara moral é imbecil demais para ser conservada. A besta se desencadeia e um frenesi de desmoralização varre o mundo civilizado. (78)



A educação cristã fez tudo o que é humanamente possível; mas isso ainda não foi suficiente. Muito poucas pessoas tiveram a experiência da imagem divina como a mais íntima possessão de suas próprias almas. (58)



Os símbolos religiosos são fenômenos da vida. Fatos comuns e não opiniões intelectuais. Se a Igreja se ateuve durante tanto tempo à idéia de que o Sol girava em torno da Terra, para depois abandonar essa idéia no século XIX, ela pode sempre apelar para a verdade psicológica de que para milhões de pessoas o Sol realmente gira em torno da Terra e de que somente no século XIX foi que a maior parte da humanidade teve certeza suficiente da função intelectual para entender a prova da natureza planetária da terra. Infelizmente, não há “verdade”, a menos que haja pessoas para entendê-la. (58)



Entre a religião de um povo e o seu modo de vida real há sempre uma relação compensatória; de outra forma, a religião não teria absolutamente um significado prático. A começar pela religião altamente moral dos persas e a notória dubiedade – mesmo na Antiguidade – dos seus hábitos de vida, até a nossa época “cristã”, quando a religião do amor foi cúmplice do maior banho de sangue da história do mundo – esta regra prevalece onde quer que estejamos. (56)



À medida que o homem moderno está apaixonadamente mais preocupado com qualquer coisa, e com todas as coisas, do que com a religião e seu objeto primeiro – o pecado original – [essas coisas] quase desapareceram no inconsciente. É por isso que hoje ninguém acredita nelas. Acusa-se a psicologia de tratar de fantasias esquálidas e, no entanto, até mesmo um rápido olhar para as religiões antigas e para a história da moral deveria ser suficiente para nos convencer dos demônios escondidos na alma humana. Essa descrença caminha lado a lado com uma total incompreensão da religião e do seu significado. (78)



Os grandes acontecimentos do nosso mundo, planejados e executados pelo homem, não expressam o espírito do cristianismo, mas sim um paganismo total. Essas coisas se originam em uma condição psíquica que permaneceu arcaica e não foi nem remotamente tocada pelo cristianismo.

A Igreja assume, não totalmente sem razão, que o fato do *semel credidose* (tendo acreditado antes) deixou certos traços atrás de si; mas nada desses traços pode ser visto na ampla marcha de eventos. A civilização cristã provou ser vazia, até um ponto aterrador; é toda aparência, mas o homem interior permaneceu intocado, e portanto inalterável. Sua alma está em dissonância com as suas crenças externas; na sua alma, o cristão não se emparelhou com o seu desenvolvimento externo. Sim, tudo deve ser encontrado fora – na imagem e na palavra, na

Igreja e na Bíblia – e nunca dentro. Dentro, reinam os deuses arcaicos, tão supremos como antigamente. (58)



Todos nós que tivemos uma educação religiosa ficamos profundamente impressionados pela idéia de que o cristianismo entrou na história sem um passado histórico, como se fosse um relâmpago vindo de um céu límpido. Essa atitude era necessária, mas estou convencido de que não é verdadeira. Tudo teve a sua história, tudo “cresceu” e o cristianismo, que supostamente teria aparecido de súbito, como uma revelação única vinda do céu, indubitavelmente também teve a sua história.

Além disso, é tão claro como a luz do dia como ele começou. Não preciso falar das vestimentas dos padres, que foram emprestadas dos pagãos, pois as idéias fundamentais da Igreja Cristã também tiveram os seus predecessores. Mas houve uma solução de continuidade devida à unicidade do cristianismo. É exatamente como se houvéssemos construído uma catedral sobre um templo pagão e não soubéssemos mais que ele ainda está por baixo dela.

O resultado é que a correspondência íntima com a imagem exterior de Deus não se desenvolve, pela falta de cultura psíquica, tendo ficado presa no paganismo. (20)



As imagens arquetípicas são tão carregadas de significado em si próprias que nunca se pensa em perguntar o que elas realmente significam. O fato de os deuses morrerem de tempos em tempos deve-se à súbita descoberta pelo homem de que eles não significam nada, que são fabricados por mãos humanas, que são ídolos inúteis de madeira e de pedra. Na realidade, o homem simplesmente descobriu que até então ele nunca pensara nas suas imagens. (19)



Durante milhares de anos a mente do homem preocupouse com a doença da alma, talvez até muito tempo antes do que o fez com o corpo doente. A propiciação dos deuses, os riscos da alma e a sua salvação, não são problemas de ontem. As religiões são sistemas psicoterapêuticos no sentido mais verdadeiro da palavra e no seu maior nível. Elas expressam toda a gama de problemas psíquicos em imagens poderosas; elas são a declaração e o reconhecimento da alma, e ao mesmo tempo a revelação da sua natureza. Nenhuma alma humana está separada desse fundamento universal; somente a consciência individual que perdeu a sua conexão com a totalidade psíquica fica presa na ilusão de que a alma é uma pequena área circunscrita, um objeto adequado para a teorização “científica”. A perda desse grande relacionamento é o mal fundamental da neurose. (75)



Os meios e os costumes da infância, que já foram tão sublimemente bons, dificilmente podem ser abandonados mesmo quando os seus danos foram há muito provados. A mesma coisa, porém numa escala gigantesca, é verdadeira nas históricas mudanças de atitudes. Uma atitude

coletiva é equivalente a uma religião e mudanças de religião constituem um dos capítulos mais penosos da história do mundo. Sob este aspecto, a nossa época é afligida de uma cegueira sem paralelos.

Pensamos que basta somente declarar incorreto e inválido um artigo aceito da fé para ficarmos psicologicamente livres de todos os efeitos tradicionais do cristianismo ou do judaísmo. Acreditamos no iluminismo como se uma mudança intelectual de frente de batalha de alguma forma tivesse uma influência mais profunda nos processos emocionais ou mesmo no inconsciente. Esquecemos completamente que a religião, pelo menos a dos últimos dois mil anos, é uma atitude psicológica, uma forma definida e uma maneira, ou uma adaptação ao mundo exterior e interior, que estabelece um padrão cultural definido e cria uma atmosfera que permanece totalmente não influenciada por quaisquer negações intelectuais. (56)



Certamente você sabe o que dizem, que a oração não somente é muito importante, mas também tem um grande efeito sobre a psicologia humana. Se tomar o conceito de oração no seu sentido mais amplo e incluir também a contemplação budista e a meditação hindu (como equivalentes da oração), poderá dizer que ela é a forma mais universal de concentração religiosa ou filosófica da mente, e assim é não somente um dos mais originais, mas também mais freqüentes meios de mudar as condições da mente. Se este método psicológico fosse ineficiente, teria sido extinto há muito tempo, mas ninguém que tenha uma certa quantidade de experiência humana poderá negar a sua eficácia. (3)



O fanatismo é sempre um sinal de uma dúvida reprimida. Pode-se estudar isso na história da Igreja. Sempre nos tempos em que a Igreja começa a fraquejar, o seu estilo torna-se fanático, ou seitas fanáticas surgem, pois a dúvida secreta tem de ser extinta.

Quando se está realmente convencido, permanece-se perfeitamente calmo e capaz de discutir a própria crença como um ponto de vista pessoal, sem qualquer ressentimento especial. (5)



Podemos dizer que a introversão é o “estilo” do Oriente, uma atitude habitual e coletiva, assim como a extroversão é o “estilo” do Ocidente. A introversão é tida aqui como algo anormal, mórbido ou de qualquer outra forma objeccionável... No Oriente, no entanto, a nossa bem-amada extroversão é depreciada como uma coisa desejavelmente ilusória. (28)



Nós ocidentais soubemos somente domar e dominar a psique; não conhecemos nada sobre o seu desenvolvimento metódico e suas funções. A nossa civilização é ainda jovem e como tal necessita de todas as artes do domador de animais para tornar o bárbaro desafiador e o selvagem que há em nós mais ou menos tratável. Mas em um nível cultural mais elevado, temos

de abandonar a compulsão e voltarmos para o autodesenvolvimento. (51)



Assim como o mundo inconsciente das imagens mitológicas fala indiretamente, por meio da experiência das coisas externas, àquele que se entrega totalmente ao mundo exterior, também o mundo real com suas exigências encontra seu caminho indiretamente no indivíduo que se entregou completamente à alma; pois ninguém pode escapar a ambas essas realidades. Se alguém atentar apenas para a realidade exterior, deverá viver o seu mito; se somente se voltar para a realidade interior, deverá sonhar a sua assim chamada vida exterior e real. (56)



Nós europeus não somos as únicas pessoas sobre a terra. Somos apenas uma península da Ásia e naquele continente há velhas civilizações em que as pessoas treinaram suas mentes na psicologia introspectiva durante milhares de anos, enquanto nós iniciamos a nossa psicologia nem mesmo ontem, mas somente nesta manhã. (5)



O que são religiões? São sistemas psicoterapêuticos. O que fazemos nós, psicoterapeutas? Estamos tentando curar o sofrimento da espécie humana, da psique humana ou da alma humana, e as religiões lidam com o mesmo problema. (5)



Tanto a tendência extrovertida do Ocidente como a introvertida do Oriente têm um único propósito importante em comum: ambas fazem esforços desesperados para conquistar a simples naturalidade da vida. É a afirmação da mente sobre a matéria – um sintoma da juventude do homem, que ainda está se deleitando no uso da mais poderosa arma já inventada pela natureza: a mente consciente. O período vespertino da humanidade, em um futuro distante, poderá, contudo, incluir um ideal diferente. Com o tempo até mesmo a conquista cessará de ser o sonho. (28)



O mero ato de iluminação pode ter destruído os espíritos da natureza, mas não os fatores psíquicos que correspondem a eles, tais como sugestibilidade, falta de crítica, destemor, propensão para a superstição e o preconceito – resumindo, todas essas qualidades que tornam possível a possessão [demoníaca].

Mesmo que a natureza tenha sido despsicologizada, as condições psíquicas que criam demônios estão trabalhando tão ativamente como sempre. Os demônios realmente não desapareceram, simplesmente assumiram uma outra forma: tornaramse inconscientemente forças psíquicas. (12)



Por uma inevitável imposição do destino, o Ocidente está se tornando familiarizado com os fatos peculiares à espiritualidade oriental. É inútil desvalorizar esses fatos ou construir pontes falsas e traiçoeiras sobre abismos escancarados. Em vez de aprender de cor as técnicas espirituais do Oriente, imitando-as de modo completamente [ocidental], seria muito mais certo descobrir se há no inconsciente uma tendência introvertida semelhante à que se tornou o princípio-guia espiritual do Oriente. Deveríamos, assim, nos capacitar para construir em nosso próprio terreno, com os nossos próprios métodos. Se roubarmos essas coisas diretamente do Oriente, estaremos apenas recaindo no nosso consumismo ocidental. (28)



Em cada uma dessas imagens mitológicas há um pouco de psicologia humana e de destino humano, um remanescente das alegrias e tristezas que se repetiram inúmeras vezes na nossa história ancestral, e que de maneira geral seguem sempre o mesmo curso. É como se houvesse na psique um leito de rio profundamente cavado, no qual as águas da vida, em vez de correrem como antes feito um riacho largo, mas raso, subitamente desaguassem em um rio importante.

Assim, não surpreende que ao ocorrer uma situação arquetípica, subitamente sintamos uma impressão extraordinária de alívio, como se tivéssemos sido transportados ou colhidos por um poder avassalador. Em tais momentos não somos mais indivíduos, mas a raça: a voz de toda a humanidade ressoa em nós. (46)

A NOSSA ALMA DIVINA: A FONTE DO MISTICISMO E DO PARANORMAL

Se considerarmos a psique em sua totalidade, chegaremos à conclusão de que é como se a psique inconsciente existisse em um *continuum* de espaço-tempo, no qual o tempo não é mais o tempo e o espaço não é mais o espaço. De acordo com isso, a causalidade também cessa. A física atingiu essa mesma fronteira. (3)



É um fato bem conhecido que em assuntos religiosos não podemos entender nada até os termos experimentado interiormente. (3)



Se não fosse provado pela experiência que os supremos valores residem na alma... não haveria o mínimo interesse na psicologia, porque a alma não seria então nada mais do que um vapor miserável. Sei, no entanto, por uma experiência repetida uma centena de vezes, que ela não é nada disso, mas que, ao contrário, contém os equivalentes de tudo o que foi formulado do dogma e muito mais ainda, o que permite que seja um olho destinado a conter a luz. Isto requer um alcance ilimitado e uma irresistível profundidade de visão. Tenho sido acusado de “divinizar a alma”. Não fui eu, mas o próprio Deus que a divizinou! (58)



Somente pela psique podemos estabelecer que Deus age sobre nós, mas somos incapazes de distinguir se essas ações emanam de Deus ou do inconsciente... Estritamente falando, a imagem-Deus não coincide com o inconsciente como tal, mas com um seu conteúdo especial, ou seja, o arquétipo do *self*. A partir desse arquétipo não podemos mais distinguir empiricamente a imagem-Deus.

Podemos postular arbitrariamente uma diferença entre essas duas entidades, porém isso absolutamente não nos ajuda. Ao contrário, só nos ajuda a separar o homem de Deus e impede que Deus se torne homem. A fé tem certamente razão quando imprime na mente e no coração do homem o quão infinitamente distante e inacessível Deus está; mas também ensina a sua proximidade, a sua presença imediata, e é justamente essa proximidade que tem de ser empiricamente real para não perder todo o seu significado.

Eu só reconheço como real e atual aquilo que age sobre mim. Quanto ao que não age sobre mim, bem poderia não existir. A necessidade religiosa deseja a totalidade; em razão disso, apodera-se das imagens de totalidade oferecidas pelo inconsciente, as quais, independentemente da nossa mente consciente, surgem das profundidades de nossa natureza psíquica. (17)



Somente os místicos levam criatividade para a religião. (41)



Assim como a psique nas suas camadas inferiores perdese no substrato material-orgânico, também em suas camadas superiores ela se resolve em uma forma “espiritual”, da qual conhecemos tão pouco como da base funcional do instinto. (44)



Nós despimos todas as coisas do seu mistério e sobrenaturalidade: nada mais é sagrado. (4)



Eu não atribuo uma função religiosa à alma. Somente produzo os fatos que provam que a alma... possui uma atitude religiosa. Não invento ou insinuo essa função; ela se produz por si mesma sem ser provocada por quaisquer opiniões ou sugestões minhas.

Como uma ilusão verdadeiramente trágica, os teólogos deixam de ver que não se trata de provar a existência da luz, mas de cegos que não sabem que os seus olhos podem ver. É mais do que tempo de compreendermos que não tem sentido elogiar a luz e pregar, se ninguém pode ver. É muito mais necessário ensinar às pessoas a arte de ver.

Porque é obvio que um número demasiado grande de pessoas é incapaz de estabelecer uma conexão entre as figuras sacras e a sua própria psique: elas não podem ver até que ponto as imagens equivalentes permanecem adormecidas em seu próprio inconsciente. Para facilitar essa visão íntima precisamos primeiro abrir caminho para a faculdade de ver. Como isso pode ser feito em psicologia, isto é, sem fazer contato com a psique, francamente, está além da minha compreensão. (58)



Ter alma é toda a felicidade da vida, pois a alma é um espírito doador de vida, que representa o seu jogo mágico acima e abaixo da existência humana, razão pela qual – no domínio do dogma – ele é ameaçado e propiciado com bênçãos e castigos super-humanos que vão muito além dos limites humanos. O céu e o inferno são os destinos prometidos para a alma e não para o homem civilizado, o qual na sua nudez e timidez não teria idéia do que fazer consigo próprio em uma Jerusalém celestial. (19)



Quem quer que fale da realidade da alma ou da psique é acusado de “psicologismo”. Fala-se de psicologia como se fosse “somente” psicologia e nada mais. A idéia de que pode haver fatores psíquicos que correspondam às figuras divinas é vista como uma desvalorização destas. Cheira a blasfêmia pensar que uma experiência religiosa é um processo psíquico; pois, dizem, uma experiência religiosa “não é *somente* psicológica”. Qualquer coisa psíquica é somente Natureza e, portanto, pensam, nada de religioso pode sair disso.

Ao mesmo tempo, tais críticos nunca hesitam em derivar todas as religiões – com exceção da sua própria – da natureza da psique. (58)



Os ritos de iniciação durante milhares de anos vêm ensinando o renascimento a partir do espírito; no entanto, o homem está sempre esquecendo o significado da procriação divina, o que é bastante estranho. Embora esta seja uma prova fraca da fortaleza do espírito, a penalidade para o mau entendimento é a decadência neurótica, a amargura, a atrofia e a esterilidade. É bastante fácil expulsar o espírito, mas quando acabamos de fazer isso, a refeição perdeu o seu sabor – o sal da terra.

Felizmente, temos provas de que o espírito sempre renova a sua força no fato de que o ensinamento essencial das iniciações é passado de geração em geração. Sempre há seres humanos que entendem o que significa que Deus é o seu Pai. O equilíbrio da carne e do espírito não se perde para o mundo. (17)



O agnosticismo afirma que não possui qualquer conhecimento de Deus ou de algo metafísico, esquecendo o fato de que não se *possui* uma crença metafísica, mas se é *possuído* por ela. (17)



“Deus” é uma experiência primordial do homem e desde os tempos mais remotos a humanidade enfrentou as dificuldades mais inconcebíveis seja para retratar essa experiência desafiadora, para assimilá-la por meio da interpretação, da especulação ou do dogma, seja para negá-la. E sempre aconteceu e ainda acontece que se ouve falar demasiado sobre o “bom” Deus e sobre conhecê-lo bem demais, de tal modo que nos confundimos com as nossas próprias idéias e as consideramos sagradas pelo fato de elas poderem ser encontradas há uns dois mil anos. Esta é uma superstição e uma idolatria igualzinha à ilusão bolchevique de que “Deus” pode ser excluído da existência. (22)



Mas o próprio Deus não pode florescer quando a alma do homem está faminta. (86)



Não são os princípios éticos, por mais sublimes que sejam, ou os credos, por mais ortodoxos que sejam, que criam os fundamentos para a liberdade e para a autonomia do indivíduo, mas mera e unicamente a consciência empírica, a experiência irreversível de um relacionamento intensamente pessoal e recíproco entre o homem e uma autoridade extramundana que age como uma contrapartida para o “mundo” e para a sua “razão”. (82)



Seria um erro lamentável alguém assumir as minhas observações como uma espécie de prova da existência de Deus. Elas somente provam a existência de um Deus-imagem arquetípico, o que para mim é o máximo que podemos afirmar psicologicamente sobre Deus. (60)



A competência da psicologia como uma ciência empírica somente vai até estabelecer, baseada na pesquisa comparativa, se, por exemplo, a marca encontrada ns psique pode ou não ser racionalmente classificada como um “Deus-imagem”. Nada de positivo ou de negativo foi até aqui afirmado sobre a possível existência de Deus, assim como o arquétipo do “herói” não prova a existência real de um herói. (58)



A idéia da ordem moral e de Deus pertence ao substrato da alma humana, que não pode ser arrancado. É por isso que qualquer psicologia honesta, que não esteja cega pelos vistosos conceitos do Iluminismo, deve render-se a esses fatos. Eles não podem ser explicados e destruídos pela ironia.

Em última análise, podemos passar sem um Deus-imagem, mas na psicologia há um fato definido que deve ser assumido, assim como assumimos “afeto”, “instinto” e “mãe”. (31)



A idéia de Deus é uma função psicológica de uma natureza irracional e absolutamente necessária, que não tem nada absolutamente que ver com a questão da existência de Deus. O intelecto humano não pode nunca responder a essa questão, e muito menos dar qualquer prova sobre Deus. Além disso, tal prova é supérflua, pois a idéia de um Ser divino todo poderoso está presente em todos os lugares, consciente ou inconscientemente, porque é um arquétipo. (81)



Já me perguntaram tantas vezes se acredito na existência de Deus que estou um tanto preocupado em ser tomado por um adepto do “psicologismo” com muito mais freqüência do que suponho. O que a maioria das pessoas não percebe ou parece incapaz de compreender é o fato de que considero a psique como real. Essas pessoas acreditam somente em fatos físicos e, por conseguinte, devem chegar à conclusão de que o próprio urânio ou o equipamento laboratorial criou a bomba atômica. Coisa não menos absurda do que a afirmação de que uma psique não-real seja responsável por ela. Deus é um fato óbvio, psíquico e não-físico: isto é, um fato que pode ser estabelecido psiquicamente, mas não fisicamente. (17)



O erro materialista provavelmente era, no princípio, inevitável. Já que o trono de Deus não podia ser descoberto entre os sistemas galácticos, inferia-se que Deus nunca existira. O segundo erro inevitável é o psicologismo; se Deus é alguma coisa, deve ser uma ilusão derivada de

certos motivos – por exemplo, da vontade de poder ou da sexualidade reprimida.

Esses argumentos não são novos. Exatamente a mesma coisa era dita pelos missionários cristãos que destronaram os ídolos de deuses demoníacos. Mas enquanto os primitivos missionários estavam conscientes de servir um novo Deus combatendo os antigos, os iconoclastas modernos estão inconscientes daquele em cujo nome estão destruindo os velhos valores. (60)



Um dos discípulos do Buda perguntou-lhe uma vez por que todos os seus discípulos, embora redimidos, não possuíam os maravilhosos dons do quarto grau de contemplação: ou seja, sentar-se no ar, atravessar paredes, lembrar suas vidas passadas, ver coisas no futuro e tocar o sol e a lua. Buda tranqüilamente fez a mente do discípulo voltar-se para o caminho da redenção e permitiu que ele visse como era tolice pedir tais milagres. É isso o que o hindu superior pensa sobre os anseios dos iogues. (3)



A parapsicologia desempenha uma parte sutil na psicologia, pois espreita em todos os lugares, por trás da superfície das coisas. Mas, se é difícil apreender os fatos, o seu aspecto teórico é ainda mais fugidio, devido ao seu caráter transcendental. Quando algumas pessoas afirmam que é algo parecido com uma quarta dimensão, não parecem estar muito longe da verdade. (3)



Assim como qualquer função da consciência pode ser dirigida, controlada e diferenciada, a intuição também pode ser praticada e diferenciada. O fato de se poder perceber coisas que os nossos sentidos não permitiriam assumir, ou que o pensamento não permitiria inferir, constitui um problema adicional. Ele nos força a especular sobre a natureza do tempo e do espaço. O fato de a percepção extra-sensorial ser real, prova que tempo e espaço são psiquicamente relativos. O que significa que podem ser mais ou menos anulados. Se for esse o caso, será também possível o extremo em que o tempo e espaço absolutamente não existam. (3)



Se houvesse uma existência consciente após a morte, na minha opinião ela teria de continuar no nível de consciência atingido pela humanidade, o qual em qualquer época tem um limite superior, embora variável. Há muitos seres humanos que durante toda a sua vida e no momento da morte permanecem muito aquém das suas próprias potencialidades e – o que é ainda mais importante – atrasados em relação ao conhecimento que foi trazido à consciência por outros seres humanos, durante as suas próprias vidas. Onde o seu desejo de atingir na morte aquela parte de consciência que deixaram de conquistar na vida. (6)



A morte é realmente um temível ato de brutalidade; não há sentido em se pretender outra coisa. É brutal não somente como um evento físico, mas muito mais como psíquico: um ser humano é arrancado de nós e o que permanece é a imobilidade gelada da morte. Não existe mais nenhuma esperança de um relacionamento, pois todas as pontes foram destruídas com um só golpe. Muitos que merecem uma vida longa são colhidos nos seus melhores anos, enquanto muitos que não valem nada vivem até a velhice. Essa é uma realidade cruel que não temos o direito de desprezar. A experiência real da crueldade e dos caprichos da morte pode nos amargurar até o ponto de concluirmos que não há um Deus misericordioso, nenhuma justiça e nenhuma bondade.

De outro ponto de vista, no entanto, a morte aparece como um evento cheio de alegria. À luz da eternidade ela é um casamento, um *mysterium coniunctionis*. A alma atinge, por assim dizer, a sua metade que lhe falta, consegue a totalidade. Nos sarcófagos gregos o elemento prazeroso era representado por bailarinas, nas tumbas etruscas por banquetes. Quando o piedoso cabalista Rabi Simon Bem Jochai estava para morrer, os seus amigos diziam que ele estava celebrando o seu casamento. Há, até hoje, em muitas regiões, o costume de se realizar um piquenique nos cemitérios, no Dia de Finados. Esse costume expressa o sentimento de que a morte é realmente uma ocasião festiva. (6)



A pergunta decisiva para o homem é: será que ele se relaciona ou não com algo infinito? Essa é a questão vital de sua vida. Somente se soubermos que a coisa que realmente importa é o infinito, poderemos evitar fixar nosso interesse em futilidades e em todas as espécies de objetivos que não têm uma importância real. Assim, pedimos que o mundo reconheça em nós qualidades que consideramos como possessões pessoais: nosso talento ou nossa beleza.

Quanto mais um homem se importar com falsas possessões, menos sensibilidade terá pelo que é essencial, e menos satisfatória será a sua vida. Ele se sente limitado porque tem objetivos limitados e o resultado é inveja e ciúme. Se entendermos e sentirmos que aqui nesta vida já temos uma ligação com o infinito, nossos desejos e atitudes mudarão. Em última análise, somente valemos por causa do que incorporamos como essencial, e se não o incorporamos nossa vida se desperdiça. Também nos nossos relacionamentos com outras pessoas, a questão crucial é saber se um elemento ilimitado é expresso. (6)



É somente pela psique que podemos estabelecer que Deus age sobre nós, mas não somos capazes de distinguir se essas ações emanam de Deus ou do inconsciente. Não podemos dizer se Deus e o inconsciente são duas entidades diferentes. Ambos são conceitos fronteirizos para conteúdos transcendentais. Mas pode ser estabelecido empiricamente, com um grau suficiente de probabilidade, que há no inconsciente um arquétipo de totalidade que se manifesta espontaneamente em sonhos, e uma tendência, independente da vontade consciente, de relacionar outros arquétipos com esse centro. Como consequência disso, não parece improvável que o arquétipo produza um simbolismo que tem sempre caracterizado e expresso a Divindade... O Deus-imagem não coincide com o inconsciente como tal, mas com um conteúdo

especial dele: ou seja, o arquétipo do *self*. Não podemos mais distinguir o Deus-imagem desse arquétipo. (6)



A sincronicidade não é mais desafiadora ou misteriosa do que as descontinuidades da física. É somente a crença enraizada no poder soberano da causalidade que cria dificuldades intelectuais e faz parecer impensável que eventos sem causas possam existir ou jamais ocorrer... Coincidências significativas podem ser tidas como mero acaso. Mas quanto mais elas se multiplicam e quanto maior e mais exata for a correspondência, tanto mais diminui a sua probabilidade e aumentará a impossibilidade de serem pensadas, até que não mais possam ser vistas como mero acaso, mas, devido à falta de uma explicação causal, tenham de ser pensadas como arranjos significativos... A sua “inexplicabilidade” não se deve ao fato de a causa ser desconhecida, mas sim ao fato de que uma causa não é menos pensável em termos intelectuais. (6)



Seria uma blasfêmia afirmar que Deus pode manifestar-se em todos os lugares com a única exceção da alma humana. Na verdade, a própria intimidade do relacionamento entre Deus e a alma automaticamente impossibilita qualquer desvalorização desta. Seria ir longe demais, talvez, falar de uma afinidade. Mas em todo caso a alma deve conter em si a faculdade de relacionamento com Deus: isto é, uma correspondência; de outra forma, nunca seria possível estabelecer-se uma conexão. Em termos psicológicos essa correspondência é o arquétipo do Deus-imagem. (6)



A minha preocupação com a psicologia dos processos inconscientes há muito me levou a procurar um outro princípio de explicação, pois o princípio da causalidade parecia inadequado para explicar alguns notáveis fenômenos da psicologia do inconsciente. Assim sendo, descobri que há paralelismos psíquicos que não podem ser ligados a um outro princípio: isto é, a contingência de eventos. Essa conexão de eventos me pareceu ser essencialmente estabelecida pelo fato da sua relativa simultaneidade, donde o termo “sincrônico”.

É como se o tempo, longe de ser uma abstração, fosse realmente um *continuum* concreto que contém qualidades ou condições básicas que se manifestam simultaneamente em lugares diferentes por meio de paralelismos que não podem ser explicados causalmente, como em casos de ocorrência simultânea de pensamentos, símbolos ou estados psíquicos idênticos. (6)



Deus não é uma verdade *estatística*, portanto, é tão idiota tentar provar a existência de Deus como negá-lo. Se uma pessoa estiver feliz não necessitará de prova nem de contraprova. Também não há motivo para se supor que não pode ser experimentada “felicidade” ou “tristeza”. Deus é uma experiência universal que é ofuscada somente por um racionalismo tolo

ou por uma teologia igualmente tola. (3)



Ninguém pode saber o que são as coisas mais essenciais. Portanto, devemos tomá-las tal como as experimentamos. E se essa experiência ajudar a tornar a vida mais saudável, mais bela, mais completa e mais satisfatória para você e para os que você ama, você poderá com segurança dizer: “Esta foi a graça de Deus”.

Nenhuma verdade transcendental é demonstrada assim e devemos confessar com toda humildade que a experiência religiosa é *extra ecclesiam*, subjetiva e passível de erro ilimitado. (60)



As suas condolências pela morte do meu último amigo íntimo, Albert Oeri, foram um verdadeiro bálsamo. Podemos na verdade sentir a dor de tamanha perda sem nos sentirmos culpados de uma sentimentalidade indevida. Percebemos em todas as ocasiões como essa como a idade gradualmente nos empurra para fora do tempo e do mundo, em direção a espaços mais amplos e desabitados onde no início nos sentimos sozinhos e estranhos.

Em seu livro, você escreveu de modo tão compassivo e com tanta perceptividade sobre as peculiaridades da velhice, que poderá entender profundamente esse estado de espírito. A iminência da morte e a visão do mundo sob *conspectu mortis* é na verdade uma experiência curiosa: o sentido do presente se estende muito além de hoje, olhando para trás nos séculos passados e para a frente nos séculos futuros, ainda não nascidos. (3)



O espetáculo da velhice seria insuportável se não soubéssemos que a nossa psique atinge uma região que não se caracteriza pela mudança no tempo e nem pelas limitações de lugar. Nessa forma de ser o nosso nascimento é uma morte e nossa morte um nascimento. As escalas do todo ficam equilibradas. (3)



Na sua carta você me pergunta sobre os fenômenos de fantasmas. Bem, este é um ponto em que tenho de desistir. Não posso explicar os fenômenos de fantasmas limitados localmente. Há um fator neles que não é apenas psicológico. Temos de procurar uma explicação adequada em outros lugares. Estou inclinado a acreditar que algo da alma humana permanece após a morte, pois já nesta vida consciente temos prova de que a psique existe em um tempo e em um espaço relativos, isto é, em um estado eterno relativamente não estendido. Possivelmente, os fenômenos de fantasmas são indicações de tais existências. (3)



Como no mundo psíquico não há corpos se movendo através do espaço, não há também tempo. O mundo arquetípico é “eterno”, isto é, fora do tempo, e está em todos os lugares, pois

não há espaço sob condições psíquicas, isto é, arquetípicas. Onde um arquétipo prevalece podemos esperar fenômenos sincrônicos, isto é, correspondências não-causais que consistem em um arranjo paralelo dos fatos no tempo. O arranjo não é o efeito devido a uma causa. Apenas acontece, como uma conseqüência do fato de que a causalidade é meramente uma verdade estatística. (3)



Longe de ser um mundo material, este é um mundo psíquico que nos permite fazer somente inferências indiretas e hipotéticas sobre a natureza real da matéria. Somente o psíquico tem realidade imediata, e isto inclui todas as formas do psíquico, até mesmo idéias e pensamentos “irreais” que não se referem a nada “externo”. Podemos chamá-los de “imaginação” ou de “ilusão”, mas isso de qualquer forma não retira nada da sua eficiência. Na verdade, não há pensamento “real” que não possa às vezes ser substituído por um “irreal”, provando assim que este último é muito mais forte e eficiente do que o primeiro.

Muito maior do que todos os perigos físicos são os efeitos tremendos de idéias ilusórias, às quais, contudo, toda a realidade é negada pela nossa consciência, cega pelo mundo. A nossa muito elogiada razão e a nossa ilimitadamente supervalorizada vontade são às vezes completamente impotentes diante de pensamentos “irreais”. Os poderes mundanos que dominam toda a humanidade, para o bem ou para o mal, são fatores psíquicos inconscientes, e são eles que fazem existir a inconsciência e, portanto, criam a condição *sine qua non* para a existência de qualquer mundo. Estamos imersos em um mundo que foi criado pela nossa própria psique. (67)



Todo o mundo é livre de acreditar em qualquer coisa que pareça se ajustar às coisas das quais nada sabemos. Ninguém sabe se há reencarnação e também ninguém sabe se não há. O próprio Buda estava convencido da reencarnação, mas quando por duas vezes os seus discípulos o interrogaram sobre isso, deixou aberta a questão de haver ou não uma continuidade da personalidade. Nós certamente não sabemos de onde viemos, nem para onde estamos indo, ou para que estamos aqui no tempo presente. Penso que é justo acreditar que tendo feito o melhor que podemos fazer aqui, estejamos também preparados da melhor maneira possível para as coisas que devem vir. (3)



Se a alma humana é alguma coisa, deve ser algo de inimaginável complexidade e diversidade, de maneira que não seja possível abordá-la por uma simples psicologia do instinto. Posso apenas contemplar maravilhado e temeroso as profundezas e alturas de nossa natureza psíquica. O seu universo não-espacial esconde uma abundância indescritível de imagens que se acumularam durante milhões de anos de desenvolvimento da vida e se fixaram no organismo.

Minha consciência é como um olho que penetra nos mais distantes espaços, mas é o não-ego psíquico que os enche de imagens não-espaciais. E essas imagens não são sombras pálidas,

mas sim fatores psíquicos tremendamente poderosos... Além desse quadro, eu gostaria de acrescentar o espetáculo do céu estrelado à noite, pois o único equivalente do universo interior é o universo exterior; e assim como atinjo este mundo por meio do corpo, atinjo o outro por meio da psique. (3)



A idéia de que a mescalina pode produzir uma experiência *transcendental* é chocante. A droga somente descobre a camada funcional normalmente inconsciente de variantes emocionais e perceptivas que são somente psicologicamente transcendentais, mas de maneira alguma “transcendentais”, isto é, metafísicas.

Essa experiência pode na prática ser boa para pessoas que desejem convencer-se da existência real de uma psique inconsciente. Ela poderia dar-lhes uma boa idéia da sua realidade. Mas eu não poderia nunca aceitar a mescalina como um meio de convencer as pessoas da possibilidade de uma experiência espiritual contrária ao seu materialismo. Ela é, ao contrário, uma excelente demonstração do materialismo marxista: a mescalina é a droga pela qual se pode manipular o cérebro para que ele produza até mesmo as assim chamadas experiências “espirituais”. Esse é um caso ideal para o bolchevismo e o seu “admirável mundo novo”. (3)



As pessoas que pensam conhecer todos os motivos de tudo não têm consciência do fato óbvio de que a existência do próprio Universo é um grande segredo inescrutável, bem como a nossa existência humana. Podemos ficar contentes de ter essa convicção [de que Deus existe], como alguém que está feliz, mesmo que ninguém mais, e nem ele próprio, saiba por quê. Mas certamente ninguém pode provar a essa pessoa que ela é infeliz, que o fato de se sentir feliz é uma ilusão. (3)



A única abordagem científica à questão da sobrevivência [depois da morte corporal] é o reconhecimento do fato de que a psique é capaz de percepção extra-sensorial, ou seja, de telepatia e de pré-cognição, particularmente desta última. Esse fato prova uma relativa independência da psique do tempo e do espaço. O que significa que esses dois elementos, indispensáveis para mudanças, são relativamente sem importância para a psique.

Em outras palavras, até um certo ponto, a psique não está sujeita à corrupção. E isso é tudo o que sabemos. Naturalmente pode-se ter experiências de uma natureza objetiva muito convincente, que não necessitam de apoio em possibilidades científicas. Mas para aqueles que não possuem o dom da fê pode ser útil lembrar que a própria ciência aponta para a possibilidade da sobrevivência. (3)



A astrologia é um dos métodos intuitivos tais como o *I Ching*, geomântica e outros

procedimentos divinatórios. Ela se baseia no princípio da sincronicidade: isto é, nas coincidências significativas. Explorei experimentalmente três métodos intuitivos: o *I Ching*, a geomântica e a astrologia.

A astrologia é uma psicologia ingenuamente projetada, na qual as diferentes atitudes e temperamentos do homem são representados como deuses e identificados com planetas e constelações zodiacais. Muitas vezes apliquei a astrologia a casos concretos, enquanto a estudava...

Não há ainda uma exposição psicológica da astrologia, devido ao fato de que ainda não foi estabelecida a sua fundamentação empírica, no sentido de uma ciência. O motivo para isso é que a astrologia não segue o princípio da causalidade, mas depende, como todos métodos intuitivos, da não-causalidade. Não há dúvida de que a astrologia está hoje florescendo como nunca antes no passado, mas é ainda explorada de maneira insatisfatória, apesar de seu uso freqüente. Somente é um instrumento apto quando usada inteligentemente. Não é à prova de tudo e é definitivamente um estorvo quando usada por uma mente limitada e racionalista. (3)



Já que quer saber a minha opinião sobre a astrologia, posso lhe dizer que por mais de trinta anos tenho me interessado por essa atividade particular da psique humana. Como sou um psicólogo, estou interessado principalmente na luz especial que o horóscopo lança sobre certas complicações de caráter. Em casos de difícil diagnose psicológica, geralmente arranjo um horóscopo para ter um ponto de vista a mais, de um ângulo inteiramente diferente. Devo dizer que muito freqüentemente descubro que os dados astrológicos elucidam alguns pontos que de outra forma eu teria sido incapaz de entender.

De tais experiências, formei a opinião que a astrologia interessa particularmente ao psicólogo, já que contém uma espécie de experiência psicológica que chamamos de “projetada”. O que significa que descobrimos aos fatos psicológicos, por assim dizer, nas constelações. Originalmente isso fez surgir as idéias de que esses fatores derivam das estrelas, enquanto estão meramente em uma relação de sincronicidade com elas.

Admito ser esse um fato muito curioso, que lança uma luz peculiar sobre a estrutura da mente humana. Sinto falta na literatura astrológica principalmente do método estatístico pelo qual alguns fatos fundamentais poderiam se estabelecidos cientificamente. (3)



Restava à ciência moderna desespirtualizar a Natureza por meio do assim chamado conhecimento objetivo da matéria. Todas as projeções antropomórficas foram retiradas uma após a outra do objeto, com um resultado de duas faces: primeiro, a identidade mística do homem com a natureza foi reduzida como nunca antes; segundo, as projeções que remontavam à alma humana causaram uma tão terrível ativação do inconsciente que nos tempos modernos o homem foi compelido a postular a existência de uma psique inconsciente. Em vez dos perdidos do Olimpo foi revelada a riqueza íntima da alma, que reside no coração de cada homem. (80)



Ninguém pode dizer onde termina o homem. É isso o que é belo nele. O inconsciente do homem pode atingir até Deus sabe onde. Lá faremos descobertas. (1)



Não há nenhum outro caminho aberto a nós. Somos forçados a recorrer a decisões e soluções conscientes, quando antigamente nos confiávamos aos acontecimentos naturais. Cada problema, portanto, traz a possibilidade de uma ampliação da consciência, mas também a necessidade de dizer adeus a uma infantil inconsciência e confiança na natureza.

Essa necessidade é um fato psíquico tão importante que constitui um dos mais essenciais ensinamentos simbólicos da religião cristã. É o sacrifício do homem simplesmente natural, do ingênuo ser inconsciente cuja trágica carreira começou ao comer a maçã no paraíso. A bíblica queda do homem apresenta a aurora da consciência como uma maldição. E é muito natural que olhemos em primeiro lugar sob esta luz cada problema que nos força a ter uma consciência maior e nos separa cada vez mais do paraíso da infância inconsciente. (74)



Se estivéssemos conscientes do espírito da época, deveríamos saber por que estamos tão inclinados a atribuir tudo a bases físicas: deveríamos saber que é porque, até hoje, um número demasiado de coisas foi visto em termos de espírito. A realização disso nos tornaria imediatamente críticos de nosso preconceito. Diríamos: muito provavelmente estamos hoje cometendo o mesmo erro, no extremo oposto.

Iludimo-nos com o pensamento de que sabemos muito mais sobre a matéria do que sobre a mente ou espírito “metafísico”, assim superestimamos a causalidade material e acreditamos que somente ela nos permite ter uma explicação verdadeira da vida. Mas a matéria é tão inescrutável como a mente. E quanto às causas últimas, não sabemos nada e somente podemos retornar a um estado de equilíbrio quando admitimos isso. (21)



A consciência ocidental não é absolutamente a única espécie de consciência que há: ela é historicamente condicionada e geograficamente limitada e representativa de somente uma parte da humanidade. A ampliação de nossa consciência não deve ser feita às custas de outras espécies de consciências. Ela deveria advir do desenvolvimento dos elementos de nossa psique que são análogos aos de psiques alienígenas, da mesma forma como o Oriente não pode dispensar a nossa tecnologia, ciência e indústria. A invasão européia do Oriente foi um ato de violência em uma grande escala e nos deixou o dever – *noblesse oblige* – de entender a mentalidade do Oriente. No presente, talvez isso seja mais necessário do que achamos. (84)



Em geral, a meditação e a contemplação têm má reputação no Ocidente. São vistas como uma forma particularmente repreensível de preguiça ou como um narcisismo patológico. Ninguém tem tempo para o autoconhecimento ou acredita que ele possa servir a qualquer

propósito sensato. Também antecipamos o pensamento de que não vale a pena nos conhecermos, pois qualquer tolo pode saber o que é.

Acreditamos exclusivamente em fazer e não nos interrogamos sobre aquele que faz, o qual é julgado somente por feitos que tenham um valor coletivo. O público geral parece ter mais conhecimento da existência da psique inconsciente do que os assim chamados especialistas, mas ainda ninguém tirou qualquer conclusão do fato de que o homem ocidental confronta-se consigo mesmo como se fosse um estranho e que o autoconhecimento é uma das artes mais difíceis e exigentes. (41)



O que aconteceria se houvesse um agente vivo por traz do nosso mundo humano cotidiano – algo mais proposital até mesmo do que os elétrons? Será que nós nos iludimos ao pensar que possuímos e controlamos a nossa própria psique? E talvez o que a ciência chama de “psique” não seja somente um ponto de interrogação arbitrariamente confinado dentro do esqueleto, mas antes uma porta que se abre sobre o mundo humano de um mundo do além, permitindo que poderes desconhecidos e misteriosos ajam sobre o homem e o transportem nas asas da noite a um destino mais do que pessoal? (59)



Atualmente, não é preciso ir longe para procurar um medo da morte extraordinariamente intenso: são bastante óbvios, tanto mais que toda a vida que é desperdiçada, sem sentido e mal dirigida, significa também morte. Isso pode explicar a intensificação não natural do medo da morte nos nossos tempos, quando a vida perdeu o seu significado mais profundo para tantas pessoas, forçando-as a trocar o ritmo preservador de vida dos éons pelo temido tique-taque do relógio. (29)



O nosso mundo tornou-se desumanizado por meio do entendimento científico. O homem sente-se isolado no Cosmo. Ele não está mais envolvido na natureza e perdeu a sua participação emocional nos eventos naturais, que até então tinham um significado simbólico para ele. O trovão não é mais a voz de um Deus e o relâmpago o seu míssil vingador. Nenhum rio contém um espírito, nenhuma árvore simboliza a vida de um homem, nenhuma serpente é a personificação da sabedoria e nenhuma montanha ainda abriga um grande demônio. Nem as coisas falam com ele e nem ele pode falar com as coisas, como pedras, fontes, plantas e animais. Ele não tem mais um espírito da floresta que o identifique com animal selvagem. A sua comunicação imediata com a Natureza desapareceu para sempre. (4)



A vida é a pedra de toque do espírito. Um espírito que afaste o homem da vida e o faça procurar uma realização somente em si próprio é um falso espírito – embora o homem também deva ser culpado por isso, pois ele pode escolher se quer ou não se entregar a esse espírito.

Vida e espírito são os dois poderes ou necessidades entre os quais o homem está colocado. O espírito dá sentido à sua vida e à possibilidade de seu maior desenvolvimento. Mas a vida é essencial ao espírito, uma vez que a sua verdade não será nada se ele não puder viver. (73)



O Tao pode ser qualquer coisa. Uso outra palavra para designá-lo, mas ela é insuficiente. Eu o chamo de *sincronicidade*. A mente oriental, quando contempla um conjunto de fatos, aceita-os como são, mas a mente ocidental divide-os em entidades, pequenas quantidades... A mente oriental não age assim; ela está interessada em ser unida.

Um exemplo: se você estiver de pé numa praia e se as ondas arrastarem um chapéu velho, uma velha caixa, um sapato, um peixe morto e essas coisas permanecerem na areia, você dirá “uma bobagem!” Um chinês perguntaria: “O que significam essas coisas juntas?” A mente chinesa experimenta com isso *ser unido e permanecer unido no momento certo*. (5)



Só uma pessoa extremamente ingênua e inconsciente poderia imaginar que tem uma posição em que pode evitar o pecado. A psicologia não pode mais permitir ilusões infantis dessa espécie; ela deve promover a verdade e declarar não somente que a inconsciência não serve de desculpa, mas que na realidade é um dos pecados mais odiosos. A lei humana pode isentá-la de castigo, mas a Natureza se vingará mais impiedosamente, pois para ela não significa nada se um homem tem ou não consciência do seu pecado. (29)



Necessitamos do desenvolvimento do homem interior espiritual, o único indivíduo cujo tesouro está escondido, por um lado, nos símbolos de nossa tradição mitológica, e, por outro, na psique inconsciente do homem. É trágico que a ciência e a sua filosofia desencorajem o indivíduo, e que a teologia resista a qualquer tentativa razoável de se entender os seus símbolos. (3)

EDUCAÇÃO, MUDANÇA SOCIAL E DESENVOLVIMENTO DO MUNDO

A nossa época quer experimentar a psique em si. Ela precisa de experiência original e não de conceitos, embora queira utilizar todos os conceitos existentes como meios para atingir esse fim, inclusive os das religiões reconhecidas e das ciências autênticas... Não há dúvida de que desde o início do século XIX – desde o tempo da Revolução Francesa, a psique assumiu uma posição cada vez mais primordial para o interesse humano, e com um poder de atração que aumenta de maneira constante. (90)



Tudo parece desolado e gasto nos grandes caminhos do mundo. Instintivamente o homem moderno deixa os caminhos já trilhados para explorar desvios e caminhos paralelos, da mesma forma como o homem do mundo greco-romano livrou-se dos seus deuses mortos do Olimpo e voltou-se para os cultos de mistérios da Ásia. O nosso instinto volta-se para o exterior e se apropria da teosofia e da mágica oriental; mas também se volta para o interior e nos leva a contemplar o fundo sombrio da psique. Ele faz isso com o mesmo ceticismo e a mesma rudeza que impeliu o Buda a abandonar os seus dois milhões de deuses para que pudesse atingir a experiência original, que é a única convincente. (90)



A vida nesta terra equilibra-se entre uma quantidade igual de prazer e de miséria, até mesmo quando está no seu auge e que o progresso real é somente a adaptação psicológica às várias formas de miséria individual. A miséria é relativa. Quando muitas pessoas possuem dois carros, o homem que tem somente um sente-se privado dos benefícios deste mundo e, por conseguinte, justificado em destruir a ordem social. (3)



Uma vez que não podemos imaginar – a menos que tenhamos perdido completamente a nossa faculdade crítica – que a humanidade tenha atingido o maior grau possível de consciência, deve haver alguma potencial psique inconsciente, remanescente, cujo desenvolvimento resultaria em uma maior extensão e uma diferenciação mais pronunciada da consciência. Ninguém pode dizer o quanto essa “reminiscência” pode ser grande ou pequena, pois não temos meios para medir o possível alcance do desenvolvimento consciente, sem falar da extensão do inconsciente. (63)



A doença da dissociação é no nosso mundo ao mesmo tempo um processo de recuperação, ou antes, o clímax de um período de gravidez que anuncia as contrações do nascimento. Uma época de dissociação igual à que prevaleceu durante o Império Romano é simultaneamente uma época de renascimento. Não é sem razão que estabelecemos a data de nossa era a partir da

época de Augusto, pois aquela época viu o nascimento da figura simbólica de Cristo, o qual foi invocado pelos primitivos cristãos como o Peixe, o Legislador do signo de Peixes que havia apenas começado. Ele se tornou o espírito regulamentador dos dois milênios seguintes.

Como professor de sabedoria da Babilônia, Oannes [Cristo], levantou-se do mar, da escuridão primitiva, trazendo consigo o fim de uma época do mundo. É verdade que ele disse “eu não vim para trazer a paz, mas uma espada”. Porém o que traz a divisão em última análise cria a união. Portanto, seus ensinamentos foram de amor que une tudo. (40)



Como é sabido, o principal objetivo de todos os Estados totalitários é solapar os relacionamentos pessoais por meio do temor e da desconfiança; o resultado disso é uma massa atomizada na qual a psique humana é completamente abafada. Até mesmo as relações entre pais e filhos, que é a mais íntima e natural de todas, é despedaçada pelo Estado. Todas as grandes organizações que visam exclusivamente objetivos materialistas são responsáveis pela falta de pensamento das massas. (3)



Tentarei ser simples. Uma situação política é a manifestação de um problema psicológico paralelo em milhões de indivíduos. Esse problema é em grande parte inconsciente, o que o torna particularmente perigoso. Consiste de um conflito entre um ponto de vista consciente (ético, religioso, filosófico, social, político e psicológico) e um inconsciente que é caracterizado pelos mesmos aspectos, mas representado de uma maneira mais “baixa”, isto é, mais arcaica. Assim temos, em vez de um uso construtivo do poder político objetivando a consecução de um equilíbrio de forças livremente desenvolvidas, uma tendência destrutiva para estender a supressão sobre todo o mundo, conseguindo-se meramente uma superioridade de poder. Em vez da psicologia, o uso de meios psicológicos para extinguir a flama individual e inibir o desenvolvimento da consciência e da inteligência. (3)



A tecnologia e o “bem-estar social” não fornecem nada que possa superar a nossa estagnação espiritual e não nos dão respostas para a nossa insatisfação e inquietação espiritual; como resultado disso, somos ameaçados tanto do interior como do exterior. Ainda não entendemos que a descoberta do inconsciente representa uma enorme tarefa espiritual que deve ser realizada se quisermos preservar a nossa civilização. (3)



Tudo aquilo contra o qual lutamos no mundo exterior é também uma batalha no nosso interior. Pois precisamos finalmente admitir que a humanidade não é apenas uma acumulação de indivíduos totalmente diferentes um do outro, mas que possui um grau de coletividade psicológica tão elevado que, em comparação, o indivíduo aparece meramente como uma ligeira variante. Como poderemos avaliar razoavelmente bem esse assunto se não podemos admitir que

é também nosso próprio problema? Quem quer que admita isso procurará a solução em primeiro lugar nele próprio, e realmente é assim que todas as grandes soluções são iniciadas. (85)



Você tem toda a razão quando diz que o mundo moderno prefere viver *en masse* e esquece assim a ligação com o passado, que é característica de cada cultura. Os jovens não devem ser censurados, pois é bem compreensível que tenham olhos abertos para o que é novo e impactante nas nossas assim chamadas realizações culturais. Mas devemos também compreender que os verdadeiros bens culturais, o legado do passado, é muito freqüentemente apresentado de uma forma tão entediante e desinteressante que seria quase um milagre se alguém pudesse mostrar qualquer entusiasmo por ele...

Parece-me perfeitamente possível ensinar história no sentido mais amplo, não como um conhecimento livresco seco, empoeirado e desprovido de vida, mas entendê-la em termos do presente totalmente vivo. Todas essas coisas deveriam ser apresentadas como advindas da nossa existência contemporânea e não como relíquias mortas de tempos já vividos. Isso certamente faz o professor defrontar-se com uma tarefa dura e responsável, mas é justamente para isso que um professor existe.

Uma educação não tão especializada é sempre útil. Eu nunca lamentei conhecer coisas que estão fora da minha especialidade. Ao contrário, as renovações nunca vêm de um conhecimento especializado supersofisticado, mas sim de um conhecimento de assuntos subsidiários que nos dêem novos pontos de vista. Um horizonte mais amplo beneficia a todos nós e é também mais natural ao espírito humano do que o conhecimento especializado que leva a um engarrafamento espiritual. (3)



O seu plano de instituir prêmios nos campos da atividade humana ainda não incluídos no Prêmio Nobel é realmente uma ótima idéia. Enquanto o Prêmio Nobel somente leva em consideração descobertas ou méritos referentes às ciências naturais e à medicina (com exceção do político “Prêmio da Paz”), o bemestar psíquico e espiritual do homem tem sido completamente desconsiderado. A paz de espírito do homem, o seu equilíbrio mental e até a sua saúde dependem muito dos fatores mentais e espirituais que não podem ser substituídos por condições físicas. Se a saúde psíquica e a felicidade do homem dependessem da alimentação adequada e de outras condições físicas da vida, então todas as pessoas ricas deveriam ser saudáveis e felizes e todas as pobres mentalmente desequilibradas, fisicamente doentes e infelizes. Mas o contrário é verdadeiro.

Os grandes perigos que ameaçam a vida de milhões de pessoas não são fatores físicos, mas a loucura e os esquemas diabólicos que causam epidemias mentais nas massas mentalmente sem defesa. Não existe comparação entre os piores desastres e as maiores catástrofes naturais (tais como terremotos, inundações e epidemias) e o que o homem pode hoje fazer a outro homem.

Deveria haver um prêmio para as pessoas que têm sucesso em suprimir as conseqüências da loucura política ou do pânico, ou para aqueles que produzem grandes idéias, alargando o horizonte mental e espiritual do homem. (3)



Acho que subestimamos na Europa as dificuldades que você tem de enfrentar na América, assim que tenta comunicar uma certa educação humanística. Receio que o seu sistema educacional produza a mesma unilateralidade tecnológica e científica e o mesmo idealismo de bem-estar social da Rússia. A maior parte de seus psicólogos, na minha opinião, está ainda no século XVIII, à medida que acreditam que a psique humana é, ao nascer, uma *tabula rasa*, enquanto todos os animais um tanto diferenciados nascem com instintos específicos. [Para eles], a psique do homem parecer ser menos [diferenciada] do que a de um pássaro ou a de uma abelha. (3)



Toda nossa sociedade está dividida pela especialização, e as profissões auto-servidoras são tão diferenciadas que ninguém sabe o que o outro está fazendo. Não há nada a se esperar das universidades, já que elas produzem somente especialistas. Até mesmo a psicologia não pensa na unidade do homem, mas dividiu-se em subdivisões sem conta, cada uma delas com os seus testes e teorias especializadas. Quem quer que procurasse a sabedoria necessária logo se veria na situação do velho Diógenes, que saiu procurando um homem honesto na Praça do Mercado de Atenas, em plena luz do dia, levando uma lanterna. (3)



A nova era vindoura será tão completamente diferente da nossa como o mundo do século XIX o foi do mundo do século XX, com sua física atômica e sua psicologia do inconsciente. Nunca antes foi a humanidade dilacerada em duas metades, e nunca antes foi posto na mão do próprio homem o poder da destruição absoluta. (3)



O barulho é certamente somente um dos males de nossa época, embora seja talvez o que mais aparece. Os outros males são o gramofone, o rádio e agora a felicidade da televisão. Uma vez uma organização de professores me perguntou por que era que, apesar da melhora na alimentação das escolas elementares, o currículo não conseguia mais ser completado, hoje em dia.

A resposta é: falta de concentração, distrações em demasia. Muitas crianças fazem seus deveres ouvindo rádio. Tanta alimentação recebem do exterior que não têm mais de pensar em algo que possam fazer a partir de seu próprio interior e que requeira concentração...

O barulho é bem-vindo porque afoga o alarme interior instintivo. Os que têm medo procuram companhias barulhentas e pandemônio, para afastar os demônios; os equivalentes primitivos são gritos, mugidos de touros, tambores, fogos de artifício e sinos. O barulho, assim como a multidão, dá um sentido de segurança; portanto, as pessoas o amam e evitam fazer qualquer coisa contra ele, sentindo instintivamente a magia esconjuradora que emite...

O barulho nos protege da reflexão dolorosa, afugenta nossos sonhos ansiosos, assegura-nos

de que estamos todos no mesmo barco e cria uma tal confusão que ninguém ousará nos atacar. O barulho é tão insistente, tão extremamente real, que tudo o mais se torna um pálido fantasma. Ele nos poupa do esforço de dizer ou fazer qualquer coisa, já que o próprio ar reverbera com o poder invencível da nossa modernidade.

O lado sombrio do quadro é que não teríamos barulhos se secretamente não o desejássemos. O barulho não é somente inconveniente ou prejudicial; é de uma forma não admitida e incompreensível um meio para um fim; a compensação do temor que é somente muito bem fundamentado. Se houvesse silêncio, o temor faria que as pessoas refletissem, e não se pode saber o que poderia então vir à consciência. A maioria das pessoas teme o silêncio. (3)



Um dos mais importantes pontos [sobre as diferenças culturais] é a atitude que temos em relação à emocionalidade, e em que medida um afeto é ou não controlável. Os ingleses acreditam no controle das emoções e educam as suas crianças de acordo com isso. Ter emoções é “de mau gosto” e prova de “má-educação”. Os italianos cultivam e admiram as suas emoções, razão pela qual se tornam relativamente inofensivos e, no máximo, absorvem demasiado tempo e atenção. Os alemães acham-se autorizados a ter uma raiva viril, os franceses adoram analisar racionalmente as suas emoções, para não ter de levá-las a sério. Os suíços, caso sejam bem educados, não confiam em si no que se refere a expressar suas emoções. Os indianos, se influenciados pelo budismo, habitualmente despotencializam as suas emoções recitando um mantra.

Vi uma vez, no Ceilão, dois camponeses, cujos carros haviam colidido, coisa que em qualquer outra parte do mundo teria levado a uma infundável vituperação. Mas eles resolveram o problema murmurando o mantra “aduca anatman” (distúrbio passageiro – sem alma). (3)



Estou convencido de que a investigação da psique é a ciência do futuro. A psicologia é a mais jovem das ciências e está somente iniciando o seu desenvolvimento. É, contudo, a ciência de que mais precisamos. Na verdade, torna-se cada vez mais óbvio que não é a fome, nem os terremotos, nem os micróbios, nem o câncer, mas o próprio homem que é o maior perigo para o próprio homem, pelo simples motivo que não há proteção adequada contra epidemias psíquicas, que são infinitamente mais devastadoras do que a pior das catástrofes naturais. O maior perigo que ameaça tanto os indivíduos como nações inteiras é um *perigo psíquico*. (24)



O mundo de hoje está dependurado por um fio fino, e esse fio é a psique do homem. (1)



Por que é que estamos justamente agora especialmente interessados em psicologia? A resposta é que cada um necessita desesperadamente dela. A humanidade parece ter atingido um ponto em que os conceitos do passado não são mais adequados, e começamos a perceber que

aqueles que estão mais próximos de nós, e que são os mais queridos, na realidade nos são estranhos, cuja linguagem não mais entendemos.

Estamos começando a compreender que as pessoas que vivem do outro lado da montanha não consistem exclusivamente de demônios ruivos que são responsáveis por todo o mal deste lado da montanha. Um pouco dessa suspeita desconfortante foi filtrada nas relações entre os sexos: não são todos que estão firmemente convencidos de que tudo que é bom está em “mim” e tudo que é mau está em “você”.

Já podemos encontrar pessoas super-modernas que se perguntam com a maior seriedade se talvez não há algo errado conosco, se por acaso não somos demasiado inconscientes, demasiado antiquados, e se não é esse o motivo pelo qual, quando confrontados com dificuldades nos relacionamentos sexuais, continuamos ainda a empregar com resultados desastrosos os métodos da Idade Média, se não os do homem das cavernas. (34)



Parece-me muito estranho que não se veja o que uma educação sem as humanidades está fazendo ao homem. Ele perde a sua conexão com a família, com todo o seu passado – toda a estirpe, a tribo –, aquele passado no qual o homem sempre viveu. Pensamos que nascemos hoje como uma *tabula rasa*, sem uma história, mas o homem viveu sempre no mito.

Pensar que o homem nasce sem uma história dentro de si – isso é uma doença. É absolutamente anormal, pois o homem não nasce a cada dia. Ele nasce em um ambiente histórico específico, com qualidades históricas específicas; portanto, ele somente se completa quando tem uma relação com essas coisas. Quando se cresce sem nenhuma conexão com o passado é como se nascêssemos sem ouvidos e olhos e tentássemos perceber acuradamente o mundo externo. (1)



A civilização não consiste no progresso em si e na destruição descuidada dos velhos valores, mas sim no desenvolvimento e no refinamento dos bens que ganhamos. (53)



A ciência não é um instrumento perfeito, mas é uma ferramenta soberba e inavaliável que somente produz dano quando é tomada como um fim em si. A ciência deve servir; erra quando usurpa o trono. Deve estar pronta para servir a todos os seus ramos, pois cada um deles, devido à sua insuficiência, necessita de apoio dos outros.

A ciência é a ferramenta da mentalidade ocidental e com ela podemos abrir mais portas do que com as mãos nuas. Ela é inerente ao nosso entendimento e somente obscurece a nossa visão quando proclama que o entendimento que transmite é a única espécie que há. (84)



A verdade eterna necessita de uma linguagem humana que se modifique com o espírito dos tempos. As imagens primordiais sofrem transformações incessantes e no entanto permanecem

sempre as mesmas, mas somente podem ser compreendidas sob uma nova forma. Elas requerem sempre uma nova interpretação, para que não percam o seu poder de encantamento, assim que uma formulação torne-se obsoleta.

O que quer dizer “vinho novo em velhas garrafas?” Onde estão as respostas para as necessidades espirituais e os problemas de uma nova época? E onde está o conhecimento para se lidar com os problemas psicológicos despertados pelo desenvolvimento da consciência moderna? Nunca antes a verdade “eterna” defrontou-se com tal arrogância de vontade e poder. (63)



Nesta época de americanização, parece-me que estamos somente no umbral de uma nova época espiritual. Não quero passar por profeta, mas não podemos tentar esquematizar o problema espiritual do homem moderno sem mencionar o desejo de sossego em um período de inquietação, o desejo de segurança em uma época de insegurança. É da necessidade e do sofrimento que novas formas de existência surgem, e não de pretensões idealistas ou mero desejos.

O ponto crucial do problema espiritual de hoje deve ser encontrado no fascínio que a psique tem para o homem moderno. Se formos pessimistas, chamaremos a isso de um sinal de decadência; se formos inclinados ao otimismo, veremos nele a promessa de uma mudança espiritual de longo alcance no mundo ocidental. (90)



Mais cedo ou mais tarde se descobrirá que nada de realmente novo acontece na história. Somente se poderia falar de algo verdadeiramente novo se o inimaginável acontecesse: se a razão, a humanidade e o amor obtivessem uma vitória duradoura. (70)

CONSELHOS PARA UMA VIDA DE SUCESSO

A sua vida é o que você tenta viver. Ninguém pode vivê-la por você ou em seu lugar. Se eu tentasse induzi-lo a algo, seria a minha vida e não a sua. Quando você morrer ninguém mais morrerá por você ou em seu lugar. Esse será um assunto inteira e exclusivamente seu. (3)



É um fato bem conhecido que a “vida simples” não pode ser fingida... Somente o que é realmente a própria pessoa tem poder de cura. (89)



Se o seu trabalho dá-lhe alguma alegria e satisfação, você deve cultivá-lo, assim como você deve cultivar tudo que lhe dá alguma alegria de estar vivo.

Vivemos para atingir o maior desenvolvimento espiritual e o maior grau de autoconsciência possível. Enquanto a vida for possível, mesmo que seja em um grau mínimo, você deve agarrar-se a ela, para sorvê-la visando o desenvolvimento consciente. (3)



A menor das coisas que tenha um sentido sempre vale mais na vida do que a maior das coisas sem ele. (13)



O erro fundamental persistente no coletivo é o de que há respostas definitivas, “soluções”, ou pontos de vista que necessitam somente ser pronunciados para que se faça a luz necessária. Mas a verdade mais bela – como foi mostrada mil vezes pela história – não tem valor algum se não se tornou a experiência mais íntima e a posse do indivíduo. (36)



Cada resposta inequívoca e por assim dizer clara sempre permanece na cabeça, mas só muito raramente penetra no coração. A coisa necessária não é *conhecer* a verdade, mas *experimentá-la*. O maior problema é o de não ter um conceito intelectual das coisas, mas descobrir nosso caminho para a experiência irracional mais íntima e talvez desprovida de palavras. Não há nada mais estéril do que se falar de como as coisas devem ou deveriam ser, e não há nada mais importante do que se descobrir o caminho para esses distantes objetivos. (3)



Quando nos permitimos ficar imensamente irritados com algo, não devemos supor que a causa de nossa irritação esteja simples e unicamente fora de nós, na coisa ou na pessoa que nos irrita. Dessa forma, simplesmente nós as dotamos com o poder de nos colocar em um estado de

irritação, e possivelmente em um estado de insônia ou indigestão. Então nos voltamos e sem hesitar condenamos o objeto da ofensa, enquanto durante todo esse tempo estamos enraivecidos contra uma parte inconsciente de nós próprios que é projetada no objeto exasperante. (31)



Além dos dons intelectuais, há os do coração, que não são nem um pouco menos importantes, embora possam facilmente passar despercebidos, já que em tais casos a cabeça é freqüentemente o órgão mais fraco. E, no entanto, as pessoas dessa espécie às vezes contribuem mais para o bem estar da sociedade e são mais valiosos do que as que têm outros talentos. (32)



Não devemos pretender entender o mundo somente por meio do intelecto; nós o entendemos também muito por intermédio dos sentimentos. Portanto, o julgamento do intelecto é, na melhor das hipóteses, somente uma meia verdade, e deve, se for honesto, admitir também a sua inadequação. (56)



O professor Walter Clark, da Universidade de Harvard*, que eu conheço pessoalmente... é um homem muito introvertido que deve ser abordado com a polidez devida aos animais da floresta: isto é, devemos agir como se não o tivéssemos visto e falar macio e devagar para não espantá-lo. É também aconselhável dar um assobio antes de entrar na floresta, para que os rinocerontes não sejam abruptamente despertados do seu sono, estejam gentil e melodiosamente preparados para a sua vinda e tenham tempo para se tornar pouco visíveis. (3)



Se não lidarmos adequadamente com o inconsciente, ou seja, se ele não encontrar a expressão por meio da consciência e da ação consciente, acumulará libido no corpo, o que leva a [fraquezas] físicas. (3)



Fiquei muito interessado nas suas novidades sobre o Maharishi. Estou perfeitamente consciente do fato de a minha crítica muito ocidental de um fenômeno tal como o Maharishi ter sido bastante perturbadora para você. Considero como muito infeliz o fato de um homem ter vivido durante 65 anos em perfeito equilíbrio. Fico muito feliz de não ter escolhido viver dessa maneira tão miraculosa. É uma coisa tão completamente desumana que não consigo ver de maneira alguma algo de divertido nisso.

Certamente é *maravilhoso*, mas pense só em ter de viver essa maravilha ano após ano! (3)



Não se chega a lugar nenhum com teorias. Tente ser simples e dê sempre o próximo passo.

Não é preciso prever nada, mas podemos sempre contemplar as coisas depois. Não há um “como” para a vida, apenas a vivemos.

Portanto, desça da montanha de sua humildade e siga o seu nariz. Esse é o seu caminho e o mais reto. (3)



Se fosse possível chegar à verdade aprendendo as palavras de sabedoria, então o mundo teria sido salvo já nos tempos remotos de Lao-tsé... Não é muito útil ensinar a sabedoria. Em todas as ocasiões a sabedoria não pode ser ensinada por palavras. Isso somente é possível pelo contato pessoal e pela experiência imediata.

A maior e quase insuperável dificuldade consiste na questão dos meios e modos de se induzir as pessoas a fazerem as experiências psicológicas indispensáveis para abrir seus olhos à verdade subjacente. [Essa] verdade é uma única e mesma em todos os lugares. (3)



As suas perguntas são irrespondíveis, pois você quer saber como se deve viver. Vivemos como podemos. Não há nenhum meio definido que seja prescrito ou que pode ser o adequado. [Esse] caminho combina com o modo médio da humanidade em geral.

Mas se você quiser trilhar o seu caminho individual, ele será o caminho que você próprio faz, que não é nunca prescrito, que não se conhece antecipadamente e que simplesmente vem por si só quando colocamos um pé diante do outro. Se você sempre fizer a próxima coisa que necessite ser feita, prosseguirá com a maior segurança e firmeza no caminho prescrito pelo seu inconsciente. (3)



Tudo que é necessário pode ser vivido somente se contarmos conosco e suportarmos as coisas sem reclamar. Deveríamos sempre nos dizer: é assim que é e não há nada que eu possa fazer sobre isso. Tudo o que deve ser acontece sem a nossa participação e a única coisa a fazer é nos mantermos firmes para suplantarmos a escuridão da existência humana.

Uma dependência muito forte das coisas que estão fora de nós e uma visão dinâmica demais do interior saem essencialmente de nosso desejo, intenção e vontade, os quais deveríamos deixar um pouco para trás em proveito do que realmente nos interessa: manter a nós próprios no caos deste mundo. (3)



O sarcasmo é o meio pelo qual escondemos de nós próprios os nossos sentimentos feridos. (3)



Se sintomas de poder atingirem o trabalho que é feito em torno de você, diminua então o

seu próprio poder e deixe os outros assumirem mais responsabilidades. Vou lhe ensinar uma lição muito importante. Eles aprenderão que mais poder e mais influência trazem mais sofrimento, como você próprio está aprendendo nas atuais condições.

Não se deve assumir o próprio poder enquanto a situação não for perigosa a ponto de necessitar de violência. O poder que é constantemente afirmado trabalha contra si mesmo, e é afirmado justamente quando se está temeroso de perdê-lo. Não se deve ter medo de perdê-lo. Ganha-se mais paz perdendo poder. (3)



Lamento que você esteja se sentindo tão mal. “Depressão” significa literalmente “ser forçado para baixo”. Isto pode acontecer mesmo quando conscientemente você não tem nenhum sentimento de estar “em cima”.

Se eu tivesse de viver em um país estrangeiro, procuraria uma ou duas pessoas aparentemente amáveis e me tornaria útil a elas, para que a libido viesse de fora, mesmo em uma forma um tanto primitiva como, por assim dizer, a de um cachorro abanando o seu rabo. Eu criaria animais e plantas e descobriria a alegria no seu progresso. Eu me cercaria de beleza – não importa se primitiva ou desprovida de arte – objetos, cores, sons. Eu comeria e beberia bem.

Quando a escuridão se tornasse mais densa, eu penetraria no seu próprio centro e terreno e não descansaria até que uma luz me aparecesse no meio da dor. A natureza reverte a si própria. Eu me voltaria com raiva contra mim mesmo e com o ardor da minha raiva eu derreteria o meu chumbo. Eu renunciaria a tudo e me engajaria nas atividades mais baixas, se a minha depressão me levasse à violência. Eu lutaria com o anjo mau até deslocar o meu quadril. Pois ele é também a luz e o céu azul que me impede de ver.

De qualquer modo, isso é o que *eu* faria. O que os outros fariam é uma outra questão que não posso responder. Mas também para você há um instinto, seja para sair [desse estado] ou para mergulhar profundamente nele. Mas não há meias-medidas ou meia coragem. (3)



Ninguém pode fazer história se não quiser arriscar tudo, levar a experiência da sua própria vida até o amargo fim e declarar que a sua vida não é uma continuação do passado, mas sim um novo começo. A mera continuação pode ser deixada aos animais, mas a inauguração é a prerrogativa do homem, a coisa da qual ele pode se vangloriar por ser o que o coloca acima das bestas. (86)



A grande maioria das pessoas é incapaz de se colocar individualmente na mente de um outro. Na verdade, esta é uma arte especialmente rara e, para dizer a verdade, não nos leva muito longe. Até mesmo o homem que pensamos mais conhecer e que nos assegura que o entendemos completamente é no fundo um estranho para nós. Ele é *diferente*. O máximo que podemos fazer, e o melhor, é ter ao menos um lampejo da sua alteridade, respeitá-la e nos

prevenirmos contra a ultrajante estupidez de querer interpretá-la. (89)



O erro é uma condição do progresso da vida tão importante como a verdade. (79)



Nesta existência insuperavelmente rotineira, que lástima, há muito pouco de saudável no que é ordinário, e não há muito espaço para o heroísmo conspícuo. O que não quer dizer que desafios heróicos não nos sejam nunca feitos: ao contrário, é justamente isso o que é tão irritante e cansativo – o banal cotidiano faz exigências corriqueiras à nossa paciência, devoção, perseverança e auto-sacrifício; e para atendermos a essas exigências por meio de gestos heróicos (como devemos), humildemente e sem aplausos encomiásticos, é necessário um heroísmo que não pode ser visto de fora. Ele não brilha e não é elogiado, e sempre procura se esconder sob o disfarce do cotidiano. (81)



[Com demasiada frequência] nós nos limitamos ao que é [facilmente] conseguido, o que significa renunciar a todas as nossas outras potencialidades psíquicas. Um homem perde uma peça valiosa do seu passado, outro, uma peça valiosa do seu futuro. Qualquer um de nós pode se lembrar de amigos ou companheiros de escola que eram jovens promissores e idealistas, mas que, ao nos encontrarmos novamente com eles, anos mais tarde, parecem ter-se tornado secos e encolhidos dentro de um molde estreito. (74)



Seja o homem por meio do qual você quer influenciar os outros. Simplesmente falar foi sempre considerado vazio e não há truque, por mais esperto que seja, pelo qual essa simples verdade pode ser contrariada, em longo termo. O que tem sempre funcionado, em todos os tempos, é o fato de se estar convencido, e não a coisa da qual estamos convencidos. (51)



O desapontamento, que é sempre um choque para os sentimentos, não somente é a mãe da amargura, mas o mais forte incentivo possível para uma diferenciação de sentimento. O fracasso de um plano favorito, o decepcionante comportamento de uma pessoa amada, pode fornecer o impulso seja para uma explosão mais ou menos brutal do afeto ou para uma modificação e ajuste de sentimento e, portanto, para o seu maior desenvolvimento.

Isso culmina em sabedoria se o sentimento for complementado pela reflexão e pelo *insight* racional. A sabedoria não é nunca violenta: onde ela reina, não há conflito entre pensamento e sentimento. (41)



Lutar pela perfeição é um ideal elevado. Mas eu digo: “Realize algo que você é capaz de realizar, de preferência a correr atrás do que nunca conseguirá realizar”. Ninguém é perfeito. Lembre-se do que diz a Bíblia: “Ninguém é bom, somente Deus”, e ninguém pode ser [Deus]. Essa é uma ilusão. Podemos tentar modestamente nos realizar e nos tornarmos um ser humano tão completo quanto possível, e isso já nos dará bastante trabalho. (5)



Sem dúvida há pessoas excepcionais que conseguem sacrificar a sua vida inteira a uma fórmula particular; mas para a maioria de nós essa exclusividade é impossível, em um longo termo. (56)



Preocupar-se é uma atividade estéril que se processa em um círculo e nunca atinge um objetivo razoável. Não é um trabalho, mas uma fraqueza, até mesmo um vício. Por outro lado, quando você está com depressão é natural que tome a si mesmo como objeto de estudo sério, assim como pode perquirir com seriedade a sua consciência, sem cair em fraqueza moral.

Quem está mal consigo próprio, ou sente uma necessidade de melhorar, quem, em poucas palavras, deseja “crescer”, deve aconselhar-se consigo próprio. Pois a menos que você mude a si próprio intimamente, mudanças exteriores na situação são inúteis ou realmente prejudiciais. (25)



Devemos ser capazes de deixar que as coisas aconteçam na psique. Para nós, essa é uma arte da qual a maioria das pessoas não sabe nada. A consciência está sempre interferindo, ajudando, corrigindo e negando, não deixando nunca que os processos psíquicos cresçam em paz. Isso seria bastante simples, se a simplicidade não fosse a coisa mais difícil. (84)



Todos os maiores e mais importantes problemas da vida são fundamentalmente insolúveis. Eles têm de ser assim, pois expressam a polaridade necessária, inerente a todo sistema autorregulador. Não podem nunca ser resolvidos, mas somente superados. (84)



As pessoas farão qualquer coisa, por mais absurda que seja, para evitarem se defrontar com a sua própria alma. Praticarão ioga hindu com todos os seus exercícios, farão dieta, aprenderão teosofia de cor, ou repetirão mecanicamente textos místicos da literatura do mundo inteiro – tudo porque não podem agüentar a si próprias e não crêem de maneira alguma que algo de útil possa surgir de sua própria alma. (58)



O tratamento psicológico não pode libertá-lo dos fatos básicos da sua natureza; pode somente lhe fornecer o necessário *insight*, e somente à medida que você for capaz dele. Há inúmeras pessoas que têm uma extroversão insuficiente, ou demasiada introversão, ou muito pouco dinheiro, que... devem mourejar a vida toda sob essas condições. Estas não são doenças, mas dificuldades normais da vida. (3)



Precisamos ter cuidado, sem dúvida, mas não podemos recusar dar o nosso apoio a uma aventura séria que desafie o todo da personalidade. Se nos opusermos a isso, estaremos tentando suprimir o que é melhor no homem – a sua ousadia e as suas aspirações. Caso tivéssemos sucesso nisso, estaríamos somente atrapalhando uma experiência inavaliável, que pode dar sentido a uma vida. O que teria acontecido se Paulo tivesse se deixado convencer de que não devia fazer sua viagem a Damasco? (64)



Tudo que é bom é difícil, e o desenvolvimento da personalidade é uma das mais difíceis de todas as coisas. É uma questão de se dizer sim a si próprio, de considerar a si próprio como a mais séria das tarefas, de estar consciente de tudo o que se faz e de ter sempre diante dos olhos isso, em todos os seus aspectos dúbios: na verdade, uma tarefa que nos exige ao máximo. (84)



O que acontece a uma pessoa é característica dela. Representa um padrão onde todas as peças se encaixam. À medida que a vida prossegue, essas peças uma por uma vão para o seu lugar, de acordo com algum plano predestinado. (8)



As maiores decisões da vida humana em geral têm muito mais que ver com os instintos e outros misteriosos fatores inconscientes do que com a vontade consciente e com a racionalidade bem intencionada. Os sapatos que servem para um, machucam os pés de outro; não há uma receita universal para se viver. Cada um de nós tem dentro de si a sua própria forma de vida – uma forma irracional que não é suplantada por qualquer outra. (13)



O sofrimento que não é entendido é difícil de ser suportado, enquanto, por outro lado, com frequência é espantoso ver o quanto uma pessoa pode agüentar quando entende o porquê e o para quê do sofrimento. Uma visão filosófica ou religiosa do mundo capacita-o para isso, e tais visões provam ser, no mínimo, métodos psíquicos de cura, se não de salvação. (42)



Para que seja completa e realizada, a vida requer um equilíbrio entre a alegria e o

sofrimento. Mas como o sofrimento é decididamente desagradável, naturalmente as pessoas preferem não pensar por que tanto medo e tanto sofrimento fazem parte do destino do homem. Assim, falam de maneira confortadora sobre o progresso e a maior felicidade possível, esquecendo que a própria felicidade é envenenada quando a porção de sofrimento não se realizou. (65)



Para descobrir a felicidade no espírito é preciso estar possuído de um “espírito” de encontrar essa felicidade. Uma vida fácil e segura convence qualquer um de todas as alegrias materiais, e até compele o espírito a inventar meios novos e melhores para se atingir o bem estar material, mas nunca *produz* espírito. Provavelmente só o sofrimento, a desilusão e autonegação fazem isso. (70)



É muito melhor sentir que não se é perfeito; assim nos sentimos muito melhor. (5)



É muitas vezes trágico ver como alguém pode explicitamente estragar a sua própria vida e a dos outros, e, no entanto, continuar totalmente incapaz de ver o quanto toda essa tragédia se origina nele mesmo e como ele continuamente a alimenta e a faz continuar. (14)



Todos nós ficamos contentes quando conseguimos nos afastar de nossos problemas; se possível, eles não devem ser mencionados, ou melhor ainda, a sua existência é negada. Desejamos tornar nossas vidas simples, certas e fáceis, motivo pelo qual os problemas constituem um tabu. Queremos ter certeza e não dúvidas, resultados e não experiências, sem sequer ver que as incertezas podem surgir somente por meio da dúvida e os resultados somente da experiência. A engenhosa negação de um problema não produzirá uma convicção; ao contrário, é preciso ter uma consciência mais ampla e mais elevada, para que ela nos dê a certeza e a clareza de que necessitamos. (74)



Em vez de fazer guerra a si próprio, certamente é melhor para um homem aprender a se tolerar, e converter as suas dificuldades íntimas em experiências reais, em vez de usá-las em fantasias inúteis. Assim pelo menos ele vive e não desperdiça a sua vida em lutas infrutíferas.

Se as pessoas puderem ser educadas para que vejam o lado mais baixo de suas próprias naturezas, será possível esperar que também aprendam a entender e a amar melhor os homens seus companheiros. Um pouco menos de hipocrisia e um pouco mais de tolerância consigo próprio pode dar somente bons resultados, em relação ao nosso vizinho. Pois estamos sempre demasiado inclinados a transferir para nossos companheiros a injustiça e a violência que infligimos sobre nossas próprias naturezas. (91)



Somente um tolo se interessa pela culpa de uma outra pessoa, pois ele não pode alterá-la. O sábio aprende somente com a sua própria culpa. Ele se perguntará: quem sou eu para que tudo isso aconteça comigo? Para descobrir a resposta a essa questão fatal, ele olhará para o seu próprio coração. (58)



Uma pessoa que não foi fiel à lei do seu ser, que não se elevou à altura da sua personalidade, fracassou em compreender o sentido de sua vida. (26)



Experiências [profundas] não podem ser feitas. Elas acontecem – felizmente a sua independência da atividade do homem não é absoluta, mas relativa. Podemos chegar mais perto delas – isso está dentro do alcance humano. Há sempre meios que nos aproximam da experiência viva; no entanto, devemos tomar cuidado quando chamamos esses meios de “métodos”. A própria palavra [método] tem um efeito mortal. Além disso, o caminho para a experiência é tudo menos um truque esperto: é antes uma aventura que requer o nosso engajamento com todo o nosso ser. (64)



Devemos admitir que um ataque de raiva ou de mau humor tem um atrativo secreto. Se não fosse assim, a maioria das pessoas há muito tempo teria adquirido um pouco de sabedoria. (17)



Há experiências pelas quais devemos passar, razão pela qual não podem ser substituídas. Frequentemente essas experiências são de inestimável valor. (79)



Um jovem inexperiente pensa que devemos deixar as pessoas idosas morrerem, já que, de qualquer maneira, nada mais pode acontecer-lhes; elas têm suas vidas atrás delas e não são mais do que pilares petrificados do passado.

Mas é um grande erro supor que o significado da vida termina com o período da juventude e da expansão; que, por exemplo, uma mulher esteja “acabada” depois da menopausa. O entardecer da vida é tão cheio de significado como a manhã, somente o seu significado e propósito são diferentes. (81)



O seu ponto de vista parece coincidir com o dos místicos medievais, que tentaram dissolver-se em Deus. Vocês todos parecem estar interessados em saber como voltar para o *self*

em vez de procurarem o que o *self* quer que vocês façam no mundo, onde – pelo menos por enquanto – estamos localizados, presumivelmente por um determinado propósito...

Ninguém pode estar mais convencido da importância do *self* do que eu. Porém, assim como um jovem não permanece na casa do seu pai, mas sai para o mundo, eu também não retorno para o *self*, contudo o retiro de experiências múltiplas e monto-o novamente. O que deixei para trás, aparentemente perdido, encontro em cada coisa com que me deparo no meu caminho. (3)



Se resumirmos o que as pessoas nos dizem sobre as suas experiências [de crescimento], podemos formulá-lo desta maneira: elas chegaram a si próprias, puderam aceitar-se, foram capazes de se reconciliarem consigo, e dessa forma se reconciliaram com os eventos e com as circunstâncias adversos. É quase como o que costumávamos expressar dizendo: ele fez a sua paz com Deus, ele sacrificou a sua própria vontade, ele se submeteu à vontade de Deus. (60)



Tornou-se claro de modo patente, não somente na física como no campo da pesquisa psicológica, que o maior esforço vem das menores causas. Quão freqüentemente, nos momentos críticos da vida, tudo depende do que parece ser um mero nada! (92)



A vida é louca e ao mesmo tempo significativa, e quando não rimos sobre um aspecto e especulamos sobre outro, a vida é extremamente monótona e tudo se reduz à menor escala. Então há pouco sentido e pouca falta de sentido, também. (19)

* Um professor de sânscrito com o qual Jung teve várias conversas estimulantes durante a sua visita a Harvard, em 1936.

LISTA DE FONTES

- Dialogue with C. G. Jung*. Organizado por Richard Evans. Nova York: Praeger, 1981.
- C. G. Jung Speaking: Interviews and Encounters*. Organizado por William McGuire e R. F. C. Hall. Princeton: Princeton University Press, 1977.
- C. G. Jung: Letters*. Volume 1: 1906-1950. Volume 2: 1951-1961. Selecionado e organizado por Gerhard Adler. Em colaboração com Aniela Jaffé. Traduzido do alemão por R. F. D. Hull. Princeton: Princeton University Press, 1975.
- C. G. Jung: Analytical Psychology: Its Theory and Practice* (The Tavistock Lectures). Nova York: Vintage, 1970.
- C. G. Jung: Man and His Symbols*. Garden City, Nova York: Doubleday, 1964.
- C. G. Jung: Memories, Dreams, and Reflections*. Gravado e organizado por Aniela Jaffé. Traduzido por Richard e Clara Winston. Nova York: Random House, 1963.
- Face to face: BBC Interview com John Freeman, 1959. In Hug Burnett, *Face to face*, 1964.
- "Men, Women, and God." *Daily Mail* (Londres), abril, 28-29, 1955.
- "Roosevelt 'Great' in Jung's Analysis," *New York Times*, outubro, 4, 1936.

As seguintes seleções das Obras Completas de Jung (*Jung's Collected Works*) (CW) foram também usadas. Depois do título de cada seção é identificado o volume correspondente da coleção.

- General Problems of Psychoterapy, CW 16.
- Principles of Practical Psychotherapy, CW 16.
- After the Catastrophe, CW 10.
- The aims of Psychotherapy, CW 16.
- Aion, CW 9, Part II.
- Analytical Psychology and Education, CW 17.
- Analytical Psychology and Weltanschauung, CW 8.
- Answer to Job, CW 11.
- Archaic Man, CW 10.
- Archetypes of the Collective Unconscious, CW 9.
- Basel Seminar, 1934, CW 18.
- Basic Postulates of Analytical Psychology, CW 8.
- Brother Klaus, CW 11.
- Foreword by Jung to *Die Anima als Schicksalsproblem des Mannes*, por Cornelia Brunner, CW 18.
- Epílogo feito por Jung ao *L'homme à la découverte de son âme*, por Roland Cahen, CW 18.
- Depth Psychology and Self-Knowledge, CW 18.
- The Development of Personality, CW 17.
- Psychological commentary por Jung, *The Tibetan Book of the Dead*, por W. Y. Evans-Wentz, CW 11.
- Comentários psicológicos de Jung ao *The Tibetan Book of the Great Liberation*, por W. Y. Evans-Wentz, CW 11.
- Flying Saucers: A Modern Myth of Things Seen in de Skies, CW 10.
- Freud and Jung: contrasts, CW 4.
- General Aspects of Dream Psychology, CW 8.
- The Gifted Child, CW 17.
- Good and Evil in Analytical Psychology, CW 10.
- Prefácio de Jung a *The Way of All Women*, por Esther Harding, CW 18.
- In Memory of Sigmund Freud, CW 15.
- Prefácio a *Seelenprobleme der Gegenwart*, CW 18.
- Resenha de Jung: *La Révolution Mondiale* por Count Hermann Keyserling, CW 10.
- Introdução de Jung a *Secret Way of the Mind*, por W. M. Kranefeldt, CW 4.
- Marriage as a Psychological Relationship, CW 17.
- The Meaning of Psychology for Modern Man, CW 10.
- Mysterium Coniunctionis, CW 14.
- Declaração de Jung para a brochura do editor, *Die Reden Gotamo Buddhos*, por Karl Eugen Neumann, CW 18.
- On the Nature of Dreams, CW 8.
- On the Nature of Psyche, CW 8.

On the Psychic Energy, CW 8.
On the Relationship of Analytical Psychology to Poetry, CW 15.
Paracelsus, CW 15.
Paracelsus as a Spiritual Phenomenon, CW 13.
The Philosophical Tree, CW 13.
The Practical Use of Dream Analysis, CW 16.
Problems of Modern Psychoterapy, CW 16.
Psychic Conflicts in a Child, CW 17.
A Psychological Approach to the Dogma of the Trinity, CW 11.
Psychological Aspects of the Mother Archetype, CW 9, Part I.
The Psychological Foundations of Belief in Spirits, CW 8.
Psychological Types, CW 6.
Psychological Typology, CW 6.
Psychological and Alchemy, CW 12.
Psychological and Literature, CW 15.
Psychology and Religion, CW 11.
The Psychology of Eastern Meditation, CW 11.
The Psychology of the Child Archetype, CW 9, Part I.
The Psychology of the Transference, CW 16.
Psychotherapists or the Clergy, CW 11.
Psychotherapy and a Philosophy of Life, CW 16.
Psychotherapy Today, CW 16.
The Real and the Surreal, CW 8.
The Realities of Practical Psychotherapy, CW 16.
Religion and Psychology: A Reply to Martin Buber, CW 18.
Return to the Simple Life, CW 18.
Some Crucial Points in Psychoanalysis: A Correspondence Between Dr. Jung and Dr. Löy, CW 4.
The Soul and Death, CW 8.
Spirit and Life, CW 8.
The Stages of Life, CW 8.
The State of Psychotherapy Today, CW 10.
The Structure of the Psyche, CW 8.
Prefácio de Jung a *An Introduction to Zen Buddhism* por D. T. Suzuki, CW 11.
Symbols of Transformation, CW 5.
The Theory of Psychoanalysis, CW 4.
Transformational Symbolism in the Mass, CW 11.
On the Psychology of the Unconscious, CW 7.
The Undiscovered Self, CW 10.
What India Can Teach Us, CW 10.
Comentário de Jung a *The Secret of the Golden Flower*, por Richard Wilhelm, CW 13.
Resenha feita por Jung de *Die Sexuelle Not*, por F. Wittels, CW 18.
Woman in Europe, CW 10.
Wotan, CW 10.
Instinct and the Unconscious, CW 8.
The Relations between the Ego and the Unconscious, CW 7.
The Spiritual Problem of Modern Man, CW 10.
News Paths in Psychology, CW 7.
The Phenomenology of the Spirit in Fair Tales, CW 9, Part 1.
Prefácio de Jung a *Von de inneren Welt des Menschen* por Frances G. Wickes, CW 18.
What Is Psychotherapy?, CW 16.
Individual Dream Symbolism in Relation to Alchemy, CW 12.
The Meaning of Psychology for Modern Man, CW 10.
Concerning the Archetypes, with Special Reference to the Anima Concept, CW 9, Part 1.

BIBLIOGRAFIA

BIOGRAFIAS

- BENNET, Edward. *Jung*. Londres: Barrie & Rockliff, 1961.
- BROME, Vincent. *Jung: Man and Myth*. Londres: Macmillan, 1978.
- FRANZ, Marie-Louise, von. *C. G. Jung: His Myth in Our Time*. Traduzido por William Kennedy. Nova York: Putnam, 1975.
- HANNAH, Barbara. *C. G. Jung: His Life and Work: A Biographical Memoir*. Nova York: Putnam, 1976.
- JAFFÉ, Aniela. *C. G. Jung: Word and Image*. Princeton University Press, 1979.
- JUNG, Carl G. *Memories, Dreams, and Reflections*. Organizado por Aniela Jaffé e traduzido por Richard e Clara Winston. Nova York: Vintage, 1989.
- MCLYNN, Frank. *Carl Gustav Jung*. Nova York: St. Martins's Press, 1996.
- STERN, Paulo. *Jung: The Haunted Prophet*. Nova York: Braziller, 1976.
- STORR, Anthony. *Jung*. Londres: Fantana, 1973.
- VAN DER POST, Lauren. *Jung and the Story of Our Time*. Nova York: Pantheon, 1975.

COLEÇÃO DE CARTAS

- C. G. Jung Letters*. Seleção e organização de Gerhard Adler em colaboração com Aniela Jaffé. Tradução de R. F. Hull, 2 volumes. Princeton: Princeton University Press, 1975.
- The Freud-Jung Letters*. Organização de William McGuire. Tradução de Ralph Manheim & R. F. C. Hull. Princeton: Princeton University Press, 1974.

JUNG EM DIÁLOGO

- C. G. Jung Speaking: Interviews and Encounters*. Organização de William McGuire & R. F. C. Hull. Princeton: Princeton University Press, 1977.
- Dialogue with C. G. Jung*. Organização de Richard Evans. Nova York: Praeger, 1981.

ANTOLOGIAS DOS PRINCIPAIS ESCRITOS DE JUNG

- C. G. Jung. Psychological Reflections*. Organização de Jolande Jacobi & R. F. C. Hull. Princeton: Princeton University Press, 1978.
- The Portable Jung*. Organização de Joseph Campbell. Tradução de R. F. C. Hull. Nova York: Penguin, 1971.

OBRAS COMPLETAS

- The Collected Works of C. G. Jung*, 21 volumes. Organização de Herbert Read, Michael Fordham & Gerhard Adler. Princeton: Princeton University Press, 1953-1983.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adaptação, [117](#), [132](#), [141](#), [153](#), [182](#)
Adesões cegas, [63](#), [248](#)
Adler, [17](#), [37](#), [40](#), [69](#)
Adulterio, [167](#)
África, [41](#), [42-44](#), [46](#), [125](#)
Agnosticismo, [207](#)
Alimento, [159](#)
Alma (s), [52](#), [65](#), [71](#), [74](#), [76-77](#), [83](#), [96](#), [98](#), [110](#), [117-118](#), [133-34](#), [176](#), [197](#). Veja também Alma Divina, [203-226](#)
Alquimia, [18](#), [47-49](#), [130](#)
Americanização, [237](#)
Amor, [7](#), [11](#), [46](#), [128](#), [143](#), [159-170](#); arquétipos e, [86](#), [161](#)
Análise, [171-182](#)
Animus, [39](#), [160](#), [165](#)
Anti-semitismo, [49-50](#)
Antologias, [261](#)
Apêndice, [106](#)
Arqueologia, [21](#), [66](#)
Arquétipo (s), [39](#), [41](#), [84-88](#), [89-90](#), [104-105](#), [109-111](#); átomo versus, [80](#), [91](#)
biologia e, [80](#), [92-93](#); definição de, [76](#), [80](#); música e, [149](#); como complexo de Édipo, [84-85](#); eventos psíquicos e, [75](#), [78-80](#), [92-93](#)
Arte, [11](#), [101](#), [147-158](#)
Arte-terapia, [36](#)
Artistas da Renascença, [154](#)
Ascendente, [19-24](#)
Asserções metafísicas, [83](#)
Associação Psicanalítica Internacional, [30-31](#)
Astrologia, [55](#), [219-220](#)
Átomo, [80](#), [91](#), [233](#)
Autoconfiança, [154](#)
Autoconhecimento, [32](#), [34](#), [129-130](#), [223](#)
Autoconsciência; guerra e, [125](#)
Autocrítica, [172](#)
Auto-realização. *Veja* Individuação

B

Barulho, [233](#), [234](#)
Biografias, [260](#)
Biologia, [80](#), [84](#), [92-93](#)
Bleuer, Eugen, [24](#)
Bruxas, [79](#)
Buda (budismo), [185-86](#), [198](#), [210](#), [217](#), [227](#), [234](#)
Burgholzi, [24-26](#)

C

Cabala, [7](#), [18](#), [52](#)
Cântico dos Cânticos, [20](#)
Cartas,
Casamento, [161](#), [166](#)
Cautela, [249](#)

Causas pessoais, [150](#)
Cérebro, o, [110](#), [115](#)
Céu estrelado, [77](#), [91](#), [97](#)
Chacras, [47](#)
Choque, [247](#)
Ciências, [8](#), [18](#), [21](#), [22](#), [31](#), [54](#), [56](#), [73](#), [74](#), [82](#), [97](#), [99](#), [101](#), [105](#), [110](#), [130](#), [237](#)
Clark, Walter, [241](#)
Clube Psicológico (Zurique), [38](#)
Coincidências, [52-54](#), [213](#)
Coleção de Cartas, [260](#)
Collected Works de C. G. Jung, [19](#), [260-61](#)
Complexo de Édipo, [31](#), [84](#), [85](#)
Complexo de incesto, [69](#), [85](#)
Complexo de inferioridade, [138](#)
Complexo de poder, [69](#), [159-160](#)
Condenação, [181](#)
Conferência sobre psicologia freudiana, [29](#)
Consciência, [28](#), [51](#), [53](#), [66](#), [71](#), [77](#), [78](#), [96](#), [98](#), [99](#), [100-102](#), [104](#), [105](#), [107](#), [110](#), [111](#), [119](#), [123](#), [124](#), [129](#), [130](#), [144](#), [146](#), [148](#), [166](#), [167](#), [175](#), [186](#), [192-194](#), [197](#), [207](#), [210](#), [211](#), [217-219](#), [222-223](#), [226](#), [244](#), [248](#); infância e, [115](#), [140](#); ocidente versus oriente, [222](#); ilusão versus, [81](#); individuação e, [125-26](#), [134](#); personalidade e, [88](#), [140](#)
Contemplação, [223](#)
Conto de fadas, [119](#)
Convenção social, [154](#)
Convicção pessoal, [140-141](#)
Corpo, [38-39](#), [47](#), [71](#), [77](#), [79](#), [81](#), [94-96](#), [106](#), [110](#), [115](#), [116](#)
Crença, [22](#), [41](#), [184](#), [190-191](#), [192](#)
Criatividade, [7](#), [11](#), [34](#), [37](#), [147-158](#)
Cristianismo, [49](#), [186-87](#), [190](#), [193-95](#)
Culpa, [90](#), [100](#), [253](#)

D

Depressão, [33](#), [244-245](#)
Desapontamento, [247](#)
Descartes, René, [156](#)
Desejo de poder, [159](#)
Desenvolvimento do mundo, [227-238](#)
Determinantes, psique e, [84](#)
Deus (deidade), [44](#), [45](#), [65](#), [89](#), [124](#), [183](#), [189](#), [203](#), [204](#), [206-209](#), [213-215](#). Veja também [Religião](#)
Deus (imagem), [203-204](#), [207-209](#), [212-214](#)
Dia de Finados, [212](#)
Diagnostic Association Studies, [28](#)
Diferenciação, [136-137](#)
Dissociação, [228](#)
Distrações, [233](#)
Don Juan, [166](#)
Dr. Jekyll and Mr. Hyde (Stevenson), [156](#)

E

Educação, crianças e, [116](#), [117](#), [119-121](#); de Jung, [21-28](#); religião, [194-196](#)
Educadores (educando), [116](#), [117](#)
Ego, [78](#), [89](#), [91](#), [121](#)
Ego consciente, [35](#), [45](#), [138](#)
Einstein, Albert, [53](#), [69](#)
Elgonyi, [44](#)
Elias, [34](#)

Emoções (afeto), [101](#), [108](#), [234](#), [240](#), [241](#)
Empatia, [245](#)
Empirismo, [64](#), [66](#), [67](#), [73](#), [74](#), [80](#)
Envelhecimento, [17](#), [55](#), [70](#)
Eros, [166](#), [167](#)
Erros, [103](#), [246](#)
Escola de Medicina, [22](#), [24](#)
Escolaridade, de Jung, [21](#)
Especialização, [24](#), [232](#)
Espelho, [102](#)
Esperiências transformadoras, [185](#)
Esquire, [57](#)
Esquizofrenia, [26](#)
Esquizofrênicos, [30](#)
Esteticismo, [154](#)
Estrelado, [77](#)
Estudos de Jung, [21-27](#)
Eterna criança, [120](#)
Ética, [105](#), [110](#), [131](#). *Veja também* Moralidade, Sexo e, [167](#), [169](#)
Eventos contemporâneos, Eventos psíquicos, Evolução, [72](#), [95](#), [96](#), [110](#), [116](#)
Experiências próximas da morte, Extrovertidos, [40](#), [93](#), [94](#), [194](#), [200](#)

F

Família, círculo, [127](#), [174](#) *Veja também* Parentes
Fanatismo, [63](#), [189](#), [198](#), [199](#)
Fantasias, [25](#), [30](#), [34-36](#), [39](#), [48](#), [56](#), [111](#), [148](#), [151](#), [157](#), [188](#)
Fé, [65](#), [124](#), [134](#), [190-191](#), [204](#)
Fenômenos de fantasmas, [216](#)
Fílemon, [34](#), [35](#), [39](#)
Filhos amorais, [118](#)
Filologia, [66](#)
Filosofia, [11](#), [21](#), [29](#), [42](#), [65](#), [66](#), [105](#), [110](#), [183-202](#)
Físicas, [53](#), [54](#), [56](#), [66](#), [73](#), [203](#), [213](#). *Veja também*
Física nuclear, [73](#), [80](#), [93](#), [233](#)
Flournoy, Théodore, [29](#), [30](#)
Forças do inconsciente, [77-79](#)
Freud, Sigmund, [8](#), [17](#), [18](#), [25](#), [38](#), [40](#), [56](#), [66](#), [70](#), [84](#), [85](#), [120](#); sonhos e, [169](#), [179](#), [180](#); Jung e, [27-31](#), [260](#); rompimento, [18](#), [29-31](#)
Freudiano, [69](#)
Fumantes, [93](#)
Fumantes de cachimbo, [93-94](#)
Fumantes de cigarro, [94](#)

G

Genes, [72](#). *Veja também* Evolução
Gênios, [147-158](#)
Ginásio da Basileia, [21-22](#)
Global, como pessoal, [144-146](#)
Gnosticismo, [18](#), [30](#), [34](#), [47](#)
Goethe, Johann Wolfgang, [19](#), [34](#)
Guerra, [125](#). *Veja também* Primeira Guerra Mundial; Segunda Guerra Mundial

H

Hall, Calvin, [29](#)
Hereditariedade, [111](#), *Veja* Evolução

Heróis, [108](#), [124](#), [186](#), [246](#)
Hinduismo, [198](#)
História, [7](#), [42](#), [64](#), [66](#), [105](#), [110](#), [111](#), [144-146](#), [156](#), [245](#); cristianismo, [196-197](#); educação, [231](#), [232](#), [236](#)
História do mundo, [144-146](#)
Hitler, Adolf, [49](#), [88](#)
Homem e seus símbolos, o, [58](#)
Homem primitivo, [95](#), [125](#), [133](#), [169](#), [184](#); mitos e, [192](#), [193](#)
Homem Santo, [45](#)
Homens Santos da Índia, [46](#)

I

I Ching, [17](#), [42](#), [47](#), [53](#), [54](#), [55](#), [219](#)
Ideal adulto, [121](#)
Idéias, [17](#), [19](#), [30](#), [31](#), [40](#), [43](#), [44](#), [64](#), [82](#), [88](#), [91](#), [103](#), [105](#), [110](#), [130](#), [155](#), [156](#)
Identificação, [111](#)
Iluminismo,
Iluminação, [201](#)
Ilusões (idéias ilusórias), [82](#), [217](#)
Imagem (s), [32](#), [33](#), [35](#), [36](#), [48](#), [71](#), [76](#), [77](#), [78](#), [92](#), [95](#), [118](#), [123](#); arquétipos e, [80](#), [85-86](#), [160](#). *Veja também* Arquétipo; Deus- [203](#), [207](#), [212](#), [213](#) primordial, [72](#), [105](#), [109](#), [113](#), [125](#), [147](#), [237](#); de mulher, [86](#), [160](#)
Imaginação, [35](#), [151](#), [217](#); ativa, [35](#), [111](#)
Imitação, [86](#), [135](#), [136](#)
Impotência, [82](#), [160](#)
Inconsciente, [77](#), [94](#), [96-98](#); coletivo. *Veja* Inconsciente coletivo; destino e, [101-102](#); forças do, [77](#); Deus e, [212](#); individuação e, [124](#), [125](#), [129](#), [134](#); criatividade e, [149-151](#); física nuclear e, [73](#), [80](#), [93](#); personalidade e, [88](#), [140](#)
Índia, [45](#), [46](#)
Índios Pueblo, [43](#)
Individuação, [39](#), [48](#), [49](#), [123-143](#)
Individuação versus, [129](#), [130](#), [137](#)
Individualismo,
Infância, [115-122](#), [198](#); círculo familiar e, [127-28](#); mandala e, [90-91](#); *tabula rasa* e, [72](#), [115](#), [232](#), [236](#)
Infantilismo, [118-119](#), [124](#), [151](#)
Infravermelho psíquico, [79](#)
Inimigos, [28](#), [166](#)
Inovação, [25](#), [147-158](#)
Insight, [33](#), [36](#)
Insights, [19](#), [30](#), [41](#), [249-252](#)
Instinto (necessidades instintivas), [78](#), [79](#), [84](#), [92](#), [99](#), [118](#); sexo e, [159](#), [167](#), [168](#)
Instinto lúdico, [151](#)
Instituto C. G. Jung, [38](#), [55](#)
Intelecto (inteligência), [56](#), [76](#), [79](#), [89](#), [97](#), [101](#), [103](#), [104](#), [114](#), [165](#), [240](#), [241](#)
Interpretação dos Sonhos, [27](#)
Intimidade, [159-170](#)
Introvertidos (introversão), [40](#), [93](#), [94](#), [199](#), [200](#), [241](#)
Intuição, [28](#), [40](#), [45](#), [89](#), [90](#), [112](#), [145](#), [157](#), [210](#)

J

Jaffé, Aniela, [57](#)
James, Willian, [22](#), [29](#), [38](#), [40](#), [50](#)
Janet, Pierre, [25](#)
Japão, [67](#)
Jogos, [33](#)
Jung, Carl, Sr., [19](#), [21](#)
Jung, Emilie Preiswerk, [20](#)
Jung, Emma Rauschenbach, [26](#), [27](#), [56](#), [57](#)

Jung, Johanna Gertrud, [20](#)
Jung, Paul, [19](#)
Junguiano, [63](#)
Juventude de Carl Jung, [19-22](#)

K

Kekule von Stradonitz, Friedrich, [156](#)
Kraftt-Ebing, Richard von, [24](#)
Kretchmer, Ernest, [49](#)

L

Lao-tsé, [242](#)
Libido, [125](#)
Limitação, [98](#)
Livro das Mudanças, [54](#)
Livro Negro, [34](#)
Livro Vermelho, [34](#)
Loucura pública, [107](#)

M

Má-consciência, [186](#)
Mães, [127-128](#)
Mães solteiras, [164](#)
Maharishi, [242](#)
Mal-humorado, [253](#)
Mal, [82](#), [129](#)
Man and His Symbols,
Mandala, [36](#), [47](#), [89](#); sonhos e, [90](#), [91](#)
Marxismo, [56](#)
Masculinização, [162](#)
Matemática, [21](#), [69](#)
Materialismo, [22](#), [29](#), [81](#), [209](#), [218](#). Veja também Mundo físico.
McCormick, Edith, [38](#)
Mecânica quântica, [53](#)
Meditação, [17](#), [198](#), [223](#)
Meio familiar,
Melhora do mundo, [11](#)
Memories, Dreams, and Reflections (Jung), [20](#), [52](#), [57](#)
Mentalidade de massas, [133](#)
Mente, [83](#), [115](#); inconsciente versus mente, [78](#)
Mescalina, [218](#)
Mídia, [57](#), [183](#), [233](#)
Miséria, [227](#)
Misticismo, [17](#), [18](#), [22](#), [29](#), [30](#), [42](#), [45](#), [46](#), [50](#), [53](#), [54](#), [56](#), [58](#), [63](#), [65](#), [203-228](#), [254](#)
Misticismo judaico, [34](#), [35](#), [52](#)
Mitos (mitologia), [30](#), [39](#), [47](#), [86](#), [109](#), [119](#), [183-202](#)
Moralidade (éticas), [139](#); criança e, [118](#); sexo e, [163](#), [164](#), [167](#), [168](#)
Morte, [50-52](#), [211](#), [212](#), [224](#); experiência de proximidade da, [57](#)
Mountain Lake, [43](#), [44](#)
Mudança social, [11](#), [227-238](#)
Mulher, imagem de, [86](#), [160](#)
Mundo físico, [74](#), [81](#), [104](#), [143-145](#), [189](#), [208-209](#), [216](#); Deus e, [208-209](#)
Música, [123](#), [149](#)
Myers-Briggs, Indicador tipológico, [17](#)

Mysterium Coniunctionis (Jung), [49](#), [56](#), [211](#)

N

Natureza, [25](#), [29](#), [39](#), [42](#), [45](#), [51](#), [54](#), [56](#), [66](#), [70](#), [71](#), [75](#), [76](#), [77](#), [82](#), [91](#), [93](#), [112](#), [123-127](#), [130](#), [131](#), [221-222](#), [224](#); mitos da, [184](#); religião e, [186](#)
Natureza feminina, [162](#)
Nazismo, [49](#), [50](#), [88](#)
Neologismos, [142](#)
Neumann, Erich, [49](#)
Neuroses (neuróticos), [124](#), [126](#), [129](#), [180](#), [197](#); psicoterapia e, [172-175](#), [179](#)
Norman, Montagu, [38](#)

O

Oannes, [228](#)
Oeri, Albert, [215](#)
On The Psychology and Pathology of So-Called Occult Phenomena, [23](#)
Oração (prece), [198](#)
Otimismo, [169](#)

P

Palavrões, [131](#)
Paracelso, [48](#)
Paranormal, [203-226](#)
Parapsicologia, [22](#), [29](#), [50](#), [54](#), [210](#)
Paternidade, [115](#), [122](#), [127](#), [129](#), [174](#)
Pauli, Wolfgang, [53](#)
Paulo, Santo, [249](#)
Pecado, [195](#), [225](#)
Pecado original, [195](#)
Pedagogia, [116](#)
Peixes, [228](#)
Perfeição, [247](#)
Persas, [195](#)
Persona, [86-87](#), [102](#), [113](#)
Personalidade, [139-140](#), [249](#). *Veja também* Self infância e, [119-122](#), [123](#)
Pesadelos, [148](#)
Pesquisas, [260](#)
Pessoas dotadas, [152](#)
Poincaré, Jules Henri, [156](#)
Política, [19](#), [56](#), [110](#), [228](#)
Possessão, [138](#)
Potencialidades psíquicas, [246](#)
Pré-cognição, [219](#)
Preiswerk, Samuel, [20](#)
Prêmio Nobel da Paz, [231](#)
Premonições, [89](#)
Preocupar-se, [94](#)
Primeira Guerra Mundial, [33](#), [37](#), [45](#)
Primeiro Congresso Internacional de Psicanálise, [29](#)
Princípio da causalidade, [214](#)
Problema contemporâneo, [144-146](#)
Professor (persona), [87](#)
Progoff, Ira, [34](#)
Projeções, [100](#), [160](#), [165](#), [178](#), [220](#), [221](#)

Prostituição, [164](#)
Protestantismo, [193](#), [194](#)
Psicologia de grupo, [131-132](#)
Psicologia e demência precoce, [26](#)
Psicologia experimental, [54](#), [171](#)
Psicologia individual, [17](#)
Psicologias individual, Adler e, Psicologismos, [83](#), [183](#), [206](#), [208-209](#)
Psicoterapia, [171-182](#), [249](#)
Psique humana, [18](#), [22](#), [37](#), [48](#), [52](#), [71-114](#)
Psychological and Alchemy (Jung), [49](#)

R

Rádio, [233](#), [183](#)
Raiva, [253](#)
Razão, [140](#) *Veja também* Intelecto Realização, [134](#)
Realizações, como ideal pessoal, [134](#)
Reencarnação, [217](#)
Re-experimentação, [120](#)
Religiões, [64](#), [183-202](#); alma divina, [203-226](#); oriental, [41-46](#), [53-54](#), [201](#)
Repressão, [29](#), [90](#) *Veja também* Sombras; sexualidade e, [163](#)
Revolução Francesa, [227](#)
Rhine, J. B., [54](#)
Ritos de iniciação, [206](#)

S

Sabedoria, [79](#), [242](#)
Sal, [79](#)
Salomé, [34](#), [39](#)
Sarcasmo, [244](#)
Saulo, [190](#)
Scholem, Gershom, [52](#)
Séances, [23](#)
Secret of the Golden Flower (Wilhelm e Jung), [47](#)
Segunda Guerra Mundial, [49](#), [50](#), [88](#)
Self, [39](#), [88](#), [95](#); ego e, [88](#), [91](#); uso do termo, [88](#)
Sentimentos, [8](#), [25](#), [39](#), [52](#), [76](#), [89](#), [101](#), [108](#), [117](#), [234](#), [240](#)
Septem Sermones ad Mortuou, [34](#)
Sexo (sexualidade), [159-170](#); teoria freudiana sobre, [29](#), [69](#)
Signo, [103](#)
Símbolos, [58](#), [76](#), [79](#), [97](#), [113](#); religião e, [187](#), [193](#), [195](#)
Símbolos de transformação (Jung), [31](#)
Simon Bem Jochai, [212](#)
Sincronicidade, [53](#), [213](#), [216](#), [225](#); sincronicidade: An Acausal Connecting Principle (Jung), [54](#)
Sintomas, [142](#)
Socialização, [182](#)
Sofrimento, [135](#), [159](#), [250](#)
Sombras, [90](#), [100](#); comportamento, [112](#), [176](#)
Sonhos (visões), [29](#), [32](#), [33](#), [36](#), [44](#), [48](#), [85](#); mandala e, [90](#), [91](#); significado (interpretação) dos, [67](#), [68](#), [103](#), [104](#), [106](#), [107](#), [113](#), [114](#); estrutura mitológica, [107](#); prognóstico de, [109](#); sexualidade e, [169](#)
Stevenson, Robert Louis, [156](#)
Sublimação, [130](#)

T

Tabula rasa, [72](#), [115](#), [232](#), [236](#)
Talmud, [50](#)
Tao, [53](#), [225](#)
Tecnologia, bem estar social e, [230](#)
Telepatia, [54](#), [219](#)
Televisão, [183](#), [233](#)
Tempestades, [188](#)
Tempo (interior) subjetivo, [42](#)
Tempo, [41-43](#), [85](#), [203](#), [214](#)
Teologia, [17](#), [66](#), [191](#)
Teorias da psicologia, [66](#), [67](#), [74](#), [75](#)
Teoria da relatividade, [53](#), [69](#)
Terapia de grupo, [182](#)
Terapia do sonho em vigília, [36](#)
Teste de associação de palavras, [25](#), [27](#)
Tipos psicológicos, [39](#)
Tolerância, [252](#)
Totalidade, [138](#)
Totalitarismo, [229](#)
Trabalho, [63](#), [127](#), [239](#)
Transcendentalismo, [218](#)
Transferência, [178](#)

U

Ultravioleta psíquico, [79](#)
Undiscovered Self, The (Jung), [56](#)
União Soviética, [57](#)
Universidade da Basileia, [19](#), [22](#)
Universidade de Calcutá, [45](#)
Universidade de Zurique, [25](#), [33](#)
Utilidade, como ideal pessoal, [134](#)

V

Velhice, [58](#), [70](#), [135](#), [215](#)
Verdades, [114](#), [152](#), [247](#)
Verdades racionais, [114](#), Vidas simples, [239-255](#)
Vida de sucesso, [239-255](#)
Visualização criativa. *Veja* Imaginação ativa

W

Wagner, Richard, [149](#)
Wilhelm, Richard, [42](#), [47](#)
Wolff, Toni, [32](#), [57](#)

Z

Zen Budismo, [185-186](#)
Zentrablatt, [49](#)

Obras da Editora

A ACEITAÇÃO DE SI MESMO E AS IDADES DA VIDA, *Romano Guardini*

A ÁRVORE DO CONHECIMENTO - AS BASES BIOLÓGICAS DA COMPREENSÃO HUMANA, *Humberto R. Maturana e Francisco J. Varela*

A CONQUISTA PSICOLÓGICA DO MAL, *Heinrich Zimmer*

A GRINALDA PRECIOSA, *Nagarjuna*

AMAR E BRINCAR - FUNDAMENTOS ESQUECIDOS DO HUMANO, *Humberto R. Maturana e Gerda Verden-Zöller*

AMKOULEL, O MENINO FULA, *Amadou Hampâté Bâ*

ANAIS DE UM SIMPÓSIO IMAGINÁRIO, *Beto Hoisel*

ANATOMIA DA CULTURA, *Aldo Bizzocchi*

ARIANO SUASSUNA - O CABREIRO TRESMALHADO, *Maria Aparecida L. Nogueira*

A ROCA E O CALMO PENSAR, *Mahatma Gandhi*

AS MÁSCARAS DE DEUS - MITOLOGIA PRIMITIVA - VOL. 1, MITOLOGIA ORIENTAL - VOL. 2, e MITOLOGIA OCIDENTAL - VOL. 3, *Joseph Campbell*

AS PAIXÕES DO EGO - COMPLEXIDADE, POLÍTICA E SOLIDARIEDADE, *Humberto Mariotti*

AUTOBIOGRAFIA - MINHA VIDA E MINHAS EXPERIÊNCIAS COM A VERDADE, *Mohandas K. Gandhi*

BOAS MISTURAS, *Morgana Masetti*

BUDISMO SEM CRENÇAS - A CONSCIÊNCIA DO DESPERTAR, *Stephen Batchelor*

BUTOH, DANÇA VEREDAS D'ALMA, *Maura Baiocchi*

CARTA A UM AMIGO, *Nagarjuna*

CULTIVANDO A MENTE DE AMOR, *Thich Nhat Hanh*

DEUSES DO MÉXICO INDÍGENA, *Eduardo Natalino dos Santos*

DHAMMAPADA, *Trad.: Nissim Cohen*

DIÁLOGO - COMUNICAÇÃO E REDES DE CONVIVÊNCIA, *David Bohm*

ÉTICA, SOLIDARIEDADE E COMPLEXIDADE, *Edgar Morin et al.*

FALSAFA: A FILOSOFIA ENTRE OS ÁRABES, *Miguel Attie Filho*

FILOSOFIAS DA ÍNDIA, *Heinrich Zimmer*

FORJADORES ESPIRITUAIS DA HISTÓRIA, *Ignacio da Silva Telles*

GANDHI: PODER, PARCERIA E RESISTÊNCIA, *Ravindra Varma*

HÉRACLES, DE EURÍPIDES, *Cristina Rodrigues Franciscato*

MENTE ZEN, MENTE DE PRINCIPIANTE, *Shunryu Suzuki*

MINHA TERRA E MEU POVO, *Tenzin Gyatso, XIV Dalai Lama*

MITOS E SÍMBOLOS NA ARTE E CIVILIZAÇÃO DA ÍNDIA, *Heinrich Zimmer*

MUITO PRAZER, SÃO PAULO! GUIA DE MUSEUS E INSTITUIÇÕES CULTURAIS DE SÃO PAULO, *Simona Misan e Thereza C. Vasques*

O CAMINHO É A META: GANDHI HOJE, *Johan Galtung*

O CORAÇÃO DA FILOSOFIA, *Jacob Needleman*

O DESAFIO DA COMUNICAÇÃO, *Mauro Maldonato*

O LIVRO TIBETANO DO VIVER E DO MORRER, *Sogyal Rinpoche*

O PODER DO MITO, *Joseph Campbell e Bill Moyers*

O VALOR DAS EMOÇÕES, *M. Stocker e E. Hegeman*

ORAÇÃO CENTRANTE, *M. Basil Pennington*

OS OLHOS DO CORAÇÃO, *Laurence Freeman*

PÁGINAS DE UMA VIDA, *Ignacio da Silva Telles*

PARA UMA PESSOA BONITA, *Shundo Aoyama Rôshi*

SAN JUAN DE LA CRUZ, O POETA DE DEUS, *Patrício Sciadini, OCD*

SOLUÇÕES DE PALHAÇOS, *Morgana Masetti*

TRANSDISCIPLINARIDADE, *Ubiratan D'Ambrosio*

VESTÍGIOS - ESCRITOS DE FILOSOFIA E CRÍTICA SOCIAL, *Olgária Matos*

YOGA - IMORTALIDADE E LIBERDADE, *Mircea Eliade*

THOT, *Publicação de ensaios*

CO-EDIÇÃO – PALAS ATHENA/EDUSP:

DIÁLOGOS DOS MORTOS, LUCIANO, *Henrique G. Murachco*